



**Universidade do Porto**

**Faculdade de Desporto**

## **Relatório de Estágio Profissionalizante**

Relatório de Estágio Profissionalizante apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com vista à obtenção do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, ao abrigo do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março e do Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de Fevereiro.

**Orientador:** Mestre José Guilherme Oliveira

**Professora Cooperante:** Mestre Fernanda Borges

**Diogo Santos Cunha**

**Porto, Setembro de 2010**

### **Ficha de Catalogação**

Cunha, D. (2010). *Relatório de Estágio Profissionalizante*. Porto: D. Cunha. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**PALAVRAS-CHAVE:** ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, OBSERVAÇÃO.

## **Agradecimentos**

Ao Professor José Guilherme, pela ajuda e disponibilidade,

À Professora Fernanda, por tudo o que me ensinou ao longo deste processo e pelo apoio constante,

Ao Bruno Ferreira e à Mary Bento, os meus colegas de Estágio, por todo o apoio e pelo excelente espírito de grupo que permitiram um ambiente de trabalho fantástico ao longo de todo o ano, que por certo se prolongará pela vida,

Ao grupo de Educação Física da Escola E.B. 2/3 Teixeira Lopes, por me ter demonstrado o verdadeiro significado da palavra “grupo”,

À D. Cândida, pela ajuda na tradução,

Aos meus amigos, pelo apoio incondicional,

A ti Mi, porque estás do meu lado,

Ao meu Tio, Jacinto, por me ter despertado o amor pelo Desporto,

À minha Irmã, por ser tão diferente de mim e mostrar-me outra perspectiva das coisas e

Aos meus pais, pela educação e oportunidades que, com muito esforço e vontade, me deram possibilitando-me tornar naquilo que hoje sou:

Feliz.

## **Obrigado**



**Os Professores não são valorizados socialmente como merecem, não surgem nos noticiários que passam na televisão, vivem no anonimato da sala de aula, mas são os únicos que têm o poder de causar uma revolução social. Com uma das mãos escrevem no quadro, com a outra movem o mundo, pois trabalham com a maior riqueza da sociedade: a juventude.**

**Cada aluno é um diamante que, bem lapidado, brilhará para sempre.**

Cury, 2006, p.99



## Índice Geral

	<b>Resumo</b>	xv
	<b>Abstract</b>	xvii
<b>1</b>	<b>Introdução</b>	19
<b>2</b>	<b>Enquadramento biográfico</b>	27
2.1	Percurso pessoal	29
2.2	Expectativas em relação ao estágio Profissional	33
<b>3</b>	<b>Enquadramento da prática profissional</b>	37
3.1	Contexto legal	42
3.2	Contexto institucional	42
3.3	Contexto funcional	43
3.4	Estabelecimento de ensino	44
3.5	Pessoal docente	47
3.6	A turma	47
<b>4</b>	<b>Realização da prática profissional</b>	51
<b>4.1</b>	<b>Área 1 – Organização e gestão do ensino e aprendizagem</b>	54
4.1.1	Conhecer mais aprofundadamente a organização “escola”	55
4.1.2	Sentir e perceber as dificuldades do Professor na aula	57
4.1.3	Melhorar a capacidade de observar	60
4.1.3.1	Projecto de Ensaio - Observação	61
4.1.3.1.1	O observador	63
4.1.3.1.2	Métodos e instrumentos de observação	65
4.1.3.1.3	<i>Feedback</i> pedagógico	67
4.1.3.2	Projecto de Estudo - Observação	68

4.1.3.2.1	Amostra, material e métodos	68
4.1.3.2.2	Apresentação e discussão dos resultados	71
4.1.3.2.3	Conclusão	74
4.1.3.2.4	Sugestões para futuros trabalhos	75
4.1.4	Utilizar melhor a voz	76
4.1.5	Exteriorizar alegria	78
4.1.6	Melhorar comunicação oral	79
4.1.7	Criar rotinas	81
4.1.8	Construir documentos de estágio e mantê-los organizados e actualizados	83
4.1.9	Fazer a caracterização da turma	85
4.1.10	Concepção, Planeamento, realização, avaliação, reflexão	87
4.1.10.1	Estratégias de instrução	92
4.1.10.2	Metodologias	94
4.1.10.3	Avaliar	96
4.1.10.4	Finalizando	98
<b>4.2</b>	<b>Área 2 – Participação na escola</b>	<b>99</b>
4.2.1	Participação em diversas reuniões	99
4.2.2	Participar em acções de formação	102
4.2.3	Colaboração com o Director de Turma	104
4.2.4	Participar nas actividades escolares	105
4.2.4.1	Corta-mato (1º Período)	106
4.2.4.2	Megasprinter e Mega Salto (2º Período)	107
4.2.4.3	Compal Air (2º Período)	109
4.2.4.4	Torneio de Andebol 4x4 (2º Período)	110



4.2.4.5	Dia Mundial da Dança (3º Período)	111
4.2.4.6	Meeting de Atletismo (3º Período)	112
4.2.4.7	Sarau de Encerramento (3º Período)	113
4.2.5	Planear e leccionar 6 aulas de Formação Cívica	114
4.2.6	Participação no Desporto Escolar	117
<b>4.3</b>	<b>Área 3 – Relação com a comunidade escolar</b>	121
4.3.1	Caracterização da escola e meio envolvente	121
4.3.2	Desenvolvimento de uma acção de solidariedade social	122
<b>4.4</b>	<b>Área 4 – Desenvolvimento Profissional</b>	124
4.4.1	Condução das aulas de Educação Física	126
4.4.2	Conhecer mais aprofundadamente a organização “Escola”	130
4.4.3	Construir manter organizados os documentos de estágio	131
4.4.4	Esclarecer dúvidas acerca da Profissão	132
<b>5</b>	<b>Considerações finais e perspectivas para o futuro</b>	137
<b>6</b>	<b>Referências bibliográficas</b>	143



## Índice de figuras

<b>Figura 1</b>	Campo de jogos exterior	44
<b>Figura 2</b>	Pavilhão gimnodesportivo (vista exterior)	44
<b>Figura 3</b>	Balneário	45
<b>Figura 4</b>	Pavilhão gimnodesportivo (vista interior)	45
<b>Figura 5</b>	Acção de formação de Kin-Ball, badminton, speedminton e actividades rítmicas expressivas	103
<b>Figura 6</b>	Corta-mato (fase escola)	106
<b>Figura 7</b>	Megasprinter (fase escola)	108
<b>Figura 8</b>	Mega Salto (fase escola)	108
<b>Figura 9</b>	Torneio Compal Air 3x3 (fase escola)	109
<b>Figura 10</b>	Coreografia da música “I gotta feeling” com os alunos da escola	111
<b>Figura 11</b>	Hora de dança aberta para toda a comunidade escolar	111
<b>Figura 12</b>	Confecção da sopa na L.B.V.	123
<b>Figura 13</b>	Grupo de estágio e D. Beatriz na L.B.V.	123



## **Índice de quadros**

<b>Quadro 1</b>	Professores de Educação Física (2009/ 2010) da Escola E.B. 2/3 Teixeira Lopes	47
<b>Quadro 2</b>	Resultados da observações	72



## Resumo

O Relatório de Estágio é lavrado com base na experiência que o aluno, futuro Professor, vivencia ao longo de um ano lectivo desempenhando, pela primeira vez, as funções docentes. O Estágio Profissional entra na formação inicial do Professor como o culminar da aprendizagem realizada no percurso da sua vida académica. Como nunca antes tinha sido, o aluno é confrontado com a realidade da sua profissão, experimenta as suas capacidades e conhece as suas dificuldades, num contexto real de ensino e aprendizagem.

Ao longo do processo o estagiário é sempre acompanhado por uma profunda reflexão constante sobre as suas decisões e acções, reflexão essa que é guiada pela Professora Cooperante e pelo Orientador.

Esta reflexão não deve ser apenas uma condição da Unidade Curricular ou um elemento de avaliação. Ser reflexivo deve ser uma forma de estar na Educação. Deve ser uma condição para que o estagiário se transforme num bom Professor.

No meu caso particular o Estágio Profissional em Educação Física decorreu na Escola E.B. 2/3 Teixeira Lopes, em V. N. de Gaia, onde me foi atribuída a turma 4 do 8º ano. Os meus colegas de estágio foram o Bruno Ferreira e a Mary Bento, formando o grupo de estágio orientado em constante proximidade pela Professora Cooperante, a Mestre Fernanda Borges, e pelo Orientador da faculdade, o Mestre José Guilherme Oliveira.

Os objectivos a que eu me propus no início deste ano lectivo são a base da organização deste documento. Ele é dividido em 5 pontos fundamentais, sendo que o ponto 4, mais extenso, é formulado a partir da reflexão do trabalho desenvolvido ao longo do estágio. Aqui tentarei fazer o balanço entre os meus objectivos iniciais e o quanto cresci profissionalmente neste longo processo no que a cada um deles diz respeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, OBSERVAÇÃO.





## **Abstract**

This document was elaborated based on the experiment that the student, the future teacher, developed during an entire year of working as a Teacher for the first time. The Professional Training Period is the final stage of the Teacher's academic learning. Like never before, the student is confronted with his professional reality, he experiences his capacities and gets to know his professional difficulties on the real context of education.

Throughout the process the Junior Teacher walks side by side with a profound and constant reflection of his decisions and actions, which is always guided by the School Cooperating Teacher and the Faculty Tutor.

The reflection process shouldn't be only a need for the curricular unit or just an evaluation factor. To be reflexive must be a way of working in education. This must be a condition for the trainee to become a great Teacher.

In my particular process the Training Period on Physical Education occurred in the secondary school of Teixeira Lopes, in V.N.Gaia, working with class number 4 of the 8<sup>th</sup> grade. My training group was composed by myself and my fellow colleagues Bruno Ferreira and Mary Bento and was guided by Cooperating Teacher, Master Fernanda Borges, and the Faculty Tutor, Master José Guilherme.

The goals that I proposed to achieve in the beginning of the school year were the basis of the structure of this document and it is divided into 5 chapters. The 4<sup>th</sup>, the most extensive, is formulated based on the reflection of the work developed during the Training Period. I have now reached the process of confronting my initial goals and my professional growth in each one of them.

**KEY-WORDS:** PROFESSIONAL TRAINING PERIOD, PHYSICAL EDUCATION, OBSERVATION.



## **1.INTRODUÇÃO**



## 1.Introdução

O ano de Estágio Profissional é uma experiência única na vida de um estudante que anseia ser Professor. Se antes desta experiência tivera a certeza que a sua importância era soberba, hoje, na recta final, sinto que ela é bem maior do que aí imaginei.

Segundo Ribeiro (1989) *“A formação geral, entendida na sua modalidade de fundamento indispensável, supõe-se logicamente adquirida ao longo do sistema educativo, em período anterior à entrada na instituição de formação, o que não significa que o tal suporte formativo não deva ser ampliado no decurso da formação do candidato a Professor”*. (p.16) Nos primeiros anos do percurso académico o estudante vai adquirindo diferentes conhecimentos, provenientes das diferentes disciplinas que fazem parte do programa. Conhecimentos da prática, da didáctica, da pedagogia, entre outros não menos importantes, que acabam por não se interligar completamente uns aos outros de forma autónoma. No entanto, para um Professor ser competente todos os conhecimentos devem ser controlados, todos devem estar interligados, prontos a serem utilizados profissionalmente a qualquer altura e em qualquer situação, mesmo quando menos se espera. Não sabemos sempre de antemão quando irá ser necessário desfazer uma dúvida a um aluno, evitar um conflito entre alunos, escolher entre uma metodologia de ensino ou outra, adaptar exercícios às condicionantes próprias de cada turma ou fazer outra qualquer actividade docente. Como sugere Ribeiro (1989; p.33) O exercício das funções docentes e a prática de aptidões para ensinar requerem um considerável suporte de conhecimentos teóricos e de atitudes apropriadas, no entanto o centro da questão não está apenas em **“saber que”** mas em **“saber como”** e ainda **“saber porquê”**.

A segunda parte do mestrado, entenda-se, o Estágio Profissional, acaba por ser o elemento de ligação entre elas. É neste período que o estudante deve perceber claramente qual a importância de cada um desses conhecimentos diferentes, qual a importância em os dominar a todos e quais as suas dificuldades enquanto Professor. O estágio confronta o estudante com

dificuldades e complexidades muito próprias da actividade profissional, que lhe vão mostrar claramente uma diferença entre o ideal e o possível. Nem sempre as condições ou o espaço são ideais para leccionar, nem sempre os alunos são receptivos à aprendizagem, todos os dias são diferentes e os problemas são imprevisíveis. Estas características gerais da actividade do Professor decorrentes de um contexto real do sistema educativo, as condições locais das situações de educação e as relações interpessoais mais próximas da relação educativa obrigam a uma interligação de todas as áreas e domínios percorridos durante o prévio processo de formação, desenvolvendo assim a competência profissional e a consciência das suas capacidades e dificuldades profissionais.

O desenvolvimento dessas competências deve ser balizado pela reflexão e crítica constantes sobre as actividades profissionais desenvolvidas. O Professor é um ser errante e o ensino não é uma ciência exacta, pelo que a análise das acções mostra-se incontornável para aquele que quer melhorar as suas competências enquanto docente. O estágio coloca o estudante numa constante análise, reflexão e crítica às suas acções, para que se torne num ser capaz de sustentar as suas escolhas, perceber quando erra e quando é bem sucedido, e entender o que deve melhorar no futuro.

Desde logo fica claro que um dos objectivos do estágio é colocar o aluno em confronto com a necessidade de estar continuamente a aprender, a educar-se, ou reeducar-se, a moldar a sua personalidade, os seus saberes de forma a adaptar-se ao que lhe vai sendo exigido. No seguimento deste, o seu objectivo central é, sem dúvida, a integração do Professor Estagiário no exercício da vida profissional, de uma forma progressiva, faseada e orientada em proximidade, dentro de um contexto real, promovendo e catalisando as capacidades e competências docentes do futuro Professor através de uma reflexão e crítica constantes, que o torne capaz de responder a desafios e exigências profissionais.

*“A natureza da formação geral reside em poder constituir-se simultaneamente como suporte e enriquecimento da formação profissional do docente, visando promover o alargamento dos horizontes de compreensão do*

*meio físico, social e institucional onde se situa a sua actuação como Professor”.*  
Ribeiro (1989, p.16)

Olhando mais concretamente para o trabalho que o estudante estagiário tem de desenvolver e documentar ao longo deste processo os objectivos a que este se propõe vão-se especificando, conforme a área em questão. São consideradas 4 áreas de desempenho, cada uma sendo demarcada por determinados requerimentos a serem atingidos. A primeira - organização e gestão do ensino e aprendizagem - tem como objectivo construir uma estratégia de intervenção, orientada e fundamentada pelos saberes da pedagogia e da Educação Física, que ajude o estudante a conduzir com eficácia pedagógica o processo de educação e formação do aluno na aula de Educação Física. Para esta construção à que ter em consideração todo o envolvimento educativo local e todo o conhecimento adquirido até então. Torna-se necessário analisar a turma, a escola, o currículo, as instalações, o material, planear o ano, os períodos lectivos, as unidades didácticas, as aulas e os exercícios de cada aula.

A segunda área - participação na escola - onde o estagiário deve desenvolver competência, integra as actividades não lectivas que este experiencia dentro da comunidade escolar. Pretende aplanar a sua integração nessa mesma comunidade e contribuir para a promoção do sucesso educativo, reforçando o papel do Professor e da disciplina de Educação Física na escola, através de uma intervenção contextualizada, cooperativa, responsável e inovadora.

A terceira área de desempenho - relação com a comunidade - propõe-se a conhecer melhor as condições locais da relação educativa e a exploração da ligação escola meio. Engloba actividades que contribuam para um conhecimento do meio regional e local onde se desenrola a acção educativa. Neste âmbito o estudante estagiário deve procurar conhecer potencialidades da comunidade envolvente à escola, desenvolver o espírito de iniciativa e criatividade integrando diferentes possibilidades de intervenção envolvendo as

potencialidades da comunidade e da escola, visando a promoção de acções com relevância educativa para os seus alunos, dentro ou fora da escola.

Por último, na área desenvolvimento profissional, o estudante estagiário, futuro Professor, deverá perceber a necessidade do seu próprio desenvolvimento profissional, utilizando muito a reflexão acerca das condições e do exercício da actividade, da experiência, da investigação e de outros recursos de desenvolvimento profissional. Pretende-se que crie hábitos de investigação, reflexão, acção, fortalecendo as suas competências enquanto pedagogo, promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, colaboração com pares e abertura ao diálogo e inovação. Um Professor disposto a aprender terá caminho aberto para ser melhor profissional, e isso não é uma condição exclusiva da docência. Para a materialização deste objectivo o estudante terá oportunidades, por exemplo, para partilhar problemas e discuti-los com pares mais experientes, desenvolver competências de argumentação e comunicação, ou identificar problemáticas de estudo argumentando a sua pertinência prática, contextual e teórica.

O estágio profissional é facilmente percebido como um momento com uma potencialidade enorme para a aprendizagem. É um momento em que o aprendiz tem a oportunidade de experimentar, cometer erros, reflectir, aprender e modificar a acção futuramente. Uma sucessão de erros corrigidos que vai construir um conhecimento sólido. É condição necessária, para essa aprendizagem, a lembrança dos erros cometidos, pois aquele que não se lembra dos erros cometidos no passado, em aulas anteriores, está condenado a revivê-los. Assim é importante a reflexão e a documentação dessa reflexão. Ao longo de todo o ano o estagiário reflecte quase a totalidade das suas acções profissionais e redige essas reflexões. Os relatórios das aulas, das actividades e de outras experiências constroem uma pasta importantíssima para o futuro profissional do futuro Professor. Nesta lógica o relatório de estágio aparece, no final do ano lectivo, como a súmula de todo o trabalho que foi realizado, como a reunião daquilo que foi aprendido, como resultado da constante sedimentação de conhecimentos. Depois de ser confrontado com as dificuldades profissionais ao longo das aulas leccionadas e outras actividades,



depois de ser posto à prova e ter sentido as suas limitações enquanto docente, o estudante vê-se perante um último desafio, perceber o que aprendeu com essas experiências, perceber se conseguiu melhorar as suas competências profissionais e atingir os objectivos, aos quais se propôs no início desta jornada relativos à percepção das suas próprias dificuldades. Num dos primeiros trabalhos desenvolvidos neste ano, o Projecto de Formação Individual (PFI), o estudante reflectiu acerca das suas capacidades e dificuldades e apontou a si próprio o que havia a melhorar e onde se propunha chegar com o trabalho a desenvolver ao longo do ano. O relatório de estágio surge como resposta a esse trabalho, mostrando a evolução do estagiário e tentando explicá-la fundamentadamente, sustentando as opções tomadas, defendendo o trabalho docente realizado.

Este documento é fruto de um ano de trabalho e de uma reflexão profunda acerca da experiência que foi ser professor estagiário na Escola E.B. 2/3 Teixeira Lopes, em Vila Nova de Gaia. Desde a primeira reunião, a primeira aula, o primeiro período do ano lectivo que o aluno se moldou a si próprio, aprendeu, corrigiu comportamentos, adquiriu outros, conheceu gente nova com ideias diferentes e cresceu como pessoa e, sobretudo, como profissional. Agora chegou a hora de se debruçar sobre essa experiência e perceber se os objectivos propostos no início foram atingidos, o que poderia ter sido melhorado, o que correu melhor, o que foi aprendido...



## **2. Enquadramento Biográfico**



## **2. Enquadramento biográfico**

### **2.1 Percurso pessoal**

O aluno que hoje escreve estas linhas é, sem sombra de dúvida, uma pessoa muito diferente daquela que há cerca de 5 anos entrou, invadido por uma felicidade esmagadora, pela primeira vez na Faculdade de Desporto. O percurso que percorri desde então foi muito produtivo, preencheu espaços vazios com conhecimentos imprescindíveis para me tornar num Professor competente. Conhecimentos da prática, da pedagogia, da didáctica, da fisiologia, da aprendizagem e do treino, que passaram a fazer parte de uma bagagem de instrumentos prontos a serem utilizados.

Desde criança que o desporto brilhava nos meus pensamentos como nenhuma outra área. Ainda sem saber que seria esse o caminho profissional que escolheria, lembro-me claramente que um dia, à entrada para uma aula de E. Física no 5º ano, na Escola E.B. 2/3 de Valadares, me invadiu um sentimento e imaginei o quão fantástico seria passar o dia a trabalhar no pavilhão de Educação Física. Hoje percebo que a partir daí, ainda que de forma não consciente, comecei a desenvolver comportamentos reveladores de que algo me puxava para o Desporto. A compra dos manuais escolares de Educação Física, por exemplo, que nunca foram necessários para as aulas, foi sempre realizada, mesmo quando o meu pai duvidava da sua utilidade. No final do ano estes foram sempre arrumados em locais diferentes dos outros, isto é, mais à mão. E hoje aqui estão, em cima da secretária, prontos a serem consultados, como já foram tantas vezes. Sobrevalorizei a disciplina de E. Física em relação às demais.

Além do percurso escolar também a casa onde cresci teve uma influência muito grande na escolha do meu percurso académico através do seu campo de futebol de 7 relvado, originado pelo meu pai e seus amigos durante a juventude, onde a prática desportiva sempre foi uma constante. Esta experiência precoce acabou por me incutir uma necessidade constante de jogar, de correr, de brincar e de saltar, e de estar com pessoas à minha volta. Ainda hoje esse campo e essa prática existem, agora co-geridos por mim, com

um projecto de uma escolinha de futebol e outros pequenos projectos relacionados com o espaço circundante. Posso dizer que nasci com o desporto à porta, que este sempre fez parte da minha vida, tal como os muitos amigos que comigo o partilham e preenchem. Não um desporto de pura competição ou de rendimento, mas numa vertente de prazer, lúdica. Tanto assim é que gosto de me intitular de desportista, e não de atleta. Amo o desporto, mas não sou fã da competição exacerbada. Vejo-o e pratico-o como fonte de prazer, de saúde, de convívio, de educação motora. “Corro” por gosto, não por obrigação, e faço os alunos “correr” tentando que estes partilhem desta minha visão. Gosto da alta competição e considero-a o expoente máximo do Desporto, enquanto esta se balizar pelos princípios éticos e desportivos da disciplina e fair-play, mas não me vejo enquadrado nesse tipo de prática de outro ângulo a não ser o do espectador.

Nutro, sem dúvida, atracção pela prática desportiva na sua realidade polimórfica, mas isso nunca me levou a ser um aluno participativo nos acontecimentos escolares, e outros, ligados ao desporto. Não consigo explicar este facto a não ser com o espaço e principalmente com as actividades desportivas que sempre se desenvolveram à minha volta, em minha casa com os meus amigos. Todas as semanas havia jogos no sábado e no domingo, além disso, e mal chegavam os dias de calor, o meu grupo de amigos não perdia oportunidades para andar de bicicleta ou jogar futebol nos variados campos que tinha à disposição nas redondezas de nossas casas, chegando mesmo a organizar pequenos torneios. Com todas estas actividades eu nunca senti necessidade de participar no desporto escolar, por exemplo. Aliás, o desporto escolar era visto por mim como um entrave às actividades que referi. Além disso, no único ano em que fui atleta federado de futebol de 11 a mágoa de não estar presente nos jogos de sábado à tarde, com os amigos, primos e outros, era tão grande que conduziu à minha desistência.

Nesse mesmo campo, ainda era eu uma criança quando o meu pai, em conjunto com um tio, criou uma equipa de futebol, da qual eu mesmo fiz parte. Tudo era caseiro, o meu tio, licenciado há bem pouco tempo nesta mesma instituição, encarregava-se dos treinos e o meu pai substituía-o sempre que

necessário. Não posso dizer com certeza, mas presumo, que foi a partir dessa altura que comecei a criar em mim mesmo um professor. A figura do meu tio a liderar aquele pequeno grupo, aos meus olhos, fê-lo chegar a ídolo. Sempre o vi como um exemplo, um exemplo a seguir. Eu queria ser como ele. Na altura ainda não sabia o que isso significava, não sabia que era preciso trabalhar para ganhar dinheiro, ou mesmo que era necessário ganhar dinheiro. Apenas sentia que gostava daquilo, de fazer aquilo, de ser como ele. Mais tarde acabou por ser ele quem me ensinou, e a mais alguns amigos, a nadar, facto que só veio reforçar este sentimento.

Anos depois, uma segunda tentativa para criar essa equipa de jovens, desta vez com um terceiro elemento a fazer parte dos dinamizadores, eu. Foi assim que pelos 15-16 anos tive a primeira experiência como treinador, melhor dizendo, como acompanhante, adjunto do meu tio. Esta situação veio enaltecer ainda mais o sentimento de admiração que nutria por ele e promoveu uma forte relação entre mim, o desporto e a docência. Nesta altura comecei a colocar questões, a sentir uma enorme vontade de aprender mais, não como aluno mas como futuro professor. Começou a tornar-se sério o desejo de seguir desporto. Actualmente o grupo continua, sendo que sou eu o principal dinamizador. Esta experiência foi, e continua a ser, de uma importância soberba no meu processo porquanto me munuiu com competências e conhecimentos ligados à docência, como a gestão de um grupo, como transmitir informação a crianças, como lidar com elas e com os encarregados de educação, como evitar ou extinguir conflitos, e como estar preparado para aprender coisas novas a cada sessão de treino.

A minha proximidade com o desporto e com a actividade docente foi, como se vê, construída desde tenra idade, e manteve-se ao longo dos anos. Penso que desde aí apenas tive algumas pequenas dúvidas no momento mais decisivo, a entrada para a faculdade, após o 12º ano. Na altura senti que estava prestes a tomar uma das decisões mais importantes da minha vida, pois sendo o desporto a minha área de trabalho questioneei-me se seria viável. Que futuro me traria? Acima de tudo queria assegurar um futuro tranquilo e não tinha a certeza se o desporto seria uma boa opção. Nessa altura desconhecia a

realidade tão abrangente que é o desporto. Acabei por decidir seguir o coração e hoje não me arrependo, bem pelo contrário. Descobri áreas de intervenção do desporto que nunca imaginei poderem existir. Descobri que o desporto está na moda e todas as desculpas são boas para o praticar. Não quero, com isto, dizer que tenho o futuro garantido, porque sei que não tenho, mas não tenho medo. Penso que fiz uma boa opção.

O percurso na faculdade não foi linear, nele vivi experiências e sentimentos muito diferentes. De início estava orgulhoso por ter conseguido entrar na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, adorei o ambiente, conheci colegas com muito mais experiência que eu, colegas atletas, conhecidos do grande público, outros como eu, “apenas desportistas”, e outros, que não tinham tantas certezas como eu no que toca à opção tomada. Durante os primeiros 4 anos do curso o vazio de conhecimento que eu tinha foi sendo preenchido. Contactei com Professores fantásticos, com um saber enorme, que me ajudaram na construção de conhecimentos e competências. Foi durante este período que a palavra “Professor” passou a ser alvo de admiração aos meus olhos como nunca antes tinha sido. Chamar “S’tor” a um Professor, como até aí tinha feito, soava-me extremamente mal. A um Professor deve-se respeito, é uma profissão nobre. Para mim os Professores são a base duma sociedade estável e sustentada, e tenho pena que a sociedade contemporânea não pense assim. Dessa forma sempre vi o ano de estágio como um ano fulcral, o mais importante de todos até porque a estruturação do curso em 5 anos, em que o último era o ano de estágio pedagógico, assim o indicava. Contudo a meio do percurso, com a entrada em vigor do processo de Bolonha, as coisas alteraram-se e acabei por ter outras oportunidades de escolha, decidindo, ainda assim, enveredar pelo ensino. O nome é outro, as habilitações são outras, mas o cerne da questão é o mesmo. Um ano como professor numa escola, num clima real de ensino e aprendizagem, com os problemas reais e alunos concretos. Sempre olhei para o estágio com enorme respeito e modéstia e presumi que para ser um Professor completo teria de estar disponível para aprender.



## 2.2 Expectativas em relação ao Estágio Profissional

Para um Professor ser Professor há uma condição irrevogável, ter sido aluno. Hoje, quase no término do estágio sinto-me um privilegiado por ter podido viver esta experiência de ser aluno e Professor em simultâneo. No início estava bastante ansioso e percepcionava este último ano do curso repleto de experiências que iriam transformar, pouco a pouco, o aluno em Professor. Não sabia como, nem quais as instruções que iria receber, ou qual seria o meu desempenho, mas estava receptivo à aprendizagem. Confesso que nalguns dias duvidava das minhas capacidades enquanto docente, mas noutros sentia-me o mais capaz dos alunos. Acima de tudo via o estágio como fonte infindável de conhecimento e saber pois apesar de ter recebido muitas ferramentas de trabalho, não sabia exactamente quais utilizar e em que momentos. Apenas podia imaginar o porquê de as pôr em prática, e tinha a certeza que o estágio me iria esclarecer estas incertezas e inexperiências. Nunca esperei ser o melhor dos Professores à chegada ao estágio, mas queria chegar o mais próximo possível dessa condição, e sabia que a experiência como treinador jogava a meu favor. Na altura senti que tudo estava preparado para poder aprender, para poder cometer erros e corrigi-los, para abraçar novos conhecimentos e ideias, para conhecer novas pessoas, novos professores, para conhecer alunos que além de aprender comigo me ensinassem, mesmo sem o saberem. Estava pronto a ser “moldado”, para me transformar num “Professor”.

Apesar da experiência adquirida antes do estágio é ele, por excelência, que faz o aluno crescer e aproximar-se da condição de Professor. Acima de tudo aquilo que eu esperava antes de ter começado a desenvolver o meu estágio era aprender muito. Não em termos específicos das modalidades, não em termos teóricos, antes aprender aquilo que faz falta ao Profissional que é o Professor para desenvolver o seu trabalho, aquilo que é indispensável, e que não se aprende nos livros. O conhecimento que o Professor deve possuir não é estanque, não é apenas teórico ou prático nem se reporta a apenas uma área. Shulman (1987), cit. por Graça (2001b), identifica 7 categorias do conhecimento do Professor, sendo que 4 se referem a informações e

conhecimentos necessários não ligados directamente à matéria de ensino, dizendo os restantes 3 respeito a categorias de conhecimentos directamente relacionados com o conteúdo da matéria. É nesses domínios que o Professor se deve especializar, é sobre esses conhecimentos que deve aplicar o foque da atenção ao longo do estágio. São esses conhecimentos que o aluno deve desenvolver ao longo desta experiência. Antes de mais o Professor deve conhecer o contexto educativo (1), seus fins, valores e objectivos (2). Deve ainda ser consciente do tipo de alunos com que se depara no dia-a-dia e da geração em que estão inseridos, pois estes são a matéria-prima do seu trabalho (3). Para o processo de ensino e aprendizagem decorrer necessita profundamente de um conhecimento pedagógico geral (4). É este último que distingue o Professor de um especialista numa matéria. Para “fazer” é necessário saber, no entanto, para ensinar é necessário “saber” e “saber ensinar”, ser capaz de transmitir os conteúdos. Não são casos isolados os especialistas de uma matéria incapazes de transmitir os seus conhecimentos aos seus discípulos. Nem sempre o óbvio o é para os outros, devendo o Professor conseguir perceber isso facilmente. Este conhecimento só pode ser trabalhado e desenvolvido em confronto directo com uma turma, sentindo as suas dúvidas no terreno, interagindo com os alunos directamente.

Por outro lado o conhecimento da matéria de ensino é imprescindível (5), bem como o conhecimento pedagógico desse conteúdo (6). O último conhecimento identificado por Shulman (1987) é o curricular (7), sendo este o responsável pela capacidade de contextualizar cada modalidade e nível de aprendizagem no conjunto de disciplinas que um aluno experimenta durante a sua escolaridade. Os conhecimentos, as capacidades e as disponibilidades motoras dos alunos variam consideravelmente com a idade, e com estes mudam também as exigências curriculares.

Esta classificação dos conhecimentos de Shulman (1987) pode não ser assim tão clara para um estudante no início do estágio. Há problemas profissionais que este desconhece, logo não pode adivinhar quais os saberes necessários a um Professor em actividade, há apenas uma noção que algo falta, que é necessário saber mais. No entanto um estudante estagiário sabe

que para leccionar tem que conhecer a matéria, tem que saber como ensinar essa matéria, tem que saber ensinar, num sentido mais lato, tem que conhecer o funcionamento da escola, tem que conhecer o currículo escolar e tem que conhecer os seus alunos. O que eu esperava do estágio era um aprofundamento destes conhecimentos de forma a conseguir lidar, no futuro, com os problemas decorrentes de actividade profissional de um Professor.



### **3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**



### 3. Enquadramento da prática profissional

**“A qualidade da formação, tanto inicial como contínua, constitui uma chave para o êxito de qualquer sistema educativo.”**

Albuquerque, Graça, & Januário (2005) p. 14

Uma sociedade em constante mudança implica para os Professores uma necessidade, também constante, de adaptação. Estes devem reajustar-se a novas transformações e ser, eles próprios, dinamizadores de novas transformações (Cunha, 2008). O papel e as funções do Professor já sofreram alterações significativas desde as sociedades pré-industrializadas, onde o papel e função do Professor era transmitir o “socialmente aceite”, um modelo de virtudes morais e religiosas. Desde a industrialização este papel passou a ser o de preparar o aluno para um mundo industrializado, artilhando-o com capacidades de ocupar funções e ocupações deste mundo novo (Cunha, 2008). O aumento da escolaridade obrigatória e das oportunidades educativas colocou novos desafios aos Professores porquanto os confrontou com uma escola de massas, com alunos provenientes de todos os estratos sociais. O Professor deixou de ser apenas um homem letrado, bem formado e bondoso e teve que tornar-se também selectivo, distinguindo os mais aptos e ajudando os menos aptos (Cunha, 2008).

Segundo Ruivo (1997, cit. por Cunha, 2008: p. 71) “O Professor, hoje, já não é encarado apenas como um especialista da matéria que ensina. É também um técnico altamente qualificado em diversas áreas do saber como:

- O domínio dos estilos do ensino;
- O conhecimento dos modelos da aprendizagem dos seus alunos;
- O conhecimento do desenvolvimento psicológico, condicionando as aprendizagens;
- O conhecimento das relações sociais que se estabelecem entre o aluno e a escola e entre esta e os diferentes agentes sociais que integram a comunidade;

- O domínio de técnicas e de processos de gestão de conflitos;
- O domínio de técnicas e de processos de gestão e administração escolar;
- O domínio de técnicas e de processos de avaliação dos produtos da aprendizagem e da eficácia das escolas;
- O conhecimento da gestão dos currícula e a busca de soluções inovadoras no desenvolvimento curricular;
- A perda das funções educativa e social dos resultados da aprendizagem e da instituição escolar”.

A mudança não pode ser vista como prejudicial pois a evolução e a inovação são hoje bem-vindas à escola já que elas representam o progresso e não mais reflectem uma “revolução” das sociedades conservadoras e fechadas. O Professor deve ser fundamento dessa mudança, dessa evolução, dessa “revolução”, no bom sentido da palavra, tanto na escola como na sociedade, onde o Professor não se descarta das suas obrigações profissionais (Cunha, 2008).

Ainda sob a perspectiva de Cunha (2008), “na teia da relação “bom” Professor/ formação (inicial/ contínua), podemos dizer que, hoje em dia, no contexto das nossas sociedades, caracterizadas pelas constantes e permanentes mutações (mais quantitativas do que qualitativas), todo o Professor tem necessidade de actualizar métodos, técnicas e conteúdos, bem como de efectuar uma permanente auto-avaliação, pois a simples prática de ensino não garante o seu melhoramento” (p. 99).

As situações com que um Professor se defronta dentro da escola, e, particularmente, dentro da sala de aula tornaram-se muito complexas, instáveis, únicas e imprevisíveis, caracterizadas pela especificidade do local, dos intervenientes e culturas. Esta diversidade e complexidade das situações exigem do Professor um conhecimento científico de qualidade, técnico, rigoroso, profundo e uma capacidade de análise e de reflexão, de questionamento contínuo, de resolução de problemas novos. Esta necessidade



impõe um novo conceito de Professor a que chamamos o *Professor Reflexivo* (Cunha, 2008). Contudo ser reflexivo não pode ser uma prática volátil, uma atitude temporária, inconsequente. Ela deve ser consistente, perene e consciente, tem de assumir-se como uma forma de estar na Educação (Albuquerque, Graça, & Januário, 2005). O Professor deve ser um profissional autocrítico, ponderando todas as suas acções educativas, estratégias e metodologias e os resultados provenientes da aplicação das decisões tomadas. Essa reflexão irá ser a base de um ensino de maior qualidade e de um desenvolvimento profissional uma vez que a acção educativa se vai adaptando às situações e melhorando a cada dia. O Professor deixou de ser um mero transmissor da informação, deixou de tentar fazer chegar a informação sempre através de um meio único, e passa a adaptar-se para conseguir ensinar, independentemente das características individuais dos alunos e da turma.

Como sugerem Albuquerque, Graça e Januário (2005) “o ensino reflexivo implica, assim, uma preocupação activa com objectivos e consequências, bem como com significados e com eficiência técnica. Combina a capacidade de questionar, com atitudes de espírito aberto e os Professores terão continuamente de regular, avaliar e rever com frequência a sua prática.” (p. 18).

O Estágio Profissional entra nesta temática como uma peça fundamental para a formação do Professor uma vez que é a primeira experiência do aluno num contexto real de aprendizagem, e pela primeira vez sente na pele os problemas resultantes do acto de ensinar. Saber desenvolver a capacidade de reflectir não é uma tarefa fácil, e muito menos se for em contexto formativo. Torna-se assim necessário ajudar o futuro Professor a extrair significado da sua experiência prática. O orientador deve facilitar ao estudante a compreensão do significado das experiências e da reacção desencadeada, construindo, a partir daí, novos esquemas e quadros de referência, de modo deliberado e racional (Cunha, 2008)

### **3.1 Contexto legal**

A prática profissional, sobre a qual o presente documento reflecte profundamente, surge como acontecimento culminante do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. O Decreto-Lei nº43/2007 de 22 de Fevereiro, pelo seu artigo 4º, define como titulares de habilitação profissional para a docência os titulares do grau de Mestre, na especialidade correspondente aos domínios a que se referem os nºs 5 a 17 do anexo do referido Decreto-lei, entre os quais se encontra o domínio da Educação Física e Desporto. A habilitação profissional para a docência, no domínio da Educação Física e Desporto, é condição fundamental para o desempenho da actividade docente.

Podem se candidatar ao acesso ao Ciclo de Estudos conducentes ao grau de Mestre todos os titulares do grau de licenciado ou equivalente legal, entre outros casos previstos, mencionados no Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março. Resumindo, para poder exercer a profissão docente torna-se necessário o grau de Mestre, sendo que para o obter é indispensável o ingresso e conclusão com sucesso de um curso de licenciatura.

As normas regulamentares do mestrado e as especialidades conferidas são fixadas por cada estabelecimento de ensino, pelo disposto no Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março.

### **3.2 Contexto institucional**

A Universidade do Porto, segundo o regulamento do segundo ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, confere o grau de Mestre, através da Faculdade de Desporto (FADEUP), sob o mesmo domínio, a quem obtenha, cumulativamente, aprovação em todas as unidades curriculares que integram o plano de estudos do respectivo ciclo de estudos e aprovação no acto público de defesa de Estágio Profissional. Essa aprovação habilita o estudante para a docência da Educação Física e Desporto nos referidos níveis de ensino e dá direito a um diploma de “Curso de Mestrado em Bases do Ensino da Educação Física e Desporto”.

A duração do ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre é de 4 semestres, correspondente a um total de 120 unidades de crédito ECTS (European Credit Transfer and Accumulation System) e integra 2 partes fundamentais. Uma primeira parte curricular, constituída por um conjunto organizado e fundamentado de unidades curriculares, a que correspondem 72 créditos ECTS do ciclo de estudos. A segunda parte do ciclo é composta pelo estágio, de Natureza Profissional, objecto de relatório final, correspondendo este binómio aos restantes 48 créditos ECTS do ciclo de estudos.

### **3.3 Contexto funcional**

O Estágio Profissional, unidade curricular onde decorre a Prática Profissional, é realizado em contexto real de aprendizagem, o que se torna possível devido aos protocolos de cooperação com uma rede de escolas do ensino básico e secundário que a FADEUP celebra. A orientação do Estágio Profissional, e respectivo relatório de estágio, é realizada por um docente da FADEUP, com grau de Doutor ou especialista com mérito reconhecido pela Comissão Científica na área científica do ciclo de estudos, em colaboração com um Professor da escola cooperante onde tem lugar a prática de ensino supervisionada (PES), designado por Orientador Cooperante. A avaliação do desempenho do estudante estagiário na PES é realizada pelo orientador da FADEUP, tendo necessariamente em consideração a informação do orientador cooperante e do coordenador do departamento curricular que engloba a área de Educação Física e Desporto.

No meu caso em particular a PES decorreu na Escola EB 2/3 Teixeira Lopes, que se localiza na freguesia de Santa Marinha, concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto. A freguesia de Santa Marinha localiza-se a norte do concelho de Vila Nova de Gaia.

Entre as 24 freguesias que constituem o concelho de Vila Nova de Gaia, Santa Marinha é certamente a de população mais densa - com cerca de 30 mil habitantes - indo desde a Ponte Maria Pia até aos limites da Afurada, na proximidade da Ponte da Arrábida.

No que ao meio desportivo se refere, a freguesia de Sta. Marinha possui vários clubes desportivos: Águias Sport de Gaia, Clube Desportivo do Candal, Clube Desportivo do Marco, Clube Desportivo do Torrão, Grupo Desportivo da Arrábida, Mesquiteiros Futebol Clube, Real Clube Fluvial Portuense, Sociedade Columbófila de Coimbrões, Sport Clube Porto, Sporting Clube de Coimbrões e Sporting Clube de Gaia. Ou seja é uma freguesia que proporciona um elevado número de clubes e as mais variadas modalidades desportivas, tais como: atletismo, andebol, basquetebol, futsal, futebol, ténis de mesa e pesca desportiva. Estas modalidades existem tanto em escalões seniores como nos escalões de formação. Também possui duas infra-estruturas próprias para a prática desportiva como o *Centro Cultural e Desportivo da Beira-Rio “Zé da Micha”* com um Polidesportivo ao ar livre e salas para a prática de Ténis de Mesa e jogos de salão e o *Urbicoope* com um Polidesportivo ao ar livre.

A Teixeira Lopes passou a Escola E.B. 2/3 pelo disposto no Decreto-Lei nº46 de 22 de Fevereiro de 1985, tendo passado a Escola-sede do “Agrupamento de Escolas Dr. Costa Matos” em Julho de 2003. Pertencem ainda ao mesmo agrupamento as escolas de 1º Ciclo das Matas, da quinta dos Castelos, das Devesas, da Bandeira e de Cabo-Mor. Estas duas últimas situam-se na Freguesia de Mafamude e as restantes em Stª. Marinha.

### 3.4 Estabelecimento de ensino.

No que se refere às instalações desportivas, nesta escola existe um campo de jogos exterior e um pavilhão gimnodesportivo, representados, respectivamente, pela Figura 1 e 2.

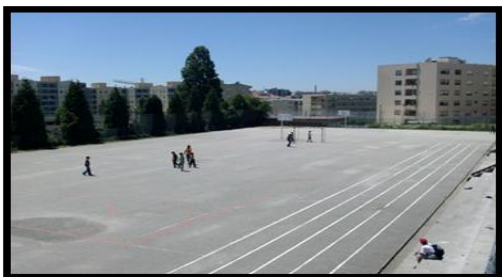


Figura 1 – Campo de jogos exterior



Figura 2 – Pavilhão gimnodesportivo (vista exterior)

O pavilhão gimnodesportivo é composto por: um balneário masculino e um feminino, representado na Figura 3, uma sala de professores, uma sala de arrecadação, um WC, uma bancada superior e um pavilhão de 40 m de comprimento e de 28 largura, possibilitando a utilização de três espaços de aula, como mostra a Figura 4.

O campo de jogos exterior é constituído por um campo de andebol/futebol 5, um campo de basquetebol, uma pista de atletismo de 150 m de comprimento e 5 m de largura, e uma bancada lateral.



Figura 3 - Balneário



Figura 4 – Pavilhão gimnodesportivo (vista interior)

### Gestão dos equipamentos do pavilhão

Toda a gestão dos equipamentos é feita baseada num regulamento que existe para o grupo de Educação Física. Caso esse regulamento seja constantemente desrespeitado, o professor em causa será chamado ao conselho executivo e, se for caso disso, será instaurado um processo disciplinar.

### Normas a adoptar na utilização de material e funcionamento da disciplina de E.F.

O pavilhão de Educação Física contempla um pequeno regulamento interno que deve ser respeitado por todos. Como estagiários foi importante conhecer estas regras internas para perceber onde estavam colocados os nossos limites, quais os comportamentos a adoptar em diferentes situações e as consequências de não respeitar o documento:

- Apenas professores e funcionários ou alunos quando somente acompanhados por um destes podem entrar na arrecadação de material. Em caso algum poderão os alunos entrar na mesma, sozinhos.

- É da responsabilidade do professor a solicitação do material ao funcionário ou se assim o entender ir buscá-los para a concretização da sua actividade profissional, bem como a recolha e guarda do mesmo após o término da aula. O professor é sempre responsável pela entrega de todo o material que utilizou durante a sua aula. Qualquer deterioração ou extravio deve ser comunicado ao funcionário que estiver ao serviço no momento.

- Relativamente à ocupação dos espaços, sempre que houver um espaço livre interior e as condições climatéricas assim o indicarem (chuva ou piso molhado) o professor deverá obrigatoriamente utilizar o espaço interior.

- O “roulement” de instalações deverá ser sempre cumprido devendo o professor ocupar o espaço que está atribuído à respectiva turma. Qualquer alteração só poderá ser feita em concordância com o docente que se encontrar em qualquer dos restantes espaços pedagógicos.

- O professor é responsável pela sua turma desde do início ao término da aula. O professor não poderá abandonar a aula e seus alunos antes do término da mesma.

Além do material e infra-estrutura desportiva a escola E.B. 2/3 Teixeira Lopes dispõe ainda de 5 pavilhões onde decorrem as aulas das restantes disciplinas, um dos quais alberga a sala dos professores e um pavilhão polivalente, amplo, onde se situam a papelaria, o bufete, a cantina, a biblioteca, a sala dos directores de turma, os órgãos de gestão da escola e um infantário.

A sala dos Professores tem um bar em funcionamento, para estes e para os funcionários, e uma sala de informática onde nós, estagiários, passamos grande parte do tempo deste ano de estágio. Esta sala foi quase como uma segunda casa. Lá podemos contar com uma fotocopiadora/impressora, que nos ajudou imenso durante este ano, um *data show* e uma mesa bem grande que proporcionava um óptimo local de trabalho para todos os Professores, além de 4 computadores à disposição dos mesmos.

### 3.5 O pessoal docente

O grupo de Professores de Educação Física da Escola E.B. 2/3 Teixeira Lopes era formado por 11 Docentes e ainda 2 substitutos e mais 3 estagiários, tal como mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Professores de Educação Física (2009/ 2010) da Escola E.B. 2/3 Teixeira Lopes

Professores de Educação Física		
<b>Masculino</b>	César Viegas	Bruno Ferreira (estagiário)
	José Gaulão	Diogo Cunha (estagiário)
	Pedro Sousa Santos	
	Rui Veloso	
<b>Feminino</b>	Alexandra/ Carlota	Maria João Maia
	Fernanda Borges	Maria Silva
	Isabel Neves	Sónia Calejo
	M <sup>a</sup> Paula Castro/Ricardo	Mary Bento (estagiária)

### 3.6 A turma

O 8º ano, turma 4, foi o grupo de alunos que me calhou “na sorte”. No dia 14 de Setembro de 2009 eu e os meus dois colegas estagiários tiramos um papel cada um com uma turma associada. O 7º7, o 8º4 e o 8º5. Todas estas turmas pertenciam à Professora Fernanda, a nossa Professora Cooperante. A sorte ditou que a Mary instrísse o 8º5 e o Bruno fizesse o mesmo ao 7º7.

Os meus alunos formavam um grupo bastante interessante, com algumas particularidades muito próprias. De uma forma geral posso dizer que é constituído por alunos inteligentes e com boas capacidades, mas também pouco interessados. Na minha opinião esta turma tinha muito mais capacidade do que aquilo que mostrou neste ano, aspecto que, apesar de tudo não me parece anormal devido ao escalão etário em causa. Com a entrada na adolescência os interesses e as prioridades dos alunos entram em confronto directo, resultando em muitas atitudes e opções, sob o meu ponto de vista, erróneas.

No plano individual eu realço três alunos, um com muitas capacidades e muito inteligente, tanto a nível intelectual como a nível motor, que ganhou o estatuto de melhor aluno da turma e manteve-o ao longo de todo o ano. Uma outra, uma aluna que não era muito dotada para o desporto mas combatia essa falta de capacidade com uma enorme aplicação e motivação nas aulas. E, no pólo oposto, uma aluna, a mais velha da turma, que além de revelar nitidamente menos capacidades que os colegas manteve sempre, todas as aulas, todo o ano, uma atitude muito passiva. Esta aluna passou pela experiência traumática de ver a mãe falecer num acidente, e isso, segundo os Professores, ainda a afecta sobremaneira. Aliado a esse trauma a situação em casa não ajudava em nada, com um pai culpabilizado pelo acidente, pela família da mãe, e ainda falta de muitos cuidados básicos de higiene.

Os restantes alunos destacaram-se apenas no plano comportamental. Nitidamente um deles era o “líder” da turma, aquele que consegue controlar os outros, de quem estes têm medo. Esse aluno era, na minha opinião, uma pessoa muito inteligente e cheia de capacidades, no entanto utilizava esses dotes para aquilo que lhe convinha, e nada mais. Digo isto porque ele não era mal-educado, e quando o tema da aula lhe interessava era capaz de o debater com o Professor sem dificuldade. No entanto esta situação raramente aconteceu. Nas aulas ele praticamente fazia apenas o que lhe apetecia. Nos conselhos de turma este aluno fazia com que se perdesse a maior percentagem de tempo em debate. Ele conseguia mesmo influenciar um pequeno grupo de alunos rapazes, que tentavam seguir-lhe os passos, mostrando sempre muito respeito por ele. No entanto estes não se mostravam tão difíceis de controlar, sendo que na ausência do primeiro estes raramente se portavam mal.

Ainda a destacar o comportamento das raparigas desta turma no que toca ao interesse e aplicação nas aulas. Salvo raras excepções este grupo de raparigas, bastante bem educadas, tinham uma fortíssima tendência para não se esforçar em nenhum exercício. Para conseguir que elas trabalhassem minimamente era sempre necessário puxar muito por elas, negociar ou mesmo ameaçar. Apesar disso eram bastante amistosas e muito simpáticas, aliás,



como grande parte dos alunos da turma. No entanto, e evoco aqui uma frase da Professora Cooperante, esta não era a turma dita “simpática” por natureza, isto é, não é uma turma que se liga muito ao Professor de uma forma natural. Se o Professor não dá o primeiro passo para se aproximar dos alunos estes também mantêm uma distância de conforto, que, na minha opinião podia ser um factor que dificultaria o bom ambiente das aulas. Assim eu sempre fiz o possível por interagir o mais possível com todos os alunos, dentro e fora da aula, para conseguir que estes não se mostrassem distantes para comigo. Penso que fui bem sucedido, a julgar pelo final do ano, quando alguns dos alunos me disseram em voz alta que sentiam orgulho em terem sido meus alunos. Naturalmente esse momento fica-me guardado na memória.



## **4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**



## 4. Realização da Prática Profissional

O dia 14 de Setembro de 2009 marca uma grande viragem na minha vida profissional e social. Nesse dia alguém me chamou Professor. Não terá sido a primeira vez que me chamaram Professor, mas num contexto real de ensino e aprendizagem, onde essa simples palavra ganha um tamanho e um peso tão grandes, foi com certeza. Esse momento, e todos os seguintes dessa semana, serão difíceis de esquecer. Professores com longos anos de carreira a chamarem-me colega, a pedir para tratá-los pelo nome, e na segunda pessoa, era algo que se me afigurava muito estranho. Todo aquele novo envolvimento suscitava um despertar de sentimentos que se debatiam uns contra os outros de forma que eu não compreendia nem controlava. Uma felicidade enorme, um orgulho inchado, um receio de não ser capaz, um respeito muito abrangente e uma pequenez colossal. Aí comecei a construir a ideia, muito clara, que tinha muito trabalho à minha frente. Não falo, aqui, do trabalho do estágio. Comecei a perceber o que realmente significava ser Professor, muito estava ainda por aprender.

No dia seguinte começou, no terreno, esta nova etapa. Pela primeira vez entrei no pavilhão como Professor. A sensação de ter todos aqueles alunos a olhar para mim, esperando que comesse a falar, conseguia ser, ao mesmo tempo, esmagadora e reconfortante. Assim que comecei a falar, ajudado, como sempre, pela Professora Cooperante, a sensação de esmagado desapareceu. Sabia porque estava ali, queria estar ali e iria agarrar esta experiência com toda a vontade. Começaram ali a nascer as minhas construções de novos problemas, de novas estratégias. Começou ali o trabalho do estágio propriamente dito. Começou a girar, naquele momento, a minha roda de oleiro...

### Áreas de Desempenho

O trabalho desenvolvido daí para a frente foi muito abrangente. Várias áreas do conhecimento entram em contacto, querendo colidir umas com as outras, mostrando-se cada uma mais pertinente do que anterior. Esse labor

poderia ser dividido de várias formas, mas desde o início deste ano lectivo que falamos em quatro áreas de actividade do estudante estagiário, e é sobre essas áreas que se debruçará esta reflexão final. Cada uma tem as suas especificidades, cada uma causou os seus problemas, cada uma pede soluções diferentes.

O desenvolvimento que se segue poderia ter sido organizado de várias formas diferentes. Eu optei por seguir uma lógica de responder a objectivos impostos por mim próprio, no início deste ano lectivo, no documento “Projecto de Formação Individual”. Assim o texto não traduz uma sequência cronologicamente lógica, organiza-se antes por objectivos.

#### **4.1. Área 1 – Organização e gestão do ensino e aprendizagem**

A primeira área é aquela que diz respeito ao trabalho lectivo do Professor. No início do ano, antes de começar com o estágio, se me perguntassem pelas componentes do trabalho de um Professor eu provavelmente iria dar uma resposta que iria centrar-se muito nesta área de desempenho. Planear aulas, leccionar, reflectir, planear... E muito provavelmente não tomaria atenção ao restante trabalho docente. É lógico que esta é uma fatia muito grande desse trabalho, a mais visível, mas não é, de todo, o bolo por inteiro.

Ainda assim, é sobre a organização e gestão do ensino e aprendizagem que o estágio se foca, primordialmente. O estagiário é observado a planear, leccionar e reflectir as suas aulas, e é avaliado sobre isso. Foi também sobre esta área de desempenho que eu, enquanto Professor, dediquei mais atenção, reflecti mais profundamente, coloquei mais objectivos. As maiores dúvidas ao longo do estágio eram colocadas sobre questões lectivas, metodologias, formas de fazer chegar a matéria aos alunos.

No meu Projecto de Formação Individual redigi, depois de alguma reflexão, os meus objectivos a atingir neste ano de trabalho. Olhei para mim enquanto Professor e ponderei sobre aquilo que me faltava aprender, ou melhorar, para ser o melhor Professor possível. Agora, no final, vou confrontar

esses objectivos com uma reflexão global do meu desempenho enquanto Professor, tentando perceber o que consegui atingir e aquilo que ficou por fazer.

#### **4.1.1. Conhecer mais aprofundadamente a organização “escola”**

**“O Professor deve estar apto a assumir um papel institucional porque está ligado a uma instituição social e é membro de uma profissão reconhecida. Para além destas ligações à Profissão e a uma instituição, o Professor actua nos contextos mais amplos da comunidade local e da sociedade em geral quando desempenha a sua função docente na escola.”**

Ribeiro, 1989, p. 82

Desde que entrei para a Universidade, convencido que me iria tornar num Professor, havia uma lacuna particular no meu conhecimento que pretendia preencher. Para mim a escola, a organização, enquanto fui aluno, não passava de um edifício onde decorriam aulas. Felizmente eu nunca fui um aluno que pedisse à escola mais do que a Educação normal. Limitava-me a ir às aulas e vir para casa. Nunca precisei de apoios de nenhuma espécie, nunca fui participativo, como já referi, em actividades desportivas e não só, salvo raríssimas excepções, nunca precisei de correcções de comportamentos nem de horas extraordinárias no recinto escolar, nunca vi a escola como uma segunda casa. Era apenas aquele local onde eu tinha que marcar presença para aprender, para usufruir do meu direito à educação. No entanto, mesmo inconscientemente, eu tive sempre a noção que aquelas paredes desenvolviam muitos mais projectos, tinham muito mais trabalho do que as aulas. Essa noção começou a ser desenvolvida quando entrei para a Faculdade de Desporto, quando dediquei mais atenção a esses aspectos. Quando cheguei ao estágio tinha a certeza que mal conhecia essa organização por dentro e queria conhecê-la como a palma da minha mão.

Não posso dizer que hoje já olho para a escola e vejo tudo o que ela oferece à comunidade escolar e extra-escolar, no entanto já me encontro muito longe da condição de pensar que o único e exclusivo trabalho desenvolvido por uma escola é o de leccionar aulas. O problema aqui é a matéria-prima da escola, os alunos. Não há dois alunos iguais, e, como é óbvio, não há dois alunos com problemas iguais. Aliás, um dos meus primeiros choques no ano de estágio foi precisamente os problemas dos alunos. Nunca imaginei que tantos alunos apresentassem à escola tantos problemas, tão dispersos e tão graves. SIDA, pais separados, abusos, maus tratos, deficiências físicas e intelectuais, temperamentos difíceis, falta de educação, trabalhos forçados, falta de condições de higiene, entre tantos outros. Logo no início do ano percebi com toda a clareza que eu haveria sido um aluno privilegiado desde sempre. Tinha saúde, pais que se amam, uma casa, comida e roupa lavada, uma cama, família que me apoiava, tudo factores que contribuíam para que fosse bom aluno. No entanto muitos alunos não conseguem reunir todos estes factores, e muitos há que reúnem poucos deles, e isso coloca em risco, além de muitas outras coisas importantes para a vida de qualquer pessoa, o sucesso escolar. Cada aluno necessita de apoios diferentes, e a escola tem a obrigação, pelo menos moral, de responder a esses problemas. A Escola deve apoiar o estudo, deve proporcionar condições mínimas de higiene aos alunos caso estes não as tenham em casa, deve promover contactos entre todos os alunos, deve colocar psicólogos à disposição dos alunos, deve promover experiências de sucesso, tanto desportivas como noutros campos, deve participar numa política de proximidade com os alunos, falar com eles sobre os seus problemas, deve dar oportunidades a todos de forma igual, deve sempre manter ou elevar as expectativas dos alunos em relação ao seu futuro. Há muitos deveres que a escola carrega, e estou certo que ainda não os conheço a todos.

Esta organização enverga um conjunto de tarefas, contínuas no tempo, que vão muito para além das aulas, há muito mais gente envolvida neste processo contínuo, com uma importância fundamental para a vida da escola, para além dos Professores. Por isso mesmo sinto que o ser Professor é fazer parte duma comunidade muito abrangente e que o trabalho desenvolvido



enquanto docente é apenas uma parte de todos os projectos que a escola desenvolve. Comecei a construir este ponto de vista bem cedo neste ano. Na reflexão final do 1º Período escrevi: “...*nunca me tinha apercebido do quão fundamental é o trabalho dos funcionários dentro de uma escola. Só agora percebo o porquê da escola fechar quando esta classe faz greve. Bom ou mau, o trabalho dos funcionários não é dispensável*” (p.4). Antes de chegar a esta conclusão perguntei-me se não seriam os Professores capazes de gerir a escola por eles próprios? Rapidamente a resposta surgiu. Capazes? Claro que sim, mas seria isso viável? Não me parece benéfico, para o sistema de ensino, ter Professores ocupados com tarefas não lectivas, que apenas retiram qualidade ao seu trabalho, quando há outras pessoa que se podem ocupar desses afazeres. Assim a escola segue o seu rumo, qual equipa desportiva, onde cada um tem o seu papel a cumprir, onde cada um sabe qual é o seu objectivo, onde cada participação é importante.

Para este objectivo, conhecer a escola como organização, não planeei nenhuma estratégia específica. Pensei apenas em ser eu próprio, observador e curioso, e estabelecer muitos contactos com os Professores da escola, como fiz, e colocar dúvidas sempre que fosse possível. O grupo de Professores da escola E.B. 2/3 Teixeira Lopes mostrou-se sempre muito simpático para com todos os estagiários que dele faziam parte, e não hesitavam a esclarecer toda e qualquer dúvida por nós colocada. Um dia, quando for Professor numa escola, farei os possíveis para continuar este legado. Tenho muito a agradecer a este conjunto de pessoas, com especial ênfase no grupo de Educação Física e na Professora Cooperante. Sinto-me, hoje, muito mais conhecedor, no que à realidade global escolar diz respeito, do que há um ano atrás.

#### **4.1.2 Sentir e perceber as dificuldades do Professor na aula**

A aula de apresentação não pode ser considerada uma aula normal, uma vez que não passou de um diálogo com os alunos, mas assim que comecei com a primeira aula, propriamente dita, com conteúdos a transmitir e comportamentos a gerir, os problemas profissionais da docência começaram a

surgir. A primeira dificuldade que senti foi a complexidade de acontecimentos e situações que precedem a parte fundamental da aula. Antes das preocupações lectivas à uma diversidade enorme de aspectos a ter em consideração para dar início à aula, que, da perspectiva de aluno, não me pareciam nada difíceis de controlar. Quando essa perspectiva mudou para o “modo Professor” percebi que, apesar de serem tarefas fáceis de levar a cabo, tornam-se difíceis quando aparecem todas ao mesmo tempo, num curto espaço de tempo. Essas tarefas não foram problema durante muito tempo, no entanto foram um grande primeiro obstáculo inesperado a ultrapassar. *“Antes de estar sozinho frente a frente com uma turma não me tinha apercebido da quantidade de coisas que um professor deve ter em conta para conduzir uma aula. E não estou a falar em termos de planeamento. Coisas como: quantos alunos estão; quantos estão a faltar; quem tem brincos; quem está a mascar chiclete; quem não faz aula; tarefas para quem não faz aula; quem tem cabelo comprido utiliza-o preso na aula; quem está a fazer aulas sem calçado próprio; espaço de aula a utilizar; quem está a dar aula ao lado; hora de início da aula... Estes aspectos que hoje já começam a ser mais ‘automáticos’ no início eram um grande entrave ao bom decorrer da aula. Agora basta olhar para a turma e estes aspectos saltam à vista”* (reflexão final 1º Período, p.1).

A aula começa e os problemas desdobram-se. Parece tão fácil conduzir uma aula, mas no entanto não é. As dúvidas que surgiam quanto à minha capacidade docente nunca foram maiores do que neste início de estágio. A gestão do espaço começou por ser dos primeiros problemas a ser resolvidos, e a gestão dos comportamentos seguiu-se. Ainda não tinha tido tempo, até aqui, de pensar em problemas como metodologias de ensino. Para já o esforço ia em grande parte para a distribuição dos alunos pelos exercícios, pela escolha correcta das palavras nas transmissões de informação, pela organização geral da aula, entre outros aspectos organizativos. A preocupação com a matéria desportiva ficava essencialmente pelo plano de aula. Assim que a aula começava, começavam os problemas mais gerais, problemas que eu sabia iriam ser ultrapassados sem grande dificuldade, apesar de me estarem a fazer reflectir muito naquele momento. Aqui a ajuda do grupo de estágio e da

Professora Cooperante foi mais próxima que nunca. Eram erros de fácil correcção, que se iam compondo de aula para aula de forma claramente visível. A observação das aulas dos meus colegas de estágio também contribuía imenso para melhorar os meus próprios erros uma vez que o erro de um foi, quase sempre, o desacerto dos outros, e as reflexões de um influenciavam directamente as dos outros.

Após a superação deste tipo de problemas pude começar a pensar nos problemas mais importantes e complexos de resolver. O plano de aula começou a ser corrigido desde o primeiro mas só agora conseguia dedicar a maior parte da minha atenção para este elemento. Penso que não tive dificuldades em dominar a feitura dos planos de aula, e utilizá-los correctamente também não foi grande problema. No entanto nasceu aqui um problema que se foi prolongando ao longo do ano. Aquando da realização do plano de aula eu devia ponderar bem nos exercícios escolhidos e esses exercícios deveriam agradar a vários intervenientes da aula. Por um lado cada objectivo reclama um tipo de exercício diferente, tendo já aqui muitas opções a tomar. Por outro lado, o tipo de exercício que eu escolheria para dada aula não coincidia sempre com a opção que a Professora Cooperante tomaria na mesma situação, e o mesmo se pode aplicar ao Orientador da Faculdade. Então para um plano de aula eu vi-me sempre obrigado a ser cauteloso nesta escolha tentando sempre não fugir muito da perspectiva de nenhum dos Professores nem da minha, nem das expectativas dos alunos. Por vezes alterei planos de aula repetidas vezes devido a estas pequenas escolhas. Assim pondero sempre várias perspectivas, olhando para cada situação de vários ângulos possíveis. Sei que daqui para a frente não tenho que agradar se não a mim ou aos alunos na escolha dos exercícios, no entanto, é muito importante que mantenha a visão aberta a outras escolhas possíveis, pois nem sempre a minha é a mais acertada.

Além destas dificuldades duas houve que me marcaram profundamente o estágio. A mais constante foi sem dúvida a minha voz. Tenho uma voz pouco audível, pouco colocada, o que não ajuda nada um Professor, muito menos se a disciplina em causa for a Educação Física. A outra terá sido

a observação. Senti grandes dificuldades no início do ano lectivo, e fui tentando ultrapassá-las a cada aula. No entanto desenvolverei mais estes dois aspectos adiante neste relatório.

As dificuldades sentidas não ficam por aqui, no entanto, não alongarei mais este ponto uma vez que decidi ficar pelas mais pertinentes. Poderia eventualmente enumerar mais algumas dificuldades encontradas no acto de leccionar, no entanto essas não seriam tão pertinentes para este documento uma vez que não me fizeram perder muito tempo. Considero-as normais, e parece-me que não me causaram grandes entraves nem me fizeram reflectir muito sobre como ultrapassá-las.

#### **4.1.3 Melhorar a capacidade de observar**

Se eu pudesse dividir o meu estágio em dois problemas chave sem dúvida que um deles seria a observação e o outro a voz. Apesar de o problema da voz ser mais constante no tempo e ter sido muito mais referido por vários intervenientes, foi a observação que ficou mais marcada nos documentos de estágio. Dediquei muito esforço e trabalho a esta temática, procurei estratégias, coloquei questões, experimentei e conduzi um pequeno estudo procurando entrar um pouco mais a fundo neste pequeno mundo.

A temática apareceu logo de início, nas primeiras aulas. Assim que me vi a olhar para uma turma percebi que me faltava muito para poder dizer que sabia observar. Faltava-me estratégia, faltava-me prática, faltavam-me calma. *“O último problema que senti, até agora, que também considero ser para resolver o mais rápido possível, é a observação da turma. Considero-me ainda muito imaturo a observar uma turma, não fico com os registos que deveria, foco-me muito em um ou dois alunos e não consigo ficar com a ideia clara do nível da turma” (reflexão final 1º Período, p.3)*

O desafio, de melhorar esta ferramenta do Professor, acompanhou-me sempre, sob várias formas. Eu próprio ia desafiando as minhas capacidades nas aulas, tentava criar objectivos de observação para as aulas, objectivos

para as aulas em que fazia registos de avaliação, entre outros. Ia assim construindo uma aprendizagem lenta, que me acompanhou até à última aula.

*“Apesar de ainda sentir que não domino a prática da observação posso dizer com franqueza que me sinto agora bem mais capaz de o fazer. Em cerca de 20 a 30min consegui ver tudo o que queria com calma e registar tudo o necessário.”* (Reflexão da aula 83 e 84, p. 3).

Além destas actividades, como já disse, conduzi os meus projectos de Ensaio e de Estudo dentro desta temática. Escolhi esta área para o fazer porque me pareceu ter uma pertinência forte, até porque foi uma matéria bastante abordada nas aulas de Didáctica do Desporto. Dessa maneira aproveitava o facto de me sentir imaturo nas artes da observação para poder evoluir mais um pouco do que em circunstâncias normais.

#### **4.1.3.1 Projecto de Ensaio**

##### **Observação**

***“Observar é ver de um ponto de vista particular.”***

Hazlewood (1979, cit. por Sarmento, 2004, p. 161)

Observar não se limita à visualização de alguma coisa, é sempre mais do que esse simples acto. Observar é atribuir significado ao que os nossos olhos nos transmitem. Olhamos para algo, vemos o que a fonte de luz permite que vejamos e atribuímos um significado próprio a esse estímulo, significado esse que é construído com base em nós mesmos, na nossa experiência. “Percebemos o que estamos a ver segundo as nossas próprias subjectividades” (Sarmento, 2004, p. 161).

A observação é uma ferramenta fundamental para a vida profissional de um Professor. Para que o processo de ensino e aprendizagem decorra o Professor deve ser capaz de observar o conjunto de alunos que tem diante de si e perceber quais os seus problemas e quais as soluções possíveis para os resolver. A observação e os seus instrumentos tornam-se, assim, muito úteis

para o Professor, para que este compreenda melhor e esteja mais por dentro do comportamento e capacidade da sua turma (Sullivan & Glanz, 2000).

Para que haja melhorias na competência docente deve existir objectivos a cumprir, feedbacks regulares e oportunidade para melhorar. Isto implica uma prática pedagógica supervisionada, pelo menos de forma a observar as aulas e recolher dados para que se possam formular feedbacks apropriados para o estagiário (Siedentop & Tannehill, 2000). No entanto para esta supervisão são necessários dados provenientes de observações sistemáticas. Observações realizadas intuitivamente e com pouco mais do que recolha de notas por parte do observador provavelmente são incapazes de conduzir a melhorias significativas no ensino (Siedentop & Tannehill, 2000).

A observação é, por um lado, fundamental para o Professor crescer como profissional (supervisão) e, por outro, imprescindível para que ele desenvolva o seu trabalho (avaliação).

Contudo este campo, do complexo mundo do ensino, não é simples de trabalhar. Há vários factores a ter em conta numa observação (Sullivan & Glanz, 2000):

- Dois passos. Primeiro registo de dados e só depois interpretação dos mesmos.
- Escolha prévia dos pontos a observar e do instrumento a utilizar na observação.
- Experiência e crenças dos observadores podem levar a diferentes interpretações e visões do mesmo acontecimento.
- Para observar é preciso prática de observação e prática no objecto de observação (se não conhecermos o que estamos a observar, o instrumento que estamos a utilizar ou para onde dirigir o olhar, dificilmente podemos realizar uma boa observação).
- Ter noção dos limites da observação. Não se pode observar tudo sem correr o risco de não observar nada.
- Ter noção que basta uma perspectiva diferente de um mesmo objecto para que duas pessoas vejam dois objectos diferentes olhando para a mesma coisa.

- Não tecer conclusões com base na observação única. Há dias melhores e dias piores, tanto para o Professor como para os alunos ou para o observador, logo o melhor é realizar várias observações antes de tirar conclusões.

#### **4.1.3.1.1 O Observador**

Estes factores levam ao problema da fiabilidade dos registos. Podemos encontrar várias definições de fiabilidade, por exemplo, Siedentop e Tannehill (2000) definem-na como “o grau no qual duas pessoas, usando as mesmas definições, olhando para a mesma pessoa, ao mesmo tempo, registam o mesmo comportamento.”

Dada a complexidade deste tema, a fiabilidade dos registos assume-se como muito importante uma vez que a falha desta condição inviabiliza o valor da observação. Imaginando que em duas observações de um mesmo Professor, separadas no tempo, sugerem que a sua prestação foi diferente. O que terá sido a causa dessa mudança? O comportamento do Professor ou o registo da observação? Se o observador da segunda observação não segue o mesmo protocolo da primeira observação, não utiliza as mesmas definições, ou não olha para o mesmo objecto, os registos irão ser diferentes, ainda que a prestação do Professor não o seja. A fiabilidade das observações é de importância extrema (Siedentop & Tannehill, 2000).

Assim a figura do observador é um elemento de extrema importância no acto da observação. Além da interpretação que o observador atribui aquilo que observa numa aula, a sua presença também pode influenciar os resultados da observação. O observador deve ter cuidado em tornar a sua presença não-activa, não-participante, reduzir ao mínimo o efeito da sua presença face ao comportamento do observado. Por um lado aceitar ser observado é muito influenciado pela relação entre observador e observado, e pode conduzir a mudanças de comportamento por parte do observado. Por outro o próprio observador também pode ser influenciado pelo grupo que observa, deturpando os resultados da observação (Sarmiento, 2004).

Facilmente se percebe por esta relação de influências que o observador, como parte da observação, deve ser uma pessoa treinada nesse campo. Ensinado a observar, descrever e interpretar (por esta ordem), para diminuir ao máximo as inferências errôneas sobre o material observado, garantindo o máximo de “robustez” nos seus registos. “Ele (o observador) é parte substantiva do próprio instrumento (de observação) e, nessa medida, é a força e fragilidade do processo de observação” (Kerlinger, 1973, cit. por Sarmiento, 2004).

Para uma observação de qualidade devemos sempre escolher um sistema que nos leve a atingir os objectivos a que nos propusemos e nunca o contrário. Siedentop e Tannehill (2000) sugerem uma lista de quatro passos para o desenvolvimento de um sistema de observação:

- 1- Definir os objectivos para os quais os registos de observação vão ser utilizados (Quanto mais cuidadoso e específico for este passo mais fácil serão os seguintes);
- 2- Decidir quais os comportamentos, do Professor ou dos alunos, fornecerão a informação mais válida para os objectivos em questão;
- 3- Decidir qual o método de observação a utilizar;
- 4- Decidir o que pode ser observado mantendo a fiabilidade (quanto mais complexa é a observação menos fiável ela se torna). É preferível produzir menos resultados que garantam fiabilidade do que produzir muitos resultados menos fiáveis.

Como sugerido pelas evidências, de preferência o observador deve ser o mesmo ao longo do tempo, uma vez que pessoas diferentes, com experiência e crenças diferentes, podem observar coisas distintas olhando para o mesmo objecto. E quando se coloca um Ser Humano a observar o comportamento de outro isso ainda é mais preponderante. A nossa percepção dos factos pode ser consideravelmente diferente dos mesmos (Siedentop & Tannehill, 2000).



#### 4.1.3.1.2 Métodos e instrumentos de Observação

Sem observação não é possível desenhar uma avaliação. E para a realização de uma boa observação é necessário saber, em primeiro lugar, o que observar. Dependendo do objectivo da nossa observação e de onde queremos focar a nossa atenção vários métodos e instrumentos podem ser utilizados para fazer o registo dessa observação objectiva.

Assim como não faz sentido utilizar um microscópio para olhar a lua, ou utilizar um telescópio para ver um organismo microscópico, também não faz sentido utilizar um método ou instrumento de observação inadequado ao objecto que vamos querer observar na aula de Educação Física.

#### Métodos de Observação

Os métodos de observação dividem-se desde logo em dois grandes grupos, os Métodos de Observação Tradicionais e os Métodos de Observação Sistemática (Siedentop & Tannehill, 2000).

Durante muitos anos os Métodos de Observação Tradicionais (MOT) foram utilizados pelos formadores de Professores e pesquisadores em educação. Estes métodos foram abandonados por se terem mostrado pouco fiáveis e não válidos como instrumentos de medição em ensino. No entanto ainda hoje são utilizados no campo da supervisão como meio de colher dados. Apesar de os “experts” na matéria e os textos científicos continuamente apelarem para os riscos da utilização destes métodos e instrumentos eles são utilizados mais frequentemente do que os sistemáticos (Siedentop, 1991). Segundo Siedentop e Tannehill, (2000) os MOT são o Julgamento intuitivo (*Intuitive Judgment*), Incidentes Críticos (*Anecdotal records*) e ainda as listas de verificação e escalas de apreciação (*Checklists and Rating scales*).

Quanto aos Métodos de Observação Sistemáticos (MOS), eles revolucionaram a investigação em educação e conduziu-nos a importantes descobertas acerca da natureza do ensino eficaz. São o fundamento no qual a investigação em educação foi construída e deveria ser o fundamento no qual o desenvolvimento das capacidades docentes se apoiasse.

A observação sistemática é simples, requer apenas um entendimento básico de alguns conceitos e alguma prática. Os resultados provenientes destes métodos ajudam os profissionais a crescer e melhorar, sem serem necessárias grandes análises estatísticas. Somas, subtrações e divisões são o suficiente para obter informação útil e significativa.

Estes métodos de observação e registo de comportamentos já foram utilizados em várias áreas. Como contam com muitas utilizações a fiabilidade dos resultados está demonstrada. A sua larga utilização deve-se ao facto de serem de fácil de aplicação e aprendizagem. Não necessitam mais do que um gravador e um cronómetro.

Os seus instrumentos dependem muito apenas das definições das várias categorias da performance a observar. Com as definições adequadas os métodos são fáceis e fiáveis. São cometidos mais erros na fase das definições do que em erros técnicos de observação. Segundo Siedentop e Tannehill (2000), os MOS são constituídos pelo Registo de acontecimentos (*Event Recording*), Registo de Duração (*Duration Recording*), Registo de intervalo (*Interval Recording*) e ainda pelo Registo Periódico de Grupo (*Group Time Sampling*).

### Instrumentos de Observação

Um instrumento de observação não é mais do que uma ficha, uma folha, que permite ao observador fazer os seus registos de uma forma eficiente (Siedentop & Tannehill, 2000). Devem fazer a tarefa de passar o que é observado para registos da forma mais simples possível. Há vários instrumentos que podem ser utilizados, e podem ser adaptados para um propósito definido (Siedentop & Tannehill, 2000).

Segundo Siedentop e Tannehill (2000) os Instrumentos de Observação são o *Student Time Expenditure*, *Academic Learning Time for Physical Education*, e ainda *Observation System for Content Development, Physical Education*.

#### **4.1.3.1.3 Feedback Pedagógico**

*Feedback* pode ser definido como “a informação acerca de uma resposta que é utilizada para modificar a próxima resposta” (Siedentop & Tannehill, 2000, p. 9).

***“Quem não sabe olhar não pode corrigir e melhorar as execuções do movimento.”***

Kurt Meinel (1971, cit. por Sarmiento, 2004, p.174)

Segundo Sarmiento (2004), baseado na opinião de Meinel (1960), o professor experiente distingue-se do principiante nas advertências que, com rapidez e certeza dos erros, dirige aos seus alunos, e nas quais se baseia para formular novas instruções. A observação do “movimento” é assim o centro da intervenção pedagógica em desporto, já que é dela que decorre todo o trabalho pedagógico - didáctico.

A observação é então uma peça fundamental para a condução de uma aula, principalmente se estivermos a falar de uma aula de Educação Física, onde o movimento é a obra e a matéria-prima. Um Professor que não sabe observar não pode ser bem sucedido a corrigir, logo nunca será bem sucedido a ensinar. “Se aceitarmos que o sucesso de professores de Educação Física e de treinadores desportivos depende, em larga medida, da sua competência em analisar (observar) a execução, aceitamos igualmente que apetrechar o estudante (futuro Professor/treinador) com esta competência poupa anos de vida profissional. O acto pedagógico de observar condiciona a atribuição da informação suplementar do Professor/Treinador após a detecção de um erro de execução ou de outro comportamento” (Sarmiento, 2004, p. 177).

“*Feedbacks* muito precisos produzem uma aprendizagem mais rápida do que *feedbacks* gerais” (Siedentop & Tannehill, 2000, p. 9).

O *feedback* não pode ser apartado da observação uma vez que sem observação não poderemos formular um *feedback*. Para saber se algo está bem feito é necessário olhar, ouvir, e captar a informação necessária e pertinente para concluir se está realmente bem ou não. A partir daí formula-se

o *feedback*, para solidificar o que está bem e corrigir o que está mal. Quanto melhor for o *feedback*, mais rápida será a correcção. Quanto melhor for a observação, melhor será o *feedback*.

### **4.1.3.2 Projecto de Estudo**

#### **Observação**

##### **4.1.3.2.1 Amostra, material e métodos**

Para continuar a estudar o tema da observação e dar seguimento ao meu projecto de ensaio decidi conduzir uma experiência de observação. Como ficou bem marcado na revisão da literatura a observação de um fenómeno é algo muito subjectivo uma vez que cada pessoa vê as coisas à sua maneira, segundo as suas próprias subjectividades (Sarmiento, 2004). Para que uma observação produza resultados fiáveis o processo que deve ser levado a cabo obedece a várias regras. Sullivan & Glanz (2000) sugerem uma lista de passos fundamentais para que os resultados de uma observação possam ser tidos em consideração e produzam dados reais, fiáveis.

No entanto dentro deste mundo da observação o meu ímpeto não foi produzir mais um estudo acerca de como fazer uma boa observação ou testar instrumentos de observação. Procurei saber o que fazer numa observação cuidada e procurei nos livros a sabedoria que outros deixaram escrita acerca desta temática, já que isso era incontornável, sendo que o objectivo era estudar, com base numa experiência simples, as diferenças encontradas em observações realizadas por pessoas diferentes.

O primeiro passo foi traçar um contorno daquilo que iria ser a experiência. Dois ou mais Professores iriam observar uma mesma aula, ao mesmo tempo e registar as suas observações. A partir daí seria necessário decidir quantas e quais as pessoas que iriam participar na experiência, quantas observações iriam realizar e como se iria registar as observações.

Os intervenientes foi a questão mais fácil de resolver. O grupo de estágio, comigo incluído iria fazer as observações e registá-las. Uma vez que passamos uma boa parte do ano a observar aulas estávamos todos bem

acostumados à observação. O nº de observações gerou um pouco mais de dúvida, mas uma vez que não encontrei nenhuma experiência parecida decidi fazer 3 observações de aulas diferentes para não ficar limitado apenas a uma observação isolada. A parte mais complexa foi decidir o meio para registrar as observações e decidir o que observar. A condição essencial para que a experiência fosse pertinente era que os observadores analisassem a mesma aula ao mesmo tempo e fizessem um registo das observações sobre os mesmos pontos, utilizando um mesmo instrumento ou meio de registo. O que observar e como registar essa observação poderia ser ajustado.

Uma vez que o objectivo fulcral seria apenas comparar as observações dos diferentes professores eu não me vi forçado a utilizar instrumentos de observação previamente utilizados e analisados. Optei por elaborar uma lista de itens que traduzissem diversos factores, dentro da realidade de uma aula, que podem interferir na qualidade da mesma. Factores que ao longo deste ano foram repetidamente analisados e reflectidos pelo grupo de estágio. Factores que podem ser muito importantes para um professor e menos para outro, ou ainda decisivos, para o sucesso de uma aula, e indiferentes para outra. Factores que podem ser entendidos e utilizados pelos Professores de formas diferentes. Cada Professor observador, no final da observação da aula atribui, numa escala de 1 a 7, um valor a cada factor, sabendo que “1” significa o valor mais negativo, a ideia que aquele factor naquela aula, segundo o entendimento do observador, não poderia ter sido pior. Por exemplo, se um observador atribuir 1 ao factor “Motivação (Professor)” significa que, no seu entender, o Professor estava altamente desmotivado para a aula, ao passo que se o valor atribuído ao mesmo item for 7 o significado é o oposto. O valor 4 representa um valor neutro, um valor “normal”.

Os factores foram organizados em 4 categorias diferentes, sendo que cada uma das categorias tinha 4 subcategorias (ou factores), com a excepção da primeira, que englobava 7 subcategorias. Estas categorias e subcategorias foram, como já disse, escolhidas tendo em conta as nossas próprias observações prévias das aulas uns dos outros e dos Professores da escola. Todos os observadores estavam já habituados a lidar com elas, a pensar sobre

elas, e todos têm uma forma diferente de olhar para cada uma, atribuindo a cada uma delas uma importância diferente, sendo que todas são importantes para a condução de uma aula de Educação Física. As nossas reflexões e correções ao longo do ano lectivo foram também muito baseadas nestes factores, pelo que me pareceu pertinente utilizá-los nesta experiência

A primeira categoria que implementei foi a “organização da aula.” Dentro dela optei pelos factores “nº de exercícios”, “tempo de transição entre exercícios”, “tempo para execução dos exercícios”, “organização espacial dos exercícios”, “sequência de exercícios”, “rotinas organizativas”, “dinâmica da aula” e ainda “Tempo de Empenhamento Motor total”.

A segunda categoria intitulava-se “clima da aula” e englobava as subcategorias “proximidade afectiva Professor - alunos”, “motivação (Professor)”, “motivação (alunos)” e “respeito e disciplina”.

“Intervenções do Professor” foi a escolhida para ser a terceira categoria e abrangia as subcategorias “quantidade”, “qualidade”, “postura (voz, tipo de feedback, controlo da aula...)” e ainda “segurança na transmissão dos conteúdos”.

Por último escolhi o “comportamento dos alunos” para análise. Esta categoria abarcava as subcategorias “empenho”, “desempenho”, “comportamentos não apropriados” e ainda “comportamentos de ajuda ao Professor”.

Desta forma podemos facilmente comparar as observações elaboradas pelos observadores e perceber se, no entender de cada um, a aula em causa teve mais factores positivos ou mais negativos, dentro dos factores pré - estabelecidos.

Os factores foram elaborados, propositadamente, de forma muito abrangente, para que cada Observador possa entendê-lo à luz da sua experiência. Se os factores fossem demasiado específicos as observações tenderiam a ser menos pessoais e mais sistemáticas.

Antes da observação todos os Observadores lêem a ficha de registo e tiram todas as dúvidas possíveis. Durante a aula registam as suas observações. Podem fazer algum registo extra se assim acharem pertinente.

A última categoria decidi deixar em branco para que cada um dos observadores a preencha com uma subcategoria, não mencionada na lista, que lhe pareça importante salientar. Assim cada observador vai registar um factor da aula que para ele é mais importante, de forma a tentar perceber o que é mais importante para cada um dos observadores numa aula de Educação Física.

#### **4.1.3.2.2 Apresentação e Discussão dos Resultados**

Depois de as observações terem sido realizadas e registadas parti para a análise dos resultados.

Fazendo um primeiro julgamento dos resultados obtidos posso dizer que não estava à espera que os resultados se apresentassem tão próximos uns dos outros. Segundo os autores já mencionados que conduziram trabalhos nesta temática as pessoas vêm as coisas segundo as suas próprias subjectividades, como sugere Sarmiento (2004), percebendo-as de forma por vezes diferente, atribuindo-lhes significados diferentes. Como tal esperava que ao observar uma aula os Professores observadores registassem valores mais díspares. Ainda assim os valores registados são diferentes. Grosso modo há sempre diferenças na avaliação que cada um faz dos itens do questionário, no entanto são diferenças pequenas, mais pequenas do que imaginei que pudessem ser. Para uma mais fácil leitura dos dados realizei um Quadro (Quadro 2) com os valores registados em cada factor em análise (F) pelos Professores Observadores e acrescentei ainda uma coluna onde coloquei um valor que representa a disparidade (D) dos resultados desse factor, ou seja, se um dos observadores registar, num factor, o valor 5 e outro observador registar, nesse mesmo factor, 3, registando o terceiro observador o valor 4, o valor de disparidade é 2 ( $5-3=2$ ). Significa que nessa subcategoria há um espectro de 2 valores onde se situam as avaliações feitas pelos Professores observadores. Quanto maior o espectro mais diferentes serão as avaliações realizadas pelos observadores, mais diferentes serão as suas observações, como podemos observar no Quadro 2.

Quadro 2 - Resultados das observações

Aula 1					Aula 2				Aula 3			
F	Diogo	Mary	Bruno	D	Diogo	Mary	Bruno	D	Diogo	Mary	Bruno	D
1	3	4	5	2	5	5	3	2	5	4	4	1
2	4	4	4	0	4	4	4	0	4	5	5	1
3	6	5	5	1	4	5	5	1	6	4	6	2
4	5	3	6	3	5	6	5	1	7	6	5	2
5	3	4	4	1	6	5	4	2	4	5	5	1
6	5	4	4	1	4	6	5	2	7	7	6	1
7	4	5	3	2	5	6	4	2	5	6	6	1
8	6	5	4	2	6	6	4	2	6	6	6	0
9	3	4	4	1	6	6	4	2	3	2	4	2
10	5	5	5	0	6	5	5	1	4	5	5	1
11	4	4	4	0	6	5	4	2	4	4	4	0
12	4	3	3	1	5	5	4	1	6	6	7	1
13	3	4	3	1	6	3	5	3	3	4	5	2
14	5	5	4	1	6	4	5	2	6	6	5	1
15	6	4	4	2	4	5	6	2	7	6	7	1
16	6	5	5	1	5	4	5	1	6	6	7	1
17	4	4	4	0	6	4	6	2	5	4	4	1
18	4	4	5	1	5	4	5	1	5	5	5	0
19	3	4	3	1	3	5	5	2	4	6	6	2
20	4	4	4	0	6	5	3	3	3	4	4	1
21	6	2	5		6	6	5		5	6	7	
T	87	84	83	4	103	98	91	12	100	101	106	6

Analisando Quadro 2 podemos ver com mais clareza o tipo de disparidade existente em cada subcategoria. Não há nenhuma subcategoria com um espectro de resposta maior que 3 valores, o que mostra que os valores atribuídos pelos observadores não se afastaram, nunca, mais do que 3 valores, ao contrário do que eu previ, depois da análise da literatura consultada. As subcategorias que apresentam espectros de 0 valores, ou seja, cujo valor registado foi o mesmo pelos 3 observadores, também são bastante mais do que eu previ: 9. Os restantes factores apresentam sempre espectros de 1 ou 2 valores.



Podemos também analisar o espectro total de valores registados. Sem contar com a última subcategoria do questionário o observador poderia registar, no máximo, um total de 140 valores e um mínimo de 20, ou seja, há um espectro total de 120 valores. Pela tabela vemos que na Aula 1 os resultados obtidos pelos registos dos observadores apenas diferem, no total, em 4 valores, na Aula 2 diferem em 12 valores e na Aula 3 diferem em 6 valores. Também aqui é um espectro de valores muito reduzido, o que indica que os resultados registados pelos observadores estão muito próximos, o que, por sua vez, nos diz que as observações realizadas não diferem muito umas das outras.

O factor 21, a última subcategoria, não entra nestas estatísticas por ser um factor diferente. Nele era pedido a cada observador que escolhesse um novo tópico para observar e registar também um valor. Aqui o objectivo não é analisar o valor registado mas antes o factor escolhido. Assim tenta-se perceber a que aspecto da aula o observador dá mais atenção. O factor escolhido tinha de ser diferente dos presentes na lista.

Nesta análise faz mais sentido comparar os 3 factores escolhidos por cada observador.

Eu próprio fui um observador e escolhi os factores “tipo de exercícios” em duas aulas e “tempo de espera” na Aula 2. A Professora Mary optou por “Início da aula (atraso)”, “Utilização do apito” e ainda “Controlo da turma”. Já o Professor Bruno Escolheu “gestão de comportamentos” em duas das aulas e “Colocação do Professor” na Aula 3.

Embora não seja possível traçar uma linha de observação de cada observador, ou seja, não se consegue, a partir apenas de 3 observações, perceber o que observa cada pessoa, a que aspectos da aula dedica mais atenção, fica claramente patente que em cada uma das aulas observadas os observadores captaram e registaram aspectos tão distintos como, por exemplo, “tipo de exercícios” e “gestão de comportamentos” ou “tempo de espera” e “utilização do apito”. Aqui já podemos concluir que cada pessoa olha, de facto, para aspectos diferentes. Nos itens da lista os observadores são obrigados a observar o que é pedido, podendo cada um avaliar conforme as suas próprias

subjectividades, mas neste último ponto cada um deve registar um factor novo, que lhe tenha saltado à vista nessa aula, e aí os registos já são bastantes diferentes, itens de natureza bem diferente, cujos valores variam entre 2 e 7, o que é muito. Assim podemos dizer que cada um observou pontos diferentes da aula observada. Para cada um há diferentes aspectos da aula que são mais importantes que outros.

#### **4.1.3.2.3 Conclusão**

Com a realização deste trabalho pretendia-se conduzir uma experiência de observação. Não pretendia investir mais em métodos ou instrumentos de observação mas antes sentir o que uma observação pode influenciar numa aula de Educação Física, perceber se, de facto, como a literatura consultada sugere, cada pessoa observa as coisas de forma diferente, ou se cada pessoa observa coisas diferentes dentro do mesmo fenómeno.

Os resultados obtidos mostram, de facto, que nas observações realizadas os resultados são diferentes, não sendo, ainda assim, tanto quanto se esperava. O facto de obrigarmos os observadores a olhar para determinados pontos da aula pode ter interferido nos resultados do trabalho. Dessa forma limitamos o campo de visão dos observadores, conduzimo-los a registar resultados mais semelhantes do que se poderia imaginar. Não pedimos uma experiência de observação pura, pedimos uma avaliação subjectiva das subcategorias do questionário. No único ponto do questionário onde essa liberdade estava expressa os resultados registados foram muitíssimo mais díspares. Cada observador mostrou focar a sua atenção para factores da aula bem diferentes dos seus colegas.

Esta temática mostra-se, na minha opinião, muito importante no campo da Educação Física uma vez que é na observação que se baseia todo o resto do trabalho pedagógico do Professor. Segundo Sarmento (2004) a observação do acto pedagógico vai interferir e condicionar a correcção do exercício por parte do pedagogo, após a sua detecção, logo vai interferir, em grande escala, no ponto fulcral do processo de ensino aprendizagem, o feedback, a correcção

do erro. Quem não vê o erro, ou o vê erradamente não conseguirá corrigi-lo correctamente. Por outro lado a avaliação, trabalho que o Professor deve manter ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem, está intrinsecamente ligada com a observação. Não é possível avaliar, em Educação Física, sem uma observação, e é essa observação que vai definir a avaliação, logo cada professor avalia também segundo a observação que faz.

#### **4.1.3.2.4 Sugestões para futuros trabalhos**

Apesar de não ter encontrado na literatura consultada nenhum trabalho semelhante a este decidi avançar com ele por duas razões. Primeiro porque, de facto, eu senti o peso da observação no trabalho do Professor. Muitas vezes, durante o estágio, quando estávamos mais que dois Professores a ver a mesma aula, me interroguei acerca do que cada Professor observava naquele momento preciso. Quais as suas estratégias, quais as suas prioridades. Por outro lado senti também a dificuldade de estar a avaliar uma turma inteira num espaço de tempo muito definido. Desses momentos nasceu uma curiosidade enorme de experimentar a observação.

Gostei bastante de explorar este campo da Educação Física e de fazer esta experiência em particular, no entanto fico, depois de a ter finalizado, com a ideia que ficaram algumas lacunas por preencher. Não me parece que o trabalho tenha sido em vão, não me parece vazio de conhecimento, mas pode ser bastante melhorado. Por exemplo, podemos conduzir uma experiência semelhante mas com um observador a realizar uma observação sistemática, para depois comparar as observações com os resultados mais fiáveis dessa mesma aula, podendo esta observação incidir sobre aspectos ou factores mais definidos e não na aula na sua globalidade. Por outro lado poderíamos também realizar esta experiência pedindo apenas aos observadores que indicassem quais os factores que mais contribuíram para o sucesso ou insucesso dessa aula, sem limitar a observação a itens previamente referenciados.

O facto de não ter encontrado nenhuma experiência semelhante a esta leva-me a pensar que, futuramente, possam ser conduzidas mais experiências semelhantes, tentando melhorar os aspectos negativos e catalisar os positivos.

#### 4.1.4 Utilizar melhor a voz

*“Nesta aula, mais uma vez, fiquei com a clara noção que a minha voz precisa de muito trabalho. Esforço demais e não consigo falar tão alto quanto seria preciso. Utilizo em demasia a garganta e as cordas vocais em detrimento da força abdominal. Trabalho... é preciso trabalho.”* (Reflexão da aula 76 e 77, p. 3)

Desde sempre que a minha voz me acompanhou como uma âncora ao sucesso. Quando comecei a articular palavras os meus pais chamavam-me “táta-bitáta”, que significava que eu dizia quase todas as palavras de forma errada, sendo que esse “Título” me acompanhou até aos 4-5 anos de idade. Desde que eu me lembro tenho bastante preguiça em falar e alguma pressa em fazê-lo. Quase como que numa confissão, posso dizer que vejo a fala como uma exposição dos meus pensamentos, e não me sinto muito à vontade com isso já que posso não ter o tempo necessário para reflectir no que estou a comunicar, ou transmitir algo errado. Sempre me expressei melhor a escrever do que em diálogo uma vez que o tempo que tenho para maturar o que estou a transmitir faz com que essa transmissão seja mais clara. Penso que devido a isso desenvolvi uma forma de falar pouco audível. Primeiro tento reduzir o discurso ao mínimo, tenho pressa em acabar de falar, por vezes acabo por dizer palavras ao mesmo tempo, tenho preguiça em articular as palavras correctamente, e utilizo quase exclusivamente a garganta e as cordas vocais para projectar a voz. Esta receita acaba por produzir uma voz baixa, não colocada, que se difunde com o som ambiente. Qual animal na selva, eu camuflei a minha voz.

Com a excepção de muitos “O quê, Diogo??” e “Fala alto! Parece que falas para dentro...” isto nunca foi um fardo muito grande para mim. Sempre lidei bem com a situação e contornei as dificuldades. Entre amigos, aliás, não tenho problemas nenhuns em falar alto nem em falar muito. Nesse contexto considero-me até muito falador. No entanto estava para chegar o dia em que essa ferramenta de trabalho iria passar do fundo do baú para a primeira linha do palco. Quando me vi deparado com uma turma a voz passou a ter uma

importância extrema, bem como o próprio discurso e transmissão de ideias e pensamentos. De repente, falar alto, de forma clara e audível passou a ser uma necessidade. De um dia para o outro dei por mim a pensar em como conseguir falar mais alto, a ponderar no que eu fazia de errado para que a minha voz não se ouvisse e a pedir aulas de colocação de voz. Aí tive ajuda do Professor José Augusto, Professor de Educação Musical na E.B. 2/3 Teixeira Lopes, que me deu dicas para melhorar este aspecto. Falei com ele muito cedo neste ano de estágio já que desde a primeira aula que tive consciência deste problema. Depois de muitas viagens de carro a berrar sozinho e muitas aulas a experimentar formas diferentes de expulsar o ar, as dicas surtiram algum efeito. No entanto só com muito trabalho poderão resultar plenamente. Esta não é uma falha que se corrija num mês, nem num ano. Tenho plena consciência que apenas anos de experiência de Professor me levarão a conseguir ultrapassar este obstáculo.

O trabalho que desenvolvi, nesse contexto, ao longo do ano, foi visível, sem dúvida, mas ainda está longe de ter chegado ao final. Na observação da minha aula 46/ 47 a minha colega Mary escreveu o seguinte: *“Para além de o professor não ter descurado na explicação nem na exemplificação utilizando os alunos, este também procurou colocar a voz sempre que as circunstâncias o exigiam.”*

Hoje consigo falar com maior segurança no que estou a dizer, falar para o outro lado do pavilhão e fazer-me ouvir (embora ainda com muita dificuldade), falar para um grupo sem grandes problemas. Ainda assim tenho de conseguir falar de forma mais audível, colocar mais a voz utilizando os músculos do abdómen em detrimento das cordas vocais. Esforçar muito as cordas vocais pode criar problemas a longo prazo, dessa forma posso vir a ter problemas profissionais devido a um problema tão simples como este. Não posso descurar este desafio.

#### 4.1.5 Exteriorizar alegria

*“Na minha óptica o que esteve pior foi a motivação para a aula. Penso que poderia tentar traduzir um pouco mais de entusiasmo aos alunos mantendo uma mesma organização. Tenho noção que a minha postura em aula não traduz muita motivação à turma, o que não significa que não a tenha, isso é próprio em mim. Tenho que tentar melhorar este aspecto de modo a exteriorizar mais motivação e entusiasmo. Tenho que ser mais pró-activo e intervir de forma mais segura, incisiva, e enérgica, dando mais ritmo à aula.”* (Relatório da Aula nº 20/21, p.3).

*“O Diogo Santos joga muito bem futebol. É um grande amigo dos colegas. É Brincalhão e, ao mesmo tempo, sério. É muito bom aluno.”* (livro de curso da turma C, do 4º ano do ensino básico. Colégio Creche Nossa Senhora da Bonança, 1997).

Começo este ponto com duas citações muito distantes no tempo e no contexto para tentar mostrar algo que eu próprio não compreendo inteiramente. Um dos problemas com que me debati durante muito tempo neste ano, e ainda me debato hoje, é a exteriorização de alegria e entusiasmo para a turma. Durante as minhas aulas eu fico muito sério, encaro-as como momentos de extrema importância, onde há muito pouco espaço para brincadeiras inapropriadas. Sempre fui assim no que toca a situações que impliquem responsabilidade. No entanto também sempre fui uma pessoa muito bem-humorada e divertida no contexto social, entre amigos. Até a própria Professora Cooperante me admitiu isso. Gosto de fazer rir, de ver as outras pessoas bem-dispostas por estarem à minha volta. Tiro prazer disso. E, mais uma vez, não me tinha apercebido de tal facto até chegar o estágio. Não me tinha apercebido que o lado brincalhão não entrava no lado sério. No entanto, por incrível que pareça, já a minha turma da escola primária tinha captado essa minha característica. Brincalhão no recreio, muito sério nas aulas. E bom jogador de futebol, o que faz com que aquelas palavras, escritas em conjunto por um grupo de alunos de 9 anos de idade, funcionem como um verdadeiro presságio!

Este é um problema sério que tenho para resolver. Tenho agora plena consciência dele e da dificuldade que tenho em o ultrapassar. Não tenho explicação para o facto de não conseguir exteriorizar a alegria que sinto em ser Professor, em estar a ensinar uma turma. Durante a aula não consigo ser muito motivador, ou, pelo menos, não o consigo ser durante muito tempo, ou de uma forma constante no tempo. Percebo que tenho uma postura demasiado calma para o contexto de uma aula, e percebo que tenho de melhorar isso. Sei que não deixo de ser bom Professor se não conseguir ser um motivador nato, no entanto, se o for, conseguirei ser muito mais bem sucedido no acto de leccionar e necessitarei de menos esforço para obter mais empenho por parte dos alunos. A Professora Cooperante insistiu muito, ao longo do ano, com este aspecto da minha personalidade. “Tens que ser mais dinâmico! Traduzir mais entusiasmo para os alunos!” foram frases que ouvi, da parte dela, à saída de muitas aulas que leccionei. Posso dizer que eu e a Professora Fernanda somos diametralmente opostos no que toca a esta exteriorização de entusiasmo e alegria, daí que eu perceba a insistência dela em tentar que eu me “libertasse” nas aulas. Outros Professores poderiam não insistir tanto neste campo, cada um tem as suas prioridades, no entanto tenho por certo que é impreterível, à minha pessoa, trabalhar para conseguir modificar esta minha característica. Sei que tenho muito trabalho pela frente, sei que os argumentos da Professora Cooperante estavam correctos, e o que sei relativamente a este aspecto deve-se fundamentalmente a ela.

#### **4.1.6 Melhorar a comunicação oral**

O meu problema relativamente à voz não se limitou à impedância do som produzido. Uma vez que, pelo que já expliquei no ponto 4.1.4, eu nunca fui um falador essa ferramenta nunca foi muito solicitada, e, tal como os músculos esqueléticos do nosso corpo, se ela não for solicitada acaba por degenerar. Não quero com isto dizer que não me conseguia expressar utilizando a voz. Quero sim tentar passar a ideia que a minha forma predilecta de me expressar não é a falada, o que faz com que não seja uma pessoa com o chamado “Dom

da palavra”. Não tenho treinada a capacidade de transmitir rapidamente ideias ou pensamentos utilizando a voz o que levou a que me surgisse alguma dificuldade no contacto directo com os alunos ou com outros intervenientes. A necessidade de atingir a tranquilidade necessária ao falar para um grupo de pessoas era clara. Aliás, já desde o 1ºano de Faculdade que sentia essa dificuldade em apresentações de trabalhos.

Este é mais um problema sério que se resolve, fundamentalmente, com a prática. Posso investigar sobre estratégias e técnicas para melhorar a capacidade de falar em público, no entanto elas de nada valem se não forem praticadas.

Os diversos trabalhos que tive que elaborar e apresentar ao longo da licenciatura e mestrado ajudaram imenso no desenvolvimento da capacidade de interagir com grupos de pessoas, falar para elas, explicar variadas situações. À entrada do ano de estágio sentia que já tinha progredido bastante neste campo mas que ainda tinha muito para aprender. Até aqui as experiências de apresentações públicas de trabalhos ajudaram grandemente a ultrapassar a barreira dos nervos, do medo de falar em público e da tranquilidade. No entanto o que era transmitido nesses trabalhos estava sempre previamente pensado e redigido e isso não me ajudou muito a desenvolver a capacidade de transmitir pensamentos. Resumindo, estas apresentações foram da maior utilidade para que eu conseguisse alcançar uma tranquilidade necessária para falar em público mas apenas para textos e ideias previamente pensados e redigidos. Faltava agora a prática de transmissão de pensamentos em tempo real. Faltava agora conseguir traduzir, directamente para palavras, os meus pensamentos. Apesar de já me sentir bastante à vontade para falar em público ainda sentia dificuldade em me expressar, em explicar.

Quando comecei a leccionar essa parcela da comunicação começou a ser muito solicitada. No planeamento da aula nunca houve uma preocupação em como explicar o exercício aos alunos. Assim, quando chegava à hora de o colocar em prática estava forçado a fazer exactamente isso, rapidamente tentar fazer chegar os meus pensamentos, as minhas ideias, com segurança na voz e



no que estava a dizer, a um grupo de pessoas, a minha turma. E no caso de haver dúvidas voltava ser obrigado a fazê-lo. E na necessidade de dar feedback estava mais um vez forçado a escolher bem as palavras a utilizar para fazer chegar a mensagem correcta aos alunos. Passei todo o ano lectivo a praticar essa ferramenta, mesmo sem dar conta que o estava a fazer.

Posso dizer que evolui muito neste campo e noto diferenças abruptas comparando a minha capacidade em interagir com um grupo de pessoas hoje e antes do estágio profissional. Apesar disso, também neste ponto da minha formação fica muito trabalho por fazer, que será, sem dúvida, desenvolvido nos próximos anos de docência.

#### **4.1.7 Criar rotinas**

Criar rotinas nas aulas ajudou-me muito a conseguir melhorar o controlo das mesmas. Nunca planeei as rotinas antes de elas se instalarem por si mesmas, o que eu penso que foi positivo já que elas só se implementavam caso resultassem. Por outro lado como Professor inexperiente - que ainda sou – ainda não tenho claramente definidas as minhas rotinas de aula. Ainda tenho bastante caminho a percorrer até perceber claramente quais são as rotinas que mais se adequam às minhas aulas.

Quando coloquei este objectivo no projecto de formação individual não me estava apenas a referir a rotinas para as aulas, pensava também em rotinas de trabalho, fora delas. Se é muito importante que os alunos adoptem rotinas que facilitem o decorrer das aulas é também da maior importância que o Professor crie rotinas que lhe facilitem a realização do seu trabalho, mantendo os documentos sempre organizados e em dia. Pelo menos é assim que eu vejo as coisas.

Não fiquei com a ideia que tivesse desenvolvido e marcado muitas rotinas nas minhas aulas, com os meus alunos, nem tão pouco isso foi uma característica das minhas aulas. As rotinas criadas foram as mais simples, organizacionais, que facilitavam o decorrer das aulas, particularmente o início de cada uma. Fora das aulas solidifiquei uma rotina básica de fazer o relatório

da aulas o mais próximo possível do final da mesma. Assim não acumulava trabalho e fazia sempre reflexões com os acontecimentos ainda bem presentes na minha memória. Ainda assim pude observar ao longo deste ano lectivo Professores que utilizam as rotinas muito marcadamente e de forma muito profissional, dentro e fora das aulas. Rotinas diferentes mas muito úteis. O Professor Pedro Santos, por exemplo, marca bem as suas aulas com a disciplina. Os alunos sabem que não têm grande margem para indisciplina, e sabem que quem manda mais é o Professor. Quando chegam ao pavilhão sentam-se no banco sueco e esperam por indicações. Por vezes é um aluno a dar o aquecimento e ele sabe bem o que há-de fazer para o conduzir; O Professor Rui Veloso, Professor também na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, utiliza as linhas dos campos como organização dos exercícios com muita frequência. Docente de alunos mais novos precisa de ter claras referências para que os pupilos se organizem no espaço; A Professora Maria filma algumas das suas aulas para depois as observar em casa com mais calma e realizar a avaliação com mais certezas; Muitos Professores utilizam também um leque de exercícios repetidamente nas aulas, o que faz com que os alunos já os conheçam e realizem quase sem nenhum comando.

Há vários tipos de rotinas, e cada Professor utiliza as que mais lhe convier. Penso que se pode considerar como uma rotina desde um exercício isolado a um comportamento em determinada fase da aula, ou um outro comportamento como reacção a um determinado comando do Professor. O importante é que funcione como elemento facilitador do bom decorrer das aulas.

O que eu senti neste âmbito durante as minhas aulas foi que a turma e o Professor se foram adaptando uns aos outros. Passo a explicar. Eu não planeei previamente as minhas rotinas mas os alunos foram-se apercebendo, com o decorrer do tempo, onde podiam “trepas” mais e onde não podiam “trepas” de todo. Os alunos vão experimentando o Professor e marcando os seus limites, e o Professor faz também algo muito semelhante, percebendo onde pode puxar mais pelos alunos, o que eles mais gostam e ao que melhor respondem. Dessa forma foram-se criando comportamentos fixos para dados

momentos das aulas, para comandos do Professor, ou para determinados exercícios.

Analisando as minhas aulas creio que a minha rotina mais vincada, para além das já referidas, foi o apito. Desde cedo percebi que, com o problema da minha voz inaudível, o apito teria de ser a minha arma secreta. Desenvolvi um bom trabalho com este pequeno instrumento que me levou a conseguir controlar bem a turma com a sua ajuda. Os alunos percebiam que o apito era algo que deveriam respeitar e assim o faziam. Nunca cedi à tentação de o utilizar em demasia e perder o seu impacto nos alunos. Apenas em situações que o pediam inequivocamente ou para chamar os alunos à minha presença o utilizava.

#### **4.1.8 Construir os documentos de estágio, mantê-los organizados e actualizados**

As horas dedicadas ao estágio, em termos lectivos, eram escassas numa semana. Apenas três. No entanto, a quantidade de informação que teve que passar para o papel foi de tal forma grande que me obrigou a um trabalho, não lectivo, quase contínuo pelos três períodos de aulas. Todas as aulas, unidades didácticas e períodos lectivos reclamavam um planeamento e uma reflexão. Cada planeamento e cada reflexão incidiam sobre características diferentes. Outras unidades curriculares, à parte do Estágio Profissional, exigiam trabalhos distintos com diferentes objectivos, o que resultou numa carga horária muito carregada desde o primeiro dia de aulas.

O início das aulas foi mais calmo, no que toca à quantidade de trabalhos, mas foi bastante complicado devido à falta de experiência que eu apresentava. Apesar de ter agendados pouco mais do que planos de aulas, unidades didácticas e reflexões de aulas, esses pequenos documentos ainda me exigiam muito tempo para a sua realização. Nesta altura uma tarde facilmente era ocupada com a realização de uma unidade didáctica ou dois planos de aula. Foi com o passar do tempo que me fui treinando nesta panóplia

de documentos, diminuindo significativamente o tempo que gastava com cada um.

Conforme o tempo foi passando o nº de documentos a redigir foi aumentando, e a complexidade de cada um nunca diminuiu. No entanto as dificuldades foram maiores de início e foram-se atenuando conforme a prática nas andanças de ser Professor foi crescendo. O plano de aula foi rapidamente dominado, outros documentos demoraram mais tempo até que eu conseguisse alcançar um estado de perícia no que toca a elaborá-los.

Cada documento produzido, no que ao estágio diz respeito, nunca era completamente isolado. Um plano de aula está inserido numa unidade didáctica, essa unidade está inserida num planeamento do período, que por sua vez está englobado no planeamento anual. A alteração de um documento pode facilmente forçar a alteração de outros, o que torna este processo longo num trabalho muito complexo, minucioso e rigoroso. Este trabalho continuo é da maior importância neste processo de formação uma vez que a docência implica um constante lavrar de documentos onde o Professor regista toda a informação importante relativa à concepção, planeamento, realização e à avaliação. Além do mais este investimento de tempo também contribui em muito para que o estudante estagiário cresça enquanto Professor. As longas horas passadas em frente ao computador, ponderando qual o caminho a tomar para o planeamento e concepção de unidades de ensino ou reflectindo sobre a realização das mesmas foram moldando as minhas ideias, foram preenchendo vazios de conhecimento, foram forçando o Professor a emergir da sombra. Esta sucessão de planeamentos, realizações e reflexões foram moldando os meus conhecimentos até ao ponto em que me encontro hoje: um Professor pronto a aprender.

***"Aqueles que não conseguem se lembrar dos erros do passado estão condenados a repeti-los."***

(George Santayana, s.d.)

Se há conhecimento que adquirir este ano é que um Professor deve estar sempre disposto a aprender, a modificar a sua perspectiva de ver as

coisas, a reescrever as suas crenças e a fortificar as suas ideias. Olhando para trás vejo que muitas certezas que tinha foram desfeitas por mim próprio, que muitas dúvidas também caíram, e tudo graças à adaptação constante do planeamento, implementada devido à reflexão das aulas anteriores. O porquê de fazer algo ou de o fazer desta ou daquela forma ia-se solidificando com base nos erros cometidos e reflectidos. Redigir essa reflexão torna-se então necessário para que a aprendizagem se solidifique. Quanto mais rápida for essa reflexão e a respectiva redacção melhor será o fruto produzido, mais sólida será a aprendizagem. Assim que um erro é cometido devemos imediatamente reflectir sobre o que aconteceu, o que o provocou e o que há a melhorar sob pena de perder informações pertinentes com o alongar da distância entre a prática e a reflexão.

A pasta que continha este planeamento e reflexões foi sem dúvida aquilo que me ocupou a maior parte deste ano. Consegui mantê-la sempre organizada e actualizada e penso que isso contribuiu em grande plano para o sucesso do meu trabalho no estágio. Com todas as preocupações que reclamavam atenção eu não dispunha de muito tempo para actualizar trabalho muito atrasado, pelo que a única opção foi sempre ter os documentos minimamente em dia, organizados à partida e manter um plano de trabalho que me distribuísse o tempo pelas variadas tarefas que me acompanharam. É um bom princípio ter estes pilares uma vez que daqui para a frente, quando exercer a minha profissão, não será apenas uma turma que estará sob a minha alçada, e o que terei de produzir com certeza não será menos.

#### **4.1.9 Fazer a caracterização da turma**

Para que um processo de ensino e aprendizagem seja conduzido com o devido sucesso ele deve ser sempre contextualizado. Uma aula só pode ser considerada como “boa” ou “má” depois de analisada na prática. Um plano de aula pode estar excepcionalmente bem estruturado e resultar numa aplicação sem sucesso na prática. Existem diversos factores que podem influenciar o decorrer de uma aula, e eles são muito imprevisíveis. Daí que uma mesma aula

pode ser leccionada duas vezes e obter resultados diametralmente opostos. Durante as minhas aulas senti muitas vezes o desapontamento por uma aula que correu francamente mal quando eu esperava que ela fosse um sucesso e senti também várias vezes surpresa devido ao facto de os alunos se empenharem em exercícios quando eu não esperava esse comportamento.

Uma vez que o ensino é uma área onde a imprevisibilidade é o prato do dia é sobremaneira importante para o Professor perceber com quem lida no seu trabalho, conhecer os seus “fornecedores” que ao mesmo tempo também são os “clientes”, a “matéria-prima” e o “produto”: os alunos.

Numa reunião realizada ainda nos primeiros dias do ano lectivo fiquei incumbido de uma tarefa que acabou por ser bastante interessante para mim, enquanto membro da comunidade escolar, e muito importante para mim, enquanto Professor: a caracterização da turma 8º4, a minha turma. Foram-me cedidas as fichas do conhecimento dos aprendizes, onde estes registaram dados relativos a eles próprios que fornecem informações preciosas ao corpo docente, e pediram-me que apresentasse essas informações nessa reunião, perante o conselho de turma.

Em termos técnicos esse trabalho não me ajudou muito já que não seria através de uma ficha que eu iria passar a conhecer melhor os meus alunos no que à Educação Física diz respeito, no entanto pude olhar para aquele grupo de alunos de uma forma bem mais minuciosa, percebendo algumas atitudes por eles tomadas, entendendo os planos de cada um para o futuro, compreendendo o que mais gostam, o que os tormenta, as disciplinas preferidas, o contexto familiar, o percurso académico... Passando a olhar para aqueles alunos como as pessoas que eram, e não apenas como estranhos amorfos.

A partir daí comecei a ter atenção a certos alunos relativamente a determinadas situações. Alunos mais frágeis emocionalmente, alunos com personalidades muito fortes, alunos susceptíveis a certos desacertos sociais, alunos com alguma falta de higiene, alunos “mimados” em demasia, entre outros pormenores que apesar de parecerem indiferentes podem fazer a diferença num determinado momento, e para o qual o Professor deve estar

prevenido. Um comportamento desadequado por parte de um aluno pode ser facilmente compreendido se for contextualizado. Por vezes uma situação banal para uns pode ser considerada uma ofensa para outros, e o Professor deve estar atento a isso, não apenas à sua disciplina, ou não fosse ele, antes de mais, um Educador. A gestão de comportamentos e de conflitos andou a par comigo durante todo este ano e o conhecimento que eu tinha dos meus alunos foi fulcral para resolver certas quezílias entre eles. E sei que isso não foi uma excepção neste ano, será sempre assim. Um dia ouvi alguém dizer: *“se te conheces a ti e conheces o teu adversário, prepara-te para vencer!”* Claro que, neste contexto, não se trata de adversários, mas a ideia aplica-se. Só conhecendo bem os alunos poderemos planejar aulas boas, que resultem. Sem essa condição torna-se muito difícil.

#### **4.1.10 Concepção, Planeamento, realização, avaliação, reflexão**

Finalmente falo do objectivo principal deste primeiro ponto. Muitas vezes ouvi, durante este tempo de estágio, Professores a falar deste conjunto de acções de forma a simplificar este processo complexo que é ensinar. Uma frase que ouvi repetidamente foi esta: “Tens que saber quem tens à tua frente, o que tens para ensinar, onde queres chegar e determinar o que vais fazer para lá chegar”. De facto o trabalho de Professor pode ser simplificado até este ponto, assim torna-se fácil perceber o que um docente tem que fazer para atingir o objectivo de ensinar. No entanto eu também posso dizer que o trabalho de um mecânico de automóveis é determinar a avaria, o que é preciso consertar, determinar a ferramenta, e a estratégia para o conserto. Será que já sou um mecânico de automóveis? Não sou. De certeza. Mas simplifiquei o trabalho que um mecânico tem que fazer. O que me falta para ser um mecânico de automóveis? O conhecimento da matéria. Conhecer as componentes de um carro, as funções de cada peça, os locais de cada uma, o que cada uma precisa para funcionar, o que fazer para consertar uma peça, o que faz cada ferramenta, qual a melhor ferramenta, as regras condicionantes ao funcionamento do automóvel, as regras impostas por diversas instituições

que regulam o funcionamento dos automóveis... E será que leccionar implica um trabalho diferente? Não. Há um objectivo (ensinar, transmitir conhecimento), há avarias (as dificuldades dos alunos, falta de conhecimento dos mesmos), há ferramentas (jogos, exercícios, apresentações, explicações), há regras a cumprir (programa nacionais, exames nacionais) e há estratégias como em qualquer outra actividade humana. A dificuldade na área docente está nos próprios alunos. Todos diferentes, com problemas diferentes, com disposições diferentes entre eles e mesmo entre si próprios de um dia para o outro, com capacidades e dificuldades diferentes. Além disso há uma infinidade de ferramentas e de estratégias que podem ser utilizadas para resolver os problemas, ferramentas que não são estanques e que produzem resultados diferentes conforme o contexto. Ensinar reclama então uma constante reflexão sobre aquilo que foi feito, o que foi utilizado para o fazer e o resultado que se obteve, para que na aula seguinte se possa voltar a planejar conscientemente, rectificar possíveis erros ou melhorar, seja o que for. Sempre. Constantemente.

Foi logo no primeiro contacto que tive com os alunos, ou mesmo antes disso, que comecei com este processo, e hoje tenho por certo que ele ainda não cessou. Como sugere Cunha (2008), até ao início de uma aula o Professor planeia o que vai fazer com os seus alunos, fá-lo - *conhecimento na acção* - e começa imediatamente a reflectir no que fez - *reflexão na acção*. Essa reflexão é maturada posteriormente - *reflexão sobre a acção* - e as suas atitudes, escolhas e decisões derivadas da reflexão na acção também são analisadas à lupa - *reflexão sobre a reflexão na acção*.

Para o ano de estágio ficou-me destinada a turma 4 do 8º ano da Escola E.B. 2/3 Teixeira Lopes. Antes do início do ano lectivo os Professores já tinham decidido todo o plano de actividades da escola para o ano lectivo 2009/2010 e o Programa Nacional de Educação Física para o 3º Ciclo determinava as matérias a abordar nas aulas de Educação Física. O grupo de Educação Física decidiu as horas dedicadas a cada uma das modalidades a abordar e a organização, no tempo, das mesmas. Com este processo fica completa a concepção e o planeamento anual. Modalidades, horas para cada



modalidade, interrupções lectivas, actividades escolares e desporto escolar. A partir deste ponto cada Professor pega nas suas turmas e desenha o seu próprio planeamento com base nestas informações e na análise das condições materiais de que dispõe para trabalhar.

O meu primeiro período estava planeado com atletismo (corridas de velocidade, barreiras, estafetas e de resistência), futsal, badminton e ainda a primeira fase da bateria de testes Fitnessgram. Cabia-me agora a mim organizar-me para poder começar a leccionar.

Optei por começar por uma aula de avaliação diagnóstica de Jogos Desportivos Colectivos (JDC). A Professora Cooperante sugeriu que fizéssemos essa avaliação para poupar tempo noutras modalidades. Uma vez que os JDC têm características muito semelhantes uns com os outros pode-se fazer uma avaliação diagnóstica sobre todos eles de uma vez. Um aluno que se saiba desmarcar, movimentar, que consegue ler o jogo, que entende o que é um bom ou um mau passe percebe isso para o futsal, para o andebol e para o basquetebol, por isso não se torna imprescindível realizar uma avaliação diagnóstica em cada modalidade que seja um Jogo Desportivo Colectivo. As pequenas alterações de conhecimento que os alunos evidenciam entre as modalidades são ultrapassadas pelo ganho de tempo que esta abordagem permite. Nesta aula as minhas dificuldades como Professor ressaltaram à minha vista. Foi, digamos, a minha primeira aula. *“Quanto à observação dos jogos, senti a dificuldade de ter que estar atento a vários factores ao mesmo tempo, multiplicados por vinte e um alunos em pouco mais de vinte minutos. Além desses factores ainda tinha outros para estar atento, como equilibrar as equipas ou marcar algumas faltas quando surgiam dúvidas. Tinha ainda a agravante de não conseguir identificar a maioria dos alunos pois ainda não sabia os seus nomes”* (reflexão da aula 2 e 3, p.2).

O que se seguiu foram as aulas dedicadas à bateria de testes Fitnessgram. Estas aulas foram de cariz menos formal, não exigiam um planeamento muito elaborado e permitiam que os 4 Professores (estagiários e Professora Cooperante) participassem em todas as aulas, mesmo as que não eram suas. Assim estes testes foram realizados em menos tempo e de forma

bem mais dinâmica, o grupo de estágio teve oportunidade de se conhecer melhor nestes primeiros dias, entrando em contacto dentro das aulas, e ainda permitia que sobrasse tempo para podermos preparar a primeira unidade didáctica do ano lectivo com calma.

*“Quanto a mim, estas aulas tiveram pontos negativos e positivos, mas penso que valeram a pena pois os positivos ultrapassam os negativos. Ou seja, por um lado estas aulas não são muito reais, há 4 professores que controlam os alunos, há muita confusão nos alunos, dúvidas no ar... mas no entanto o 1º contacto com a escola e a turma, por parte dos Professores estagiários, torna-se bem mais fácil, a aproximação dos alunos é mais natural, e os apoios dados pelos outros professores estagiários e pela Prof. cooperante fortaleceu as relações entre nós e o espírito de grupo. Quanto à confusão da aula não prejudicou, em nada, a aplicação dos testes, e as dúvidas rapidamente eram tiradas”.* (Reflexão das aulas de aplicação da bateria de testes Fitnessgram, p.2).

Acabados os créditos temporais direccionados para a bateria de testes começaram as aulas das modalidades. A partir daqui a concepção e o planeamento passaram a ter uma componente bem mais marcada, muito mais aprofundada. Cada modalidade foi examinada ao pormenor, todos os pontos foram vistos e revistos. O modelo utilizado para este planeamento foi sempre o modelo da estrutura do conhecimento (MEC) proposto por Joan Vickers (1989), cujo propósito é simplificar e condensar toda a informação necessária para conduzir uma unidade didáctica de uma dada modalidade. O MEC visa estruturar toda a informação dessa modalidade que se afigure como relevante para as aulas de modo a que o documento produzido seja uma mais-valia, um guião para o ensino que irá ser conduzido.

O MEC é uma organização didáctica do conteúdo que organiza o processo de instrução referenciado pelos conteúdos (Rink, 1993; Vickers, 1990) e não por objectivos. Reflecte um pensamento transdisciplinar. Identifica as habilidades técnicas e tácticas de uma modalidade e mostra como conceitos das ciências do desporto influenciam o processo de ensino.

A estrutura do MEC é dividida em 7 módulos diferentes, esses módulos agrupam-se sob 3 fases distintas do planeamento, e regem-se segundo dois tipos de conhecimento. O Módulo 1 insere-se numa realidade de conhecimento declarativo da modalidade. Neste módulo tentamos explicar todas as categorias transdisciplinares do conhecimento da modalidade em causa, necessárias e relevantes para o ensino da mesma. Nos restantes módulos, além do conhecimento declarativo o conhecimento processual da modalidade entra também em cena. Neles expomos as nossas estratégias para a condução do processo de instrução, tendo em conta, sempre, as categorias do módulo 1. Num plano mais real o MEC divide-se em 3 fases claramente distintas no processo de instrução. Os Módulos 1, 2 e 3, respectivamente, análise da modalidade desportiva, análise das condições de aprendizagem e análise dos alunos, agrupam-se formando a fase de análise, onde o fundamental é conhecer profundamente o contexto no qual as aulas se vão desenrolar. Nestes 3 módulos desenvolve-se a concepção do ensino. Conhecer a matéria, conhecer os alunos e conhecer o material disponível. Os Módulos 4 (extensão e sequência dos conteúdos), 5 (definição dos objectivos), 6, (configuração da avaliação) e 7 (progressões de ensino) agrupam-se formando a fase das decisões, fase onde o Professor decide a sua estratégia e o seu caminho. Que conteúdos abordar e com que ordem abordá-los, quais os objectivos a atingir, como processar a avaliação dos alunos e do processo e ainda os exercícios mais importantes a utilizar.

Ao MEC segue-se a aplicação do que lá está estruturado, podendo condensar-se toda a sua informação num módulo 8, fazendo este parte da última fase deste processo, a fase da aplicação.

Além do MEC o Professor deve ir sempre construir os seus planos de aula e reflectir sobre estes, sempre à luz do que está definido neste documento orientador do ensino.

Este planeamento não é estanque, não é uma “bíblia”, é antes um documento flexível, como todos os documentos de planeamento, na medida em que pode ser sempre alterado quando o Professor entender que isso se torna vantajoso para o processo de ensino e aprendizagem. Mesmo o plano de

aula pode sofrer alterações depois de concluído. Este não é mais do que um guião, que pode ser modificado na altura da sua aplicação, derivando a alteração de qualquer contexto que surja ao Professor na aula que a isso obrigue. Entender o plano de aula como um documento inexorável pode tornar-se um entrave ao bom decorrer da aula e à aprendizagem.

#### **4.1.10.1 Estratégias de instrução**

Depois de ter o planeamento pronto segue-se a sua aplicação na aula. Durante as minhas aulas, e as dos restantes estagiários do meu grupo, fui experimentando estratégias diferentes de leccionar. Penso que o estágio serve como o nosso “laboratório”, e foi assim que eu o vi. Passamos por esta experiência para experimentar e não para passar o ano a fazer sempre o mesmo. Senti e vi formas diferentes de dar aulas, estratégias distintas com alunos também eles diferentes.

No início as aulas conduzidas foram muito tradicionais, como não podia deixar de ser, já que havia ainda muito por entender, muitos pormenores a que não estava habituado, muita informação que era necessário reter, muitos hábitos a adquirir. Era um genuíno iniciante, que se limitava a fazer as coisas de forma simples até se sentir à vontade para evoluir para patamares mais elevados. Nesta fase os conselhos da Professora Cooperante e dos colegas de estágio eram uma constante. Sempre nos apoiamos mutuamente já que cometíamos erros semelhantes. O planeamento ainda se apresentava como um obstáculo grande para ultrapassar e o plano de aula era visto como algo que deveria ser cumprido a todo o custo, ideia que rapidamente alterei. Ainda não olhava com clareza para a turma de forma a ver o que ela me dizia. Limitava-me a planear e a cumprir com o planeado.

Conforme o tempo foi passando e a experiência aumentando fui me tornando capaz de ver melhor o que estava à minha frente, a perceber os feedbacks que os alunos me davam e a ir alterando o meu programa. Com já bastantes procedimentos solidificados tornei-me mais sereno e abri espaço para aprender mais coisas novas, a experimentar.

Como disse, o 1º período foi marcado, em boa parte, por uma abordagem mais tradicional das aulas, com exercícios mais familiares, com muitas noções que já trazia do Ensino Secundário, no entanto, a partir do segundo período comecei a explorar mais. O grupo de estágio decidiu utilizar uma metodologia diferente desde o início deste período que passava pela apresentação teórica da modalidade, com regras, factos históricos e técnicas mais importantes, e duma constante visualização, de técnicas correctas executadas por atletas profissionais, ao longo das aulas dessa unidade de ensino. Esta estratégia permitia que os alunos iniciassem a modalidade com uma noção muito melhor da mesma e fazia com que o interesse aumentasse devido à comparação das suas prestações com atletas de alto rendimento. Muitas vezes deparei com alunos que observavam atentamente as imagens que lhes facultávamos num projector enquanto esperavam a sua vez de executar o exercício. Apesar de se obter bons resultados com esta metodologia ela acarretava um problema, fundamentalmente nos JDC. Era necessário expor um computador e um *Data show* a bolas em alta velocidade, o que não era aconselhável. Além disso perdia-se sempre bastante tempo, com a montagem deste material, e algum espaço do pavilhão. Fica, ainda assim, uma boa experiência, que admito repetir um dia, tentando rectificar os aspectos que correram mal.

Neste período lectivo utilizei também uma estratégia para motivar os alunos que me pareceu ser bastante atractiva para eles. Foi utilizada nas aulas de Andebol e consistia na pontuação individual dos alunos de acordo com a prestação da sua equipa no jogo. Assim aos alunos pertencentes à equipa que vencesse um jogo eram atribuídos 3 pontos, à equipa perdedora era atribuído 1 ponto e ao um empate correspondia a atribuição de 2 pontos a todos os jogadores. Esta pontuação foi realizada em todos os jogos que se fizeram durante a unidade didáctica de Andebol. Propositadamente eu construí equipas sempre diferentes. Assim o aluno tinha que perceber que ajudando a equipa ganhava também pontos para si próprio. Dessa forma eu tinha os alunos naturalmente motivados para ganhar os jogos e ainda uma motivação extra para ganhá-los para que conseguissem obter a melhor pontuação individual.

Penso que esta estratégia foi muito positiva e resultou muito bem na minha turma. Consegui elevar o níveis de motivação dos alunos dessa forma, ainda que pouco, em alguns casos.

#### **4.1.10.2 Metodologias**

O jogo, a competição e as formas jogadas fizeram sempre parte dos meus planos. Nas didácticas fomos indicados no sentido de conduzir aulas sempre em torno do jogo e das formas jogadas, em detrimento das formas analíticas. O jogo como um fim mas também como um meio. Ensinar o jogo jogando. Essa abordagem é de facto interessante, e produz resultados, uma vez que é no jogo que se aprende a jogar, e é do jogo que os alunos gostam realmente. Com os meus alunos não foi diferente e eu senti-me bastante seguro ao utilizar esta metodologia. Ela é mais difícil de conduzir uma vez que para avaliar, para observar, se torna necessário estar atento a muitos mais alunos ao mesmo tempo, tornando a tarefa mais complexa. No entanto a avaliação também é mais real, no contexto de jogo.

Estas abordagens foram-se mantendo ao longo das aulas, não de forma estanque, sempre em exploração, e foi n 3º Período lectivo que eu me senti mais eu próprio na tarefa de leccionar. Aí já tinha as minhas rotinas estabelecidas, já tinha perfeita noção das minhas dificuldades e do que já tinha melhorado, já sabia do que era capaz e já conhecia os alunos. Já estava em condições de começar a marcar o meu próprio caminho de fazer as minhas escolhas de forma mais ponderada e consciente, de conduzir as aulas conforme as minhas próprias subjectividades. Foi nesta fase que maturei as minhas percepções acerca de quem era eu enquanto Professor. Percebi que tenho bastante paciência para os alunos com excepção para faltas de atenção. Percebi que gosto de transmitir as matérias através da interrogação, sabendo de antemão o nível de conhecimentos dos alunos. Percebi que funciono muito à base da responsabilização, isto é, deixo para os alunos algumas decisões importantes, punindo ou premiando essas decisões posteriormente (utilizei muito esta estratégia para perdas de tempo, fazendo os alunos sentir que quanto menos tempo perderem durante a aula mais tempo sobra para jogar no

fim, podendo mesmo chegar a sobrar uma aula no final da unidade didáctica). Percebi que o meu forte não é, de todo, a voz mas que posso utilizar estratégias que me ajudem a superar essa dificuldade. Percebi que a minha calma natural, embora não seja muito comum num Professor da Educação Física, pode ser uma mais-valia, e percebi que, como qualquer outro Professor no mundo, a minha prestação não é constante, tendo dias melhores e outros menos bons. No entanto fiquei com a clara noção que sobrevalorizo os dias menos bons. Quando uma aula corre bem sinto que isso aconteceu devido a muitos factores exteriores, e não só a mim, e quando uma aula corre mal tendo a achar que a culpa é inteiramente minha. Falando deste aspecto consegui melhorá-lo depois de algumas “cabeçadas na parede”, e penso que isso foi uma conquista muito importante. Quando tive as primeiras experiências de aulas que correram mal tive vontade de desistir do estágio, achando que não estava no caminho certo. Depois de falar com alguns professores a propósito deste assunto comecei a analisar melhor as aulas que corriam mal, tentando perceber onde estava aquilo que as fazia desmoronarem-se. Com o tempo fui ganhando a faculdade de perceber que esses “acidentes” não se deviam só a mim, e que acontecia o mesmo com Professores bem mais experientes que eu.

*“Uma 5ª feira, no desporto escolar (Kin-Ball), os Professores responsáveis tiveram de comparecer numa reunião e deixaram-me encarregue do treino. No final do treino eu estava muito triste. Ele havia corrido mal, os alunos não gostaram (pareceu-me), eu não gostei, houve muita discussão. No entanto depois reflecti muito sobre esse treino e cheguei à conclusão que ele não foi muito diferente dos outros. Mas como estava só eu a dirigir fiquei com a sensação que a culpa era exclusivamente minha. Mas em conversa com o Prof. César e a Prof. Maria percebi que não. Que os próprios alunos são difíceis, que reclamam sempre, por tudo e por nada, e que eles próprios saem do treino, por vezes, com a mesma sensação que eu tinha nesse dia. Conclusão, a culpa não foi só minha, e o treino não correu tão mal como me pareceu na altura, e se correu pode ter sido um treino em que os alunos não estavam bem-dispostos, que eu não estava predisposto para dar o treino, enfim, muitos factores podem ter influenciado. E nas aulas não é diferente. Há*

*aulas que correm mal, aulas que correm às mil maravilhas, aulas que não correspondem às expectativas mas que acabam por não correr mal, aulas que resultam bem e os alunos não gostam. Ou seja, nenhum Professor dá sempre aulas fantásticas, nenhum dá sempre aulas más. Há dias e dias, e o necessário é reflectir sempre no que correu bem ou mal, para podermos melhorar, para podermos manter o que correu bem, para podermos dormir à noite, sabendo o porquê de a aula ter corrido tão mal". (Relatório 2º Período, p.1)*

#### **4.1.10.3 Avaliar**

Avaliar foi a acção mais complexa, ingrata e injusta que eu tive de levar a cabo ao longo do ano. Avaliar não é fácil, é complicado, não é justo muitas vezes, e acaba sempre por deixar alguém descontente. No entanto é necessário. Sem avaliação o ensino não tinha sentido pois nunca se saberia em que ponto da aprendizagem se encontram os nossos alunos, nunca saberíamos se o nosso trabalho está a produzir resultados. Então torna-se imprescindível realizar, ao longo de todo o percurso do aluno, uma avaliação séria, elaborada, a mais justa possível. Ela deve estar planeada desde o início das aulas, estruturada no tempo e pensada de forma a que ela acabe por mostrar claramente o que aluno aprendeu, ou quanto evoluiu.

Foi na avaliação que eu senti a primeira vez o meu problema da observação e desde aí percebi que iria ter dificuldades neste campo. Tinha de estar preparado.

A avaliação que utilizei foi contínua, sendo todas as aulas momentos utilizados para a avaliação. Apesar disso reservei sempre uma com uma componente de avaliação mais marcada, em todas as unidades didácticas, para perceber também como reagem os alunos numa situação de avaliação mais formal. No final de cada modalidade tinha vários registos das prestações dos alunos que seriam utilizadas para realizar a sua avaliação final à modalidade. Em cada período realizei ainda uma ficha de avaliação formativa para conceber o nível de conhecimento que os alunos atingiram.

Reparti a avaliação em 3 momentos fundamentais. Um primeiro momento de avaliação diagnóstica que o Professor utiliza para averiguar e



registar em que nível de aprendizagem se encontra a turma numa determinada matéria. É a partir desta avaliação que se faz todo o trabalho de planeamento das aulas. Com base nos seus resultados podemos ter uma ideia mais lúcida acerca das capacidades da turma, onde podem os alunos chegar, e das dificuldades mais presentes e as barreiras que podem levantar.

O segundo momento de avaliação não é exactamente “um momento”, é antes um conjunto de momentos de avaliação que aparecem durante todo o processo, a avaliação formativa. Podemos dizer que se trata de uma contínua recolha de dados sobre a prestação dos alunos que vai auxiliar na regulação de todo o processo. Esta recolha é que nos vai mostrar claramente o estado de evolução na aprendizagem dos alunos e indicar a necessidade de modificar, ou não, as estratégias ou o planeamento.

A avaliação não ficaria completa sem um momento de avaliação sumativa. É o momento mais formal de avaliação realizado no final da unidade didáctica. Esta avaliação retrata o nível de aprendizagem em que se encontram os alunos e ainda se eles foram capazes de alcançar os objectivos propostos

Durante o ano foi sempre nestes moldes que conduzi a avaliação dos alunos, no entanto na unidade de ginástica isso não aconteceu. Utilizei uma metodologia bastante diferente, tanto de leccionar a modalidade como de avaliar. Essa metodologia assentava fortemente numas pequenas fichas individuais chamadas fichas de progressão. Foram elaboradas 3 fichas de progressão de níveis diferentes e o objectivo delas era que os alunos progredissem nesses níveis. A diferença na metodologia foi a autonomia e responsabilidade dada aos alunos, que passaram a ser senhores da sua progressão. Passaram a controlar a sua evolução. Cada ficha era constituída por diferentes elementos que deveriam ser treinados pelos alunos, individual e autonomamente, e apresentados ao Professor. Quando o Professor observava a execução correcta desses elementos rubricava na ficha. Quando uma ficha estivesse completa o aluno progredia de nível.

Esta metodologia resultou muito bem e fez com que eu gostasse muito das aulas de ginástica. Os alunos empenharam-se, regra geral, e a competição instalada, não oficialmente, foi muito benéfica. O que eu penso ter sido o único

ponto negativo foi o facto de o Professor ficar com pouca margem para ajudar e corrigir já que estava constantemente ocupado a observar e rubricar. No entanto penso que com a prática este sistema pode ser ainda muito mais produtivo.

No final desta experiência de ser Professor já me sinto muito mais à vontade na avaliação do que me sentia quando tudo isto começou. Passei por vários momentos dedicados à avaliação, senti problemas distintos, mas penso que ultrapassei todas as minhas barreiras auto impostas para este ano.

#### **4.1.10.4 Finalizando**

O ponto mais importante, no qual se centraram a maior parte dos esforços deste ano de estagiário, foi este, a organização e gestão do ensino e aprendizagem. É sobre esta matéria que recai a maior fatia da avaliação do estagiário. É acerca dos seus conteúdos que se debruçam profundamente as unidades curriculares de didáctica. É neste ponto que aprendemos a ensinar. E como não poderia deixar de ser foi nesta temática que eu senti a minha maior evolução. A constante reflexão foi construindo ideias mais fortes, estratégias mais eficazes. O contacto muito próximo com os colegas estagiários e colegas muito experientes favoreceu o meu crescimento enquanto Professor. Consegui, com este processo, passar a sentir-me capaz de pegar numa turma e conduzi-la através de um ano lectivo atingindo os meus objectivos. Aprendi a trabalhar em grupo, partilhando ideias, dividindo tarefas e organizando pessoas. Senti que sem esta experiência não seria um Professor capaz. Sem passar pelo estágio não iria conseguir ter a *performance* que terei da próxima vez que leccionar uma vez que iria ter que passar por um processo semelhante no qual além de ser Professor da escola era, se calhar em maior percentagem, um aluno da mesma no que toca à organização e gestão do processo de ensino e aprendizagem.

## **4.2. Área 2 – Participação na escola**

Além das horas lectivas que um Professor deve conduzir há muito mais trabalho para desenvolver, que muitas vezes não está directamente relacionado com as aulas. Desde início que eu sabia que ainda tinha muita coisa para aprender acerca da escola e o seu funcionamento e estive sempre disposto a investir neste ponto devido a esse facto. Ser Professor não é só dar aulas, mas eu não tinha uma noção clara daquilo que há além das aulas.

Mais uma vez, no projecto de formação individual, eu desenhei o mapa da viagem que pretendia fazer dentro deste campo do conhecimento e penso que este terá sido o mapa mais fiel que desenhei, já que tinha noção do que precisava de aprender, sabia que queria aprender e que facilmente iria conseguir fazer com que eu aprendesse o que me faltava. Todos os objectivos a que me propus foram concretizados e, no final, olhando para o trabalho realizado digo que ainda podia ter feito mais. Vontade não me faltou.

Ainda a salientar que um factor contribuiu bastante para o sucesso deste ponto. A escola onde estagiei é a mais próxima de minha casa, de entre todas as possíveis escolhas para o estágio, e tenho mesmo uma prima que também faz parte do quadro da escola, sendo, por curiosidade, a Professora com mais anos de serviço na escola. Isso ajudou-me de alguma forma a sentir-me “em casa” e a que a minha aproximação do grupo de Professores, que é fantástico, fosse bastante natural. Sempre me senti muito bem no meio deles, protegido, integrado, e estes factores ajudaram-me muito no desenvolvimento do meu trabalho, principalmente no que à participação na escola diz respeito.

### **4.2.1. Participação em diversas reuniões**

O primeiro contacto que tive com a escola foi numa reunião de Professores e depois dessa muitas se seguiram. Participei em reuniões gerais, reuniões de departamento, reuniões de grupo e em conselhos de turma. Cada uma delas com características diferentes e objectivos também distintos.

Uma reunião pode ser planeada devido a várias causas, no entanto o seu objectivo, apesar de nunca ser o mesmo, é semelhante. Decidir, alinhar e uniformizar procedimentos.

As reuniões onde aprendi mais foram, sem dúvida, as reuniões do grupo de Educação Física e os conselhos de turma.

Nas reuniões de Grupo de Educação Física pude observar por dentro e perceber claramente o porquê de aquele grupo ser tão forte e respeitado na escola. As suas opiniões são muito bem estruturadas. Os Professores de Educação Física são pessoas muito cultas e com uma experiência, profissional e pessoal, muito elaborada, o que dá um peso enorme às suas opiniões. O grupo funciona como um grupo deve efectivamente funcionar e os seus procedimentos internos estão muito bem estipulados e são muito bem pensados, de tal forma que cada elemento sabe sempre o que há a fazer. Conseguem despachar as reuniões em muito pouco tempo, seja qual seja a ordem de trabalhos, e fazer com que as decisões tomadas sejam claras. Todos vão para as reuniões com a certeza do que lá se vai tratar e não há nenhum elemento que não produza uma opinião. Todos se respeitam, e as respectivas opiniões, e produzem consenso sem problemas. É um grupo tipo, que efectivamente trabalha bem em grupo, e faz funcionar na perfeição tudo o que gira à sua volta. E a comunidade escolar tem isso bem presente.

Nestas reuniões eu senti-me sempre muito bem. O grupo acolheu-nos (aos estagiários) muitíssimo bem, fazendo com que nós sentíssemos que fazíamos parte dele há muitos anos. Nunca uma opinião nossa foi menosprezada ou posta de lado nem a nossa presença foi minorizada. Só isso já faz com que uma pessoa se sinta bem. O grupo além de trabalhar muito bem não o faz num clima de concentração exagerado, ou sob altas pressões. Em todas as reuniões impera o bom ambiente, tranquilo, próximo, com um humor sempre presente e vincado por parte de todos. Penso que isso também é muito importante para o sucesso do seu trabalho e para fazer um recém-chegado sentir-se à vontade em fazer parte do grupo e participar activamente nas reuniões.

No decorrer destas reuniões decidiram-se coisas muito distintas como procedimentos e tarefas para a organização das mais diversas actividades escolares, posições do grupo em relação a determinados acontecimentos ou apresentações de propostas para o ano lectivo seguinte.

O grupo de estágio ficou encarregue de uma acta de uma reunião. Aí pude pela primeira vez sentir a dificuldade de ser o secretário. A atenção aos pormenores da reunião é subitamente redobrada, tudo tem que ficar anotado, e o prazo para entrega da mesma é apertado. Nunca tinha visto uma acta pelo que a sua elaboração não foi tão fácil como estava à espera. Desconhecia os procedimentos e as regras o que levou a que demorasse mais tempo do que o normal necessário para realizar uma acta. No entanto hoje sinto-me perfeitamente capaz para realizar uma outra, sozinho.

Os conselhos de turma também me ensinaram muito. Aí decide-se menos, e uniformiza-se comportamentos. O conselho de turma, grupo de Professores que lecciona uma mesma turma, encabeçado pelo Director de turma, junta-se no início dos períodos e no fim dos mesmos, e ainda a meio destes. A primeira reunião é para dar a conhecer a turma a todos, olhando para cada caso de cada aluno com atenção. Aqui são apresentados os alunos e os seus processos, servindo isso para que os Professores estejam atentos a alguns factores que podem ser importantes e para que os possam conhecer um pouco melhor mesmo antes de os verem pela primeira vez. Esta reunião torna-se particularmente importante quando há casos de alunos com deficiências, com problemas graves seja do que for, ou com comportamentos incorrectos recorrentes. Assim os Professores podem começar a montar a sua estratégia para lidar com a turma ainda antes de a conhecer.

A reunião seguinte, intercalar, serve para que o conselho de turma se pronuncie acerca da planta da turma e outros assuntos possíveis que estejam em cima da mesa. É talvez a reunião mais pequena, e funciona como uma pequena paragem para ver se está tudo bem. No caso de haver situações que necessitem de intervenção, como problemas derivados dos alunos, desde higiene a faltas de comportamento, esta reunião também é adequada para as resolver.

A última reunião (de um período) é o famoso conselho de turma onde se lançam definitivamente as notas. Aqui os Professores falam acerca das prestações dos alunos, lançam as classificações e decidem sobre o futuro académico dos aprendizes. Por vezes o conselho de turma pode mesmo alterar uma nota dada por um Professor, se assim achar necessário. Uma votação é iniciada e no caso de o resultado apontar para a alteração da nota esta é alterada. O conselho de turma é soberano. O conselho de turma pode ainda decidir que um aluno transita ainda que apresente mais do que o nº máximo de negativas para o efeito. No caso de o grupo de Professores achar, por exemplo, que o aluno em causa consegue um melhor desempenho se estiver numa turma diferente essa decisão pode ser tomada.

Apenas como curiosidade, no primeiro conselho de turma em que participei, ainda antes de as aulas terem começado, fiquei boquiaberto com tudo aquilo que a escola - os Professores - sabe acerca dos alunos. Nessa reunião eu senti-me como que exposto aos meus antigos Professores do secundário e anos anteriores já que também eles sabiam, com certeza, muitos pormenores do meu processo. Assuntos da vida familiar, problemas, gostos, tudo e mais alguma coisa. Percebi que isso é algo que, de facto, é importante para os Professores, para poderem lidar correctamente com alguns alunos, mas não estava, de modo nenhum, à espera que o nível de conhecimento fosse tão profundo.

#### **4.2.2. Participar em acções de formação**

Apenas se realizaram duas acções de formação neste ano lectivo e, como não podia deixar de ser, eu participei nas duas, absorvendo tudo o que nelas foi transmitido. A primeira foi uma acção conduzida pelos próprios Professores de Educação Física e tinha muito peso para os estagiários. Os desportos abordados foram as actividades rítmicas e expressivas, conduzido pela Professora Fernanda, seguiu-se o kin-ball orientado pelos Professores Maria Alexandra e César Viegas, depois entrou o Professor Pedro Santos com o Badminton e finalizou com o speedminton. A Figura 5 representa os

participantes nesta acção de formação, o grupo de Educação Física, e o bom ambiente em que ela se desenvolveu.

O badminton foi incluído nesta formação interna devido à falta de formação dos estagiários nesta modalidade. A faculdade não nos facultou nenhuma didáctica ou estudo prático nesta modalidade, pelo que nós nos sentíamos, os 3, não preparados para leccioná-la.



Figura 5 – Acção de formação de kin-ball, badminton, speedminton e actividades rítmicas expressivas.

Kin-ball, speedminton e actividades rítmicas expressivas serviram em grande medida para dar a conhecer as modalidades mas o speedminton, modalidade muito recente, foi o ponto alto do dia. As regras são muito simples e o jogo *idem*, ficando uma boa fatia de tempo destinada apenas à

experimentação deste desporto, resultando em momentos de muito boa disposição.

Foi um dia muito bem passado em grupo, fortalecendo os laços que unem este magnífico grupo de trabalho. Gostei muito desta experiência e aprendi coisas muito úteis para as minhas aulas.

A outra acção de formação realizou-se bastante tempo depois desta e foi orientada por um Professor externo. O tema era o rugby, nas variantes tag e nestum. O Professor era um atleta profissional de rugby e veio à escola transmitir os conhecimentos das modalidades tag rugby e nestum rugby, que não são mais do que adaptações ou variantes do rugby normal para formas aplicáveis na escola. Começamos por ver uma apresentação das regras e características do jogo e passamos para uma experimentação de vários exercícios de aprendizagem da modalidade.

Da minha parte foi o primeiro contacto real com o rugby, ainda que nestas variantes, e posso dizer que não estava nada à espera que fosse uma modalidade e uma experiência tão rica. Este desporto, tão semelhante a outros JDC, apresenta regras e tácticas muito próprias, que são por vezes inversas

aos Jogos mais vulgares na nossa sociedade como o futebol ou o andebol. Desde o passe ser exclusivamente feito para trás da linha da bola até aos comportamentos desejados. Nesta modalidade o bom jogador é aquele que pega na bola e progride no terreno. Os passes devem ser evitados e depois de um passe o jogador deve parar e deslocar-se para trás da linha da bola. dito assim parece fácil mas os mecanismos automatizados de jogo que se vão solidificando ao longo dos anos de aprendizagem levam-nos a comportamentos opostos, instintivamente. Para conseguir jogar bem este desporto tive que me concentrar intensamente nos meus gestos e movimentos, típico de um absoluto principiante numa aprendizagem motora.

#### **4.2.3. Colaboração com o Director de Turma**

No que toca à direcção de turma da minha turma eu não me envolvi tanto quanto pensei que iria fazê-lo. Na altura em que leccionei as aulas de Formação cívica esse contacto com a directora de turma foi muito maior, mas ainda assim não teve a medida que imaginei.

De qualquer modo foi o suficiente para perceber o quão importante é o trabalho do Director de Turma (DT). O DT é a ponte entre os alunos e os pais, sendo ele o responsável por ouvir os pais e resolver os problemas relativos à sua turma. Se um pai quer falar com um Professor do seu educando ele tem que comunicar ao DT que por sua vez comunica ao Professor em causa. No caso de se tratar de um assunto que diga respeito à turma no global ele decide ou junta o conselho de turma para decidir em conjunto. Além desse labor mais específico o director de turma é o responsável também por representar a turma na comunidade escolar, por resolver assuntos de logística da escola relacionados com a turma e por informar os alunos acerca de assuntos importantes. O DT funciona como um elo de ligação entre todos os intervenientes no processo de uma turma: alunos, pais e Professores.

Apesar de não ter estado tão por dentro quanto eu queria desta realidade, no que à minha turma diz respeito, pude observar um pouco melhor o trabalho do DT na turma 7º7, do meu colega Bruno Ferreira já que esta turma



se trata da Direcção de Turma da Professora Fernanda Borges, a nossa Professora Cooperante. Aí consegui ver mais de perto o trabalho mais “miúdo” deste posto. As faltas, os contactos com os Encarregados de Educação, as horas de atendimento aos Encarregados de Educação, o quadro de excelência, os processos individuais, entre outros documentos e acções de menor dimensão que enchem o que sobra da agenda do simples Professor.

#### **4.2.4. Participar nas actividades escolares**

Um ano lectivo é um intervalo temporal preenchido por muito mais do que apenas as aulas. Algumas das componentes do ano lectivo, muito apreciadas pelos jovens alunos, são as actividades escolares. Planeadas desde o início do ano lectivo estas actividades interrompem muitas vezes o normal desenvolvimento das aulas e colocam os alunos a jogar uns com os outros num clima de normal alegria e entusiasmo. Os alunos cedo se mostram preocupados com as actividades para que possam inscrever-se a tempo para participarem delas.

O grupo de Educação Física é sem dúvida aquele que mais actividades desenvolve e é reconhecido por isso também. Estes Professores dão muito mais à escola do que as aulas normais. Cada actividade implica muita organização prévia, muito trabalho no dia e ainda algum empenho no rescaldo para afixar resultados e reflectir sobre a actividade.

Em todas as actividades eu quis participar desde a sua génese até ao seu final, mas aquela em que mais me envolvi, à parte o meeting de atletismo que foi organizado pelos estagiários, foi o corta mato. Desde fazer as inscrições, pedir patrocínios, montar o circuito, fazer o cartaz, e pedir presença de policiamento e bombeiros passou tudo pelas minhas mãos, sempre com ajuda dos professores e do grupo de estágio. Outras actividades tiveram outros Professores responsáveis, pelos quais passava a maior parte do trabalho relativo a essa mesma actividade. Ou seja, apesar de serem sempre actividades de grupo houve sempre um “líder” da actividade, que ficava

encarregue da organização. Esse organizador foi sempre alterando com a actividade, estando esse plano decidido desde o início do ano lectivo.

Algumas das actividades fazem parte do mundo do desporto escolar, significando que os vencedores poderão passar a representar a escola numa fase posterior da prova, a regional. Os vencedores dessa fase progridem depois para a fase nacional.

Fiquei a saber, pela Professora Fernanda, que muitos dos nossos atletas das disciplinas de atletismo começaram a dar nas vistas nestas provas, o que retrata a importância das mesmas para o mundo desportivo actual.

#### 4.2.4.1 Corta-Mato (1º Período)

No Dia 11 de Novembro de 2009 realizou-se o Corta-Mato da Escola E.B 2/3 Teixeira Lopes, representado na Figura 6. Apesar de esse dia trazer muito trabalho a todo o grupo de Educação Física, a azáfama começou bem mais cedo. O planeamento da actividade, na reunião do grupo de Educação Física, na reunião do dia 29 de Outubro, foi o início dos trabalhos. Foram atribuídas tarefas e tomadas decisões. Utilizar, ou não, os dorsais, encaderná-los ou não, onde fazer a câmara de chamada, onde entregar os dorsais, entre outros



Figura 6 – Corta-mato (fase escola)

pormenores importantes. Algumas inscrições já estavam feitas, mas a maioria de alunos a inscrever apareceu depois dessa reunião. Os Professores tiveram acesso às fichas de inscrição, que deveriam preencher e entregar ao grupo de estágio, que estava encarregue da organização a par da Professora Cooperante. A partir daí começamos a criar as listas de alunos conforme as inscrições iam chegando, preparar os dorsais para as corridas, pensar a logística (mesas, cadeiras, aparelhagem de som, medalhas, guarda-sóis, material, coletes...) e fazer as *startlists*. Antes de tudo isto foram lavradas cartas de pedido de patrocínio para algumas empresas situadas perto da

escola, e pedidos para que bombeiros e P.S.P. estivessem presentes no dia da prova para prevenir alguma eventualidade.

No dia da prova o trabalho começou cedo. Foram precisas muitas mesas e cadeiras para a logística da câmara de chamada, entrega de dorsais, secretariado (meta) e aparelhagem de som. Enquanto 4 professores e outros tantos alunos entregavam os dorsais e alfinetes, um funcionário e mais dois professores tratavam do pódio e aparelhagem de som, e os restantes preparavam o percurso. Tudo correu bem e dentro do horário previsto.

Em termos de tempo a prova decorreu melhor do que se poderia imaginar. Em pouco mais de uma hora todos os escalões já tinham corrido, e todas as medalhas já tinham sido entregues, faltando apenas arrumar o material. A dividir, mais uma vez, por todos a arrumação do material foi tão rápida quanto se poderia pedir. Seguiu-se um almoço com o grupo de Educação Física para celebrar o bom decurso da prova.

No final da actividade o balanço era francamente positivo. A experiência de organizar um evento desportivo como o corta mato ainda não fazia parte do meu currículo, daí que a minha atenção para com cada pormenor da organização fosse muito grande. Passando pela experiência fica muito mais claro o que está implicado numa organização deste tipo, ficando com as bases necessárias para poder, mais tarde, preparar um outro evento com características semelhantes, sem ser surpreendido por pormenores básicos de organização.

#### **4.2.4.2 Megasprinter e Mega Salto (2ºPeríodo)**

No dia 18 de Fevereiro de 2010 realizou-se a fase escola das duas provas megasprinter, representado na Figura 7, e mega salto, representado na Figura 8. Os alunos foram apurados para as provas dentro de cada turma, sendo escolhidos 2 alunos de cada grupo escalão/sexo.

Penso que a organização deste evento pecou bastante pelo atraso. Os Professores deixaram tudo muito para cima da hora o que resultou em algumas descoordenações durante a prova. As listas de alunos foram feitas muito depois do que deveriam ter sido e isso levou a que alguns erros fossem

cometidos, como por exemplo não separar os alunos por prova logo à partida.



Figura 7 – Megasprinter (fase escola)

Fez-se uma lista dos alunos inscritos sem separar fisicamente as listas por prova. Na hora de receber os alunos foi preciso fazer “startlists” retirando das listas globais os alunos que estavam apurados para cada prova. Como é óbvio foi um trabalho realizado sob pressão que poderia ter sido facilmente evitado.

A organização dos escalões, pelo menos na prova onde eu estava (mega salto), não foi cumprida. O escalão em prova foi sempre aquele que mais rapidamente se organizava no local. Mais uma vez isso deveu-se à falta de organização.

Para além destes problemas de organização a prova acabou por correr bem, muito por causa da experiência do grupo de educação física, que, apesar de tudo, conseguiu fazer com que as provas se desenrolassem rapidamente (dentro do possível neste contexto).

Quanto aos alunos fiquei com a ideia que a generalidade deles gosta muito destas provas e empenha-se ao máximo para conseguir fazer o seu melhor.



Figura 8 – Mega Salto (fase escola)

Não vi nada da prova megasprinter, apenas estive no mega salto, que foi uma prova bem mais demorada, como seria de esperar. No final do megasprinter alguns dos professores ainda ajudaram no mega salto, abrindo-se uma segunda zona de balanço para realizar as provas que faltavam. Desta maneira os escalões que ainda não tinham realizado a prova puderam realizá-la em menos tempo do que estava previsto. Além disso a prova passou a contemplar dois ensaios em vez dos três que estavam planeados, uma vez que o tempo dispendido em cada escalão estava a ser demasiado.

Na minha opinião esta prova era bastante fácil de organizar, até porque os professores e os alunos da escola já conhecem a sua mecânica, e, talvez por causa disso mesmo, ninguém se preocupou devidamente com questões de organização. Para que a prova corresse muito bem não seria necessário um grande esforço por parte de ninguém, bastava que se desse alguma ênfase à parte organizativa e logística antes da prova. De resto a organização do evento era fácil. Uma vez que isso não aconteceu muitos preparativos de última hora ficaram para o fim, o que levou a erros escusados e atrasos indevidos, que, apesar de tudo, não comprometeram as provas.

#### 4.2.4.3 Compal Air 3x3 (2º Período)

No dia 19 de Fevereiro de 2010 realizou-se a fase escola do Torneio de Basquetebol Compal Air 3x3. Esta prova estava totalmente sob a direcção do Professor César Viegas, pelo que nós, estagiários e restantes Professores, apenas tivemos a função de auxiliar na organização. A maior parte como árbitro (incluindo eu próprio) e alguns como secretários. Mesmo no dia da prova foi o Prof. César que tratou da maioria dos pormenores logísticos no local da prova.

Quanto a mim, fiquei durante todo o desenrolar da prova no campo 1, arbitrando todos os jogos que lá se realizaram, como se pode ver pela Figura 9.

Confesso que estava ansioso uma vez que o basquetebol não é o meu forte, e é sabido que não é fácil dirigir um jogo desta modalidade dado o nº de regras e a dificuldade de ver as violações. No entanto correu muito bem, senti-me à altura do desafio e



gostei muito da experiência. Os alunos colaboraram quase sempre, respeitando as decisões e jogando com fair-play.

A organização era muito simples. 5 Campos e 5 jogos de 10min a decorrer ao mesmo tempo. No final todos os árbitros se dirigiam à mesa do secretariado e facultavam os resultados dos jogos. De seguida mais 5 jogos, e

assim sucessivamente. Todos os jogos foram realizados impreterivelmente à hora estipulada, o que é de salientar dado que apenas um Professor sozinho organizou toda a prova.

Durante todo o dia o torneio se desenvolveu, parando apenas a meio da manhã por 15min e à hora do almoço por cerca de 1h30min.

Não tenho muito a dizer à cerca deste torneio uma vez que não vi a sua evolução. O meu trabalho resumiu-se à arbitragem dos jogos no dia da prova. Apenas posso dizer que tudo correu muito bem e no tempo planeado.

#### **4.2.4.4 Torneio de Andebol 4x4 (2º Período)**

No dia 25 de Março foi a vez do torneio de andebol. A professora responsável desta vez foi a Sónia Calejo e invariavelmente a actividade correu bastante bem. Os trabalhos foram em tudo semelhantes ao torneio compal air de basquetebol. 3 Campos, e 3 jogos a decorrer ao mesmo tempo. No final do tempo os árbitros dirigiam-se à mesa e facultavam os resultados. Uma vez que os campos eram em menor quantidade os Professores tiveram mais tempo para apreciar o torneio e ocuparem-se com outras questões que não a arbitragem.

Também nunca tinha sentido o que é arbitrar um jogo de andebol e adorei a experiência. Os alunos regra geral portam-se muito bem apesar de nunca aceitarem de bom grado as decisões do árbitro. Apesar de tudo respeitam, o que já é bom sinal.

O material para esta prova foi um pouco improvisado uma vez que a escola não dispõe de 6 balizas de andebol, e as duas que existem no pavilhão não se adequam aos campos utilizados. Assim ainda conseguimos elaborar duas balizas mais pequenas com tubo PVC e as outras 4 foram montadas com tapetes de Judo, o tatami.

#### 4.2.4.5 Dia Mundial da Dança (3º Período)

Depois de muita azáfama à volta das actividades que se iriam desenvolver neste dia ele enfim chegou. O evento principal acabou por não ter a dimensão que desejamos mas ainda assim foi um dos momentos altos do dia da escola, como se pode observar na Figura 10, aliás, foram dois momentos altos já que se repetiu à tarde. A coreografia da música “I gotta feeling” pelos



Figura 10 – Coreografia da música “I gotta feeling” com os alunos da escola

alunos da escola no intervalo não conseguiu os patrocínios desejados nem a adesão esperada mas contou ainda com cerca de 100 alunos muito empenhados e bem-dispostos a dançar ao mesmo tempo com cachecóis da

selecção nacional. No intervalo da tarde, quando pela segunda vez a coreografia

foi demonstrada tivemos a presença do Professor Guilherme como representante da nossa Selecção Nacional de Futebol, a quem agradecemos profundamente, a oferecer galhardetes da selecção e outras pequenas lembranças e a autografar cachecóis e outros. Os alunos mostraram-se muito entusiasmados com a presença de tal figura e não o largaram mais.

A Professora Fernanda foi a grande obreira desta actividade e o seu orgulho era notório.

À parte este evento foi necessário muito trabalho, mobilizar muitas pessoas, acartar muito material, desde mesas, cadeiras, aparelhagem de som, portáteis, alunos, entre outros. Tanto Professores como auxiliares tiveram um dia longo e recheado de trabalho e espectáculos.

Na parte da manhã, no pavilhão, realizou-se cerca de uma hora de dança aberta a todos, representada na Figura 11. A Professora Fernanda, mais uma vez, conduziu as coreografias, e quem quisesse



Figura 11 – Hora de dança aberta para toda a comunidade escolar



juntava-se ao grupo. Foi uma experiência muito boa, física, psíquica e socialmente falando.

Na parte da tarde a escola abriu as portas a dois tipos de dança completamente diferentes. No pavilhão reinou o Hip Hop, actividade que eu não vi, logo não posso relatar. Ao mesmo tempo, facto que eu penso que não foi positivo, eu consegui que a minha irmã, Inês Cunha, leccionasse um workshop de Danças Orientais no polivalente. Ela não é habilitada a dar aulas mas tem já alguma experiência nessa área, e conseguiu conduzir o workshop melhor do que eu estava à espera. As alunas participantes gostaram muito da experiência e ficaram com vontade de repetir. A Professora Maria Alexandra foi muito amiga e manteve-se sempre muito próxima, ajudando-a sempre que necessário.

No final do dia o saldo era nitidamente positivo. Foi um dia muito feliz, com actividades realizadas com sucesso e que agradaram a todos.

#### **4.2.4.6 Meeting de Atletismo (3º Período)**

Para o dia 18 de Maio estava reservada a actividade que seria organizada pelos estagiários, o meeting de atletismo. A organização começou também muito antes da prova mas a maior parte do trabalho estava previamente realizado pelo grupo de Educação Física já que todos os anos este evento é levado a cabo. Nós apenas tivemos que nos preocupar com pequenos aspectos e com as inscrições.

Em termos de organização sentimos mais nesta actividade o peso da responsabilidade. Nesta prova as dúvidas vinham todas ter connosco, e nós deveríamos estar preparados e alinhados para as tirar.

O dia começou mal com um atraso dos 3 estagiários. Ambos combinamos estar na escola às 8:45 e chegamos lá quando já passava um pouco das nove. Foi um erro grave que não pode voltar a acontecer já que nós, mais do que ninguém deveríamos estar lá antes de todos os outros. Nós éramos a organização do evento. Valeu-nos a experiência e boa vontade dos restantes Professores que começaram a montar as provas, estando já meio trabalho feito quando chegamos ao local.



Depois desse primeiro percalço o evento desenrolou-se normalmente e não registei mais falhas graves. Os Professores espalhados pelas provas conseguiram desenvolvê-las sem dificuldade, como seria de esperar. Cá fora o salto em comprimento e a corrida de estafetas e lá dentro o lançamento do peso e o salto em altura. Os alunos acabaram por gostar e o sucesso foi atingido. Registei apenas uma situação incómoda que me fez reflectir bastante acerca da minha atitude perante ela. Na final dos 4x400m uma equipa cometeu uma falta que já tinha sido assinalada algumas vezes e para a qual nós chamamos muitas vezes a atenção. Uma das transições foi realizada para lá da zona de transição, facto que me levou a desclassificar a equipa, como eu frisei que faria. Essa equipa foi a vencedora da prova mas eu desclassifiquei-os, o que despoletou uma enorme onda de irritação nos seus elementos, chegando mesmo um aluno a chorar. A Professora Cooperante chamou-me depois à parte e gentilmente explicou-me que por norma não aplicamos tanta rigidez nas regras para que os alunos não passem por uma situação tão frustrante. No entanto eu estive sempre de cabeça bem fria e mantive a tranquilidade e fiz o que fiz em consciência. Não me parece correcto que uma equipa vença, mesmo sendo bastante superior às outras, caso cometa uma falta claramente visível como foi o caso. Não seria justo para os outros. No entanto a visão da Professora Cooperante também tem lógica. É uma situação que cada pessoa resolveria à sua maneira. Eu resolvi assim, não me parece ter sido uma resolução errada, mas, de facto, produziu efeitos bem visíveis.

#### **4.2.4.7 Sarau de encerramento (Final de ano lectivo)**

Para finalizar o ano lectivo o grupo de Educação Física, em conjunto com outros elementos do departamento das expressões, organizou o Sarau de encerramento. Os dias anteriores a este dia 18 de Junho foram de azáfama para todos. O pavilhão foi todo decorado a preceito o que implicou muita mão-de-obra e bastante material.

A Educação Física teve a maior percentagem de actos e a Educação Musical completou o programa. O desporto escolar participou com demonstrações de judo, ginástica acrobática e danças, a Educação Musical fê-

lo com recitais, declamações e danças também. Os professores também marcaram a sua presença no palco abrindo o espectáculo para o primeiro grupo de dança com um animador jogo de luzes.

Antes de entrarem para o pavilhão os convidados passaram ainda pelo polivalente para acarinhar a actuação da orquestra da escola ao sabor de um café, e ainda pelo conjunto de percussão que indicava onde se iria realizar as actividades de pavilhão.

As actuações correram todas muitíssimo bem e o sarau foi um sucesso. Todos gostaram muito do programa, da sequência e da dinâmica dada à actividade. Em cerca de 40min estava tudo apresentado, sem demoras, não obrigando os convidados a esperar por números atrasados ou por situações menos interessantes ou maçadoras. Mesmo o director deu os parabéns à organização pelo excelente trabalho. Mais uma vez o grupo de Educação Física mostrou ser bastante capaz, funcionando em conjunto exemplarmente, auxiliado em grande medida pelo Professor de Música, José Augusto, sem o qual o trabalho para decorar o pavilhão seria muito mais demorado e difícil.

No final os Professores organizadores arrumaram tudo deixando o pavilhão como nada se tivesse passado. Em menos de uma hora tudo estava no local de origem, permitindo as actividades do dia seguinte decorrer normalmente.

#### **4.2.5. Planear e leccionar 6 aulas de Formação Cívica**

Uma surpresa. Nunca me passou pela cabeça que num estágio de Educação Física me fosse pedido para leccionar aulas de Formação Cívica. Quando essa tarefa me foi apresentada confesso que me assustou um pouco no primeiro impacto. Apesar de tudo logo percebi que essa tarefa fazia todo o sentido uma vez que os Professores de Educação Física hoje em dia também leccionam Formação Cívica e área de Projecto, disciplinas que se desenvolvem na sala de aula.

Na minha formação nunca me foi ensinado a leccionar numa sala de aula. Claro que no fundo é igual a fazê-lo no pavilhão mas há especificidades que são bastante diferentes e podem ser fundamentais para fazer a diferença entre uma boa e uma má aula.

Depois de falar com a DT, Raquel Silva, Professora que substituiu a Professora Rosário Colares, agendamos as minhas aulas para fim de Março e inícios de Abril. O tema a abordar seria a Educação Sexual.

Na primeira aula senti-me bastante nervoso. Talvez tão nervoso como na primeira vez que estive diante da turma, na aula de apresentação de Educação Física. Além de não ter nenhuma experiência em leccionar aulas em sala o tema também podia ser um obstáculo ao bom decorrer das mesmas. No entanto esse nervosismo rapidamente passou uma vez que, descobri eu, a diferença da sala para o pavilhão, apesar de muito grande acaba por ser pouca, e os alunos gostaram do tema e participaram sem grandes problemas.

As aulas dentro do tema da sexualidade assustavam-me um pouco devido ao tema em si, no entanto eu abordei-as sempre com o máximo de profissionalismo e tranquilidade, sem entrar em muitas brincadeiras, apenas as necessárias para cativar o interesse da turma, o que fez com que os alunos mantivessem também essa postura em relação ao tema. Passada essa experiência tiro dela um saldo bastante positivo.

As aulas que não estiveram sob o tema da sexualidade também correram bastante bem. Numa delas abordei a história da mulher na sociedade e no desporto, tema que, para meu espanto, cativou os alunos. Outros temas abordados foram a monarquia e a república, devido ao centenário da república festejado no presente ano, e ainda a história do 25 de Abril de 1974, na aula imediatamente anterior ao feriado nacional.

A maior dificuldade que encontrei foi conseguir cativar os alunos e mantê-los cativados durante os 45min. Numa sala de aula não temos tanta margem para “negociar” com a turma, a única moeda de troca por um bom comportamento e atenção que encontrei foi o sair da sala uns minutos antes do toque. Talvez pudesse ter criado mais situações motivadoras para eles agora que olho para trás. De resto apenas o interesse dos alunos pelo tema

controlava o seu estado de atenção ao que era transmitido, já que grande parte dos alunos de hoje não reconhecem autoridade na figura do Professor. Na última aula vi-me obrigado a participar de um aluno à Directora de Turma pelo seu comportamento ao longo dos 45min. Este acabou mesmo por ser suspenso por 3 dias.

Regra geral o comportamento da turma foi, apesar de tudo, bem melhor do que eu estava à espera. E cerca de metade da turma teve um comportamento exemplar, sempre sem incomodar nem interromper, introduzindo perguntas pertinentes, na altura correcta. A outra metade, por seu lado, manteve um comportamento bastante desviante ao longo da quase totalidade das aulas. A falar com colegas de forma completamente descontraída, ou a rir de qualquer assunto, ou a fazer perguntas que já tinham sido respondidas nessa aula, entre outras coisas. Em duas das aulas eu tinha matéria planeada que, a correr bem e sem grandes interrupções, poderia ser leccionada em 30 ou 35min. Apesar de ter dito isso mesmo à turma eles não se conseguiram controlar de forma a não interromperem a aula para conseguirem sair mais cedo. Sei que isso também é característico da idade, no entanto esta turma, com um comportamento adequado poderia ser uma turma brilhante, e não o é porque, a meu ver, não está interessada nisso.

Esta experiência foi muito interessante para mim, para conhecer uma realidade tão diferente e no entanto tão semelhante às aulas de Educação Física. Os Professores de Educação Física já não se limitam a dar aulas relativas à sua área de intervenção, também faz parte do currículo ser Director de Turma, leccionar Formação Cívica e Área de Projecto, disciplinas com temas que podem ser bem diferentes de ginástica, voleibol ou badminton. E só passando por essa realidade é que um Professor pode falar sobre ela e aprender a melhorar as suas competências pedagógicas. Só assim um Professor se apercebe da dificuldade que há em conduzir uma aula dentro de uma sala, com pouco espaço e com alunos pouco interessados e motivados. Aliás, até para as próprias aulas de Educação Física esta experiência foi boa uma vez que com a experiência de leccionar em sala ganhamos estratégias que podem ser utilizadas no pavilhão, ou ainda servir para melhorar outras já

utilizadas. Há, sem dúvida, transferência de aprendizagem de uma experiência para a outra.

Chegado ao fim da experiência posso dizer que ganhei ainda mais respeito pelos colegas que leccionam em sala. Não digo que seja mais ou menos difícil ou complexo do que as aulas de Educação Física, mas sem dúvida é diferente.

O apoio da Professora Raquel foi incondicional durante todo este processo e isso ajudou-me muito. Senti-me bem no papel que era dela e à vontade para explorar. No final das aulas sempre lhe contava o que se tinha passado e ela sempre apoiou as minhas decisões, fazendo-me sentir capaz. Discutir decisões e atitudes com um Professor mais experiente ajuda sobremaneira à reflexão. Assim ficamos também com a opinião duma pessoa que já ensina há algum tempo e que vale muito neste início de carreira. A Professora foi uma autêntica Professora Cooperante para estas aulas.

#### **4.2.6. Participar no Desporto Escolar**

Ao longo de quase todo este ano lectivo participei de uma experiência nova. Como já referi noutros documentos de estágio o meu percurso no desporto escolar, durante a minha escolaridade básica e secundária, foi nulo. À parte da organização e participação de algumas actividades desportivas na escola eu nunca fui um aluno muito participativo, e muito menos no desporto escolar. Não sei bem explicar a razão, dado ter desde sempre uma paixão pelo desporto, talvez por nunca ter tido uma turma com colegas que participassem nessas actividades. Desde cedo nós próprios organizamos os nossos tempos livres, quase sempre à volta de actividades desportivas. E o facto de ter um campo de futebol de 7 em casa também facilitou essas organizações, o que fazia com que não sentíssemos grande necessidade em participar no desporto escolar. Ou havia jogo contra outros colegas, ou pequenos torneios, ou passeávamos de bicicleta, ou marcávamos tardes de piscina. Assim o nosso grupo nunca teve grande afinidade com o desporto escolar, tanto que eu nem

sei dizer que modalidades estavam disponíveis para os alunos no tempo em que eu frequentava a escola.

Chegado então o momento de contactar com essa realidade não quis perder mais oportunidades. A Escola E.B. 2/3 Teixeira Lopes coloca à disposição dos alunos cerca de 40h semanais de Desporto Escolar, registo notável no panorama nacional. Os alunos podem escolher entre Judo, Golfe, Atletismo, basquetebol, xadrez, kin-ball, ténis de mesa, danças modernas e desporto adaptado.

Desde logo quis fazer parte do grupo de kin-ball, modalidade recente e pouco conhecida, cujos treinos decorreram à 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup>feira sob a alçada do Professor César Viegas e da Professora Maria Alexandra. Foi neste contexto que a maior parte da minha experiência no desporto escolar se desenrolou. Sempre que estava disponível fui ao treino, ajudei no decorrer do mesmo, joguei com os alunos, e cheguei mesmo a conduzir alguns treinos, sozinho, quando os Professores tinham que participar em reuniões ou organizações semelhantes. No entanto apenas consegui comparecer em uma das 3 competições que decorreram durante o ano.

Esta experiência no Kin-ball foi muitíssimo produtiva e positiva, em vários aspectos que tentarei esclarecer. Em primeiro lugar pelo próprio desporto escolar. Passei a conhecer por dentro a realidade das provas, das condições materiais, das condições em que os Professores assumem horas de desporto escolar, ou seja, de forma geral contactei com uma realidade a mim desconhecida. Depois, e concretamente no Kin-ball, aprendi uma modalidade que desconhecia completamente. Uma modalidade muito dinâmica, com ideais de desportivismo fantásticos, muito divertida e muito alternativa. Os alunos aderem muito facilmente a este desporto e gostam de jogar. Em algumas sessões partilhamos o treino com alunos da Escola Secundária António Sérgio que nos trouxeram ideias novas, técnicas e tácticas mais actualizadas, uma vez que eles tiveram recentemente o privilégio de contactar directamente com o próprio inventor do Kin-ball, Mário Demeres. Penso que este ponto foi onde ganhei mais. Em Portugal esta modalidade ainda está muito pouco

desenvolvida e agora eu sou uma das “poucas” pessoas que conhece bem a modalidade, o que, para mim, é uma honra.

Para além de ter esta experiência com a modalidade e com o desporto escolar tive ainda um contacto muito próximo com outros Professores que não a Professora Cooperante, o que por si só já é uma mais-valia enorme. No entanto, pelos Professores que são, essa mais valia engrandece-se de forma gigantesca uma vez que são duas pessoas fantásticas, dois Profissionais que eu admiro muito, cada um à sua maneira. A Professora Maria tem ideais muito claras, segue as regras à risca e é completamente contra tudo o que não esteja bem, no que toca às aulas, ao pavilhão ou à escola. Segue sempre o que a razão lhe diz e não permite que os assuntos, sejam eles quais forem, sejam tratados de forma leviana. Foi ela que me mostrou o enquadramento do desporto escolar enquanto fenómeno social numa realidade escolar como aquela em que a escola em que estamos se encontra. Estes alunos necessitam de obter situações de sucesso, de se sentir dentro de um grupo, de uma equipa, de sentir felizes, como um dia de praia necessita de sol, e o desporto escolar é um meio privilegiado para se conseguir fazer-lhes chegar isso mesmo. É uma pessoa deveras interessante, amiga, próxima e muito profissional.

O Professor César, por seu lado, é um poço de conhecimento. Além de ser uma figura respeitadíssima por toda a comunidade escolar é uma pessoa muito bem-disposta e próxima de todos, principalmente (e sublinho, principalmente) dos alunos. Noto no Professor um carinho pelos alunos e pelo ensino que é tocante. As suas histórias de vida, cujos detalhes ele me concedeu o direito de conhecer, são fantásticas, tanto a nível pessoal, experiências desportivas, como a nível profissional, passagens que decorreram no pavilhão, ao longo da sua carreira, que contornam e requintam o seu conhecimento enquanto professor. É um profissional completíssimo com quem aprendi muito e, espero, tenho ainda muito para aprender.

Vivi ainda, de forma menos acutilante, outras experiências de Desporto Escolar que me ensinaram muito. A meio do segundo período comecei a frequentar os treinos de golfe, também eles a cargo do Professor César. Não

de forma tão recorrente como o Kin-ball, até porque o treino de golfe que frequentei decorria ao mesmo tempo que o de kin-ball à 5ª-feira, e só frequentava o golfe quando não era indispensável a minha presença no kin-ball. Aqui não foi numa perspectiva de Professor mas mais numa de aluno. Nunca tinha pegado num taco de golfe na minha vida e hoje já sei fazer “*swings*”, “*chips*”, e “*puts*”, conheço algumas regras do jogo, os diferentes tacos e suas funcionalidades. Foi uma experiência que me agradou sobremaneira, até porque o Professor disse que eu tinha jeito para a modalidade. Não me sinto agora capaz de treinar um atleta de golfe, mas com certeza serei capaz de conduzir uma iniciação à modalidade. Acima de tudo ganhei um gosto e respeito enormes pelo golfe. Nunca pensei que fosse tão difícil, complexo e, por muito que me custe a acreditar, fisicamente cansativo.

Além destas passagens pelo kin-ball e pelo golfe marquei presença em alguns treinos de ténis de mesa, mais por curiosidade, para saber como decorriam e o nível de capacidade dos alunos. É também uma modalidade pela qual nutro um carinho especial, apesar de ter tido poucas vivências. Estes treinos eram conduzidos pela Professora Maria Alexandra, que foi auxiliada, a partir de certa altura, pelo meu colega Bruno Ferreira.

Para finalizar também frequentei por duas vezes, não de forma voluntária, o treino das actividades rítmicas e expressivas, ou seja, dança, leccionados pela Professora Fernanda. Embora tenha gostado da experiência, de aprender coisas diferentes, fiquei com a certeza que a minha inabilidade para esta área do desporto é inata. Gostava de saber dançar, mas o que é certo é que demonstro muita dificuldade nesse campo.

Resumindo, esta passagem pelo mundo do desporto escolar contribuiu em grande escala para o meu desenvolvimento profissional. Não falo apenas da componente lectiva, da condução do treino ou da aula, mas também do enquadramento destas actividades no contexto legal, na realidade dos alunos, na perspectiva do currículo, na vida e horário do Professor, no conhecimento das competições locais e regionais de desporto escolar e no contacto mais próximo com outros Professores da comunidade escolar. Só posso dizer que tenho pena de não ter participado mais no desporto escolar, como aluno,



quando tive oportunidade. Não me arrependo, de forma alguma, do caminho que tomei, mas gostava de ter pelo menos experimentado.

Hoje sinto-me um Professor capaz de conduzir uma modalidade na realidade do Desporto Escolar. Já conheço este mundo e as suas especificidades, embora mal soubesse que ele existia antes de ter começado o estágio.

### **4.3. Área 3 – Relação com a comunidade Escolar**

Para este ponto tinha-me proposto apenas a dois objectivos específicos. Por uma lado fazer uma caracterização aprofundada da escola, trabalho necessário para o Modelo da Estrutura do Conhecimento do planeamento anual e ainda a organização e realização de uma acção de solidariedade social, ambas tarefas que implicaram bastante tempo e dedicação.

#### **4.3.1 Caracterização da escola e meio envolvente**

Conhecer o meio em que estamos inseridos é algo de fundamental para o bom decorrer da nossa actividade profissional. Na escola esse aspecto é, na minha opinião, ainda mais importante uma vez que há alunos de variados estratos sociais, alunos com educações familiares muito afastadas, enfim, alunos que são pessoas, e como pessoas que são apresentam as suas particularidades. Conhecendo o meio envolvente à escola podemos ficar com uma ideia mais clara acerca do tipo de aluno que lá podemos encontrar, podemos à partida planear uma abordagem mais correcta para as nossas aulas, e podemos ainda tomar conhecimento das instituições ou infra-estruturas que serão, eventualmente, uma mais-valia para a escola, por se encontrarem nas suas proximidades.

Conhecer a escola propriamente dita, tanto a nível de infra-estruturas como de pessoal ou de regulamento é também algo de fundamental para o

desenvolvimento de um bom trabalho, ajudando o profissional a resolver melhor os problemas que vão surgindo no desenvolvimento do seu trabalho.

Uma vez que, no ponto 3 deste documento, eu já fiz uma descrição detalhada da escola e do seu envolvimento social e geográfico este ponto acaba por se reflectir nessa redacção. Foi um dos trabalhos que tive de aperfeiçoar durante o ano lectivo, e já ficou aqui bem explanado. No início a escola onde estagiei era algo completamente novo para mim, no entanto consegui chegar ao final da experiência com um conhecimento aprofundado da escola, enquanto edifício físico, enquanto comunidade e enquanto instituição. Daí só posso concluir que este objectivo foi alcançado com sucesso.

#### **4.3.2 Desenvolvimento de uma acção de solidariedade social**

Como forma de envolvimento com a comunidade extra-escolar, o Núcleo de Estágio da EB, 2/3 Teixeira Lopes assumiu o projecto de se aliar à Legião da Boa Vontade e através da mesma, participar no programa da Ronda da Caridade. Este, consiste na confecção e distribuição de sopa, lanches e roupa a pessoas desfavorecidas, todas as sextas e sábados à noite.

Inicialmente a nossa ideia era a de ajudar no sentido de angariar os alimentos necessários à confecção da sopa, tal como utilizar as instalações da escola para a sua preparação para posteriormente colaborarmos com a sua distribuição. Embora tivéssemos estas intenções nem tudo se mostrou viável. A sopa teria que ser confeccionada na cozinha das instalações da LBV e a sua distribuição acarretava um seguro a cada passageiro da carrinha da LBV e que já tinha estabelecido as equipas de distribuição até ao fim do mês.

Desta forma, apenas pudemos participar com a recolha dos alimentos e confecção da sopa. Para tal, criámos uma tabela que foi exposta no bar dos professores e contando com a colaboração dos mesmos para a colheita dos alimentos até ao dia 7 de Maio.

No dia 8 de Maio deslocámo-nos à instituição da LBV, no Porto, logo pelas 11h para proceder à confecção da sopa que iria ser distribuída nessa mesma noite, como se pode observar na Figura 12 e 13.

Antes de pormos mãos à obra, conversámos com a dona Beatriz, a cozinheira responsável pela confecção da sopa desse dia, que nos esteve a pôr a par de experiências e que me marcou acima de tudo por ser voluntária da LBV há mais de sete anos e por já ter desempenhado diferentes funções.

Iniciado o trabalho propriamente dito, este mostrou-se divertido e fácil. No total éramos quatro, tendo sido o serviço distribuído por todos, trabalho este que consistiu em descascar e cortar

legumes, libertando a cozinheira que se prendeu com tarefas de limpeza, igualmente essenciais.

Esta tarefa concretizou-se numa hora, no entanto fomos partilhando experiências, ouvindo a dona Beatriz falar da instituição e dos seus projectos, conhecendo um pouco mais este trabalho de voluntariado.

Assim que a sopa entrou na cozedura o nosso trabalho esgotou-se. No entanto, ficámos de marcar outra data, para procedermos a outra ajuda, sendo que nessa vez iremos mais cedo para conviver um pouco mais e degustar o saboroso preparado.

No conjunto, despendemos cerca de duas horas incumbidos na tarefa. Esta experiência por mais simples que tenha sido, acredito ter contribuído bastante para o bem-estar de outras pessoas. Se todos tivessem a bondade de dar um



Figura 13 – Grupo de estágio e D. Beatriz na L.B.V.

pouco mais de si a causas como estas e auxiliar neste tipo de iniciativas, mais facilmente e mais gente poderia ser ajudada. Acima de tudo apreciei bastante a oportunidade de cooperar com um projecto deste nível, numa organização tão dignificada. Cresci muito como pessoa e cidadão e consegui ver com maior clareza o problema que existe nas nossas ruas. Não apenas à 6ª feira e ao

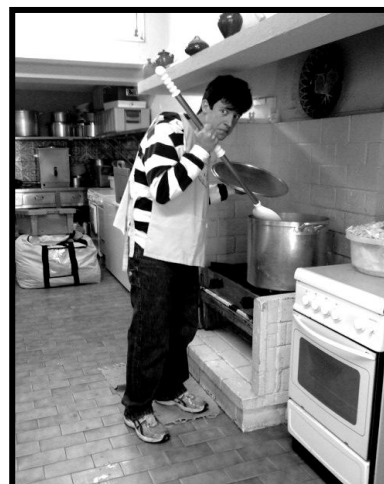


Figura 12 – Confecção da sopa na L.B.V.

Sábado quando sai a carrinha, mas um problema que se arrasta pela vida fora, incluindo cada vez mais pessoas da classe média que timidamente perdem o orgulho e se dirigem às pessoas que distribuem a sopa e pedem, por um prato de comida, o preço mais alto. Por favor.

#### **4.4. Área 4 – Desenvolvimento Profissional**

Não consigo pensar neste ponto de outra forma que não seja a súmula de todos os outros. Tudo o que foi realizado ao longo do processo de estágio profissional, desde as aulas na faculdade até à leccionação das minhas próprias aulas na escola, passando por todo o envolvimento com a comunidade escolar e extra-escolar, foi um ponto a acrescentar à minha formação. Todos esses pontos colhidos fizeram-me progredir no conhecimento profissional além de me fazerem crescer como pessoa, antes de mais nada.

**A formação de Professores define-se como um processo contínuo de desenvolvimento profissional, não havendo limites para a melhoria das competências do Professor.**

Ribeiro, 1989, p. 78

Um profissional em exercício está constantemente a investir neste ponto já que está a desenvolver competências. Todos os erros ou sucessos por onde o profissional passar contribuem para aumentar a sua capacidade em exercer a sua profissão com mais eficácia, sabendo o que faz, porque o faz e o que resultará dessa decisão em fazê-lo. Não apenas no que toca ao seu trabalho propriamente dito mas também no convívio com colegas e outros intervenientes, métodos de trabalho, conhecimento de si próprio e suas limitações e capacidades, enfim, em tudo o que envolve o seu trabalho. Ribeiro (1989) diz que “o processo de formação, enquanto empreendimento comum de candidatos a Professores, Professores em início de carreira e Professores experientes, enriquece-se com os seus contributos recíprocos e igualmente valiosos” (p.79). Um profissional está sempre a aprender, ainda que não de

forma consciente. Um Professor que julgue saber tudo o que necessita para leccionar incorre na possibilidade de se deparar com muitas surpresas, é a minha opinião.

No entanto este desenvolvimento não surge espontaneamente. É necessário que o Professor reflecta constantemente sobre as suas acções e decisões. Apenas assim o desenvolvimento profissional poderá surgir, através do ciclo decisão - acção - reflexão. Segundo Albuquerque, Graça e Januário (2005) “a prática, ao ser problematizada, desencadeia a acção reflexiva, procurando soluções lógicas para os problemas que a própria prática levanta sendo importante que estes sejam resolvidos” (p. 18). Como já tenho vindo a referir ao longo deste documento esta atitude reflexiva perante todas as acções tomadas no âmbito da docência, no âmbito profissional, foi o ponto fundamental onde o desenvolvimento profissional e social se multiplicou. Sem a reflexão profunda sobre as acções e suas consequências eu não teria evoluído tanto pois não teria aprendido nada com o trabalho que fui desenvolvendo. Um erro que não seja reflectido dificilmente será melhorado numa próxima vez, logo não produzirá nenhum desenvolvimento a nível de conhecimentos nem, tão pouco, produzirá efeito sobre o aluno.

Cada erro deve ser visto como um problema a ser resolvido, e para o resolver é necessário fazer a pergunta a nós próprios ou a outro: O que correu mal? O que posso fazer para melhorar? Assim o desenvolvimento profissional prolifera, o conhecimento cresce exponencialmente, e a prática melhora substancialmente. Esta atitude reflexiva aplica-se, da mesma forma, ao trabalho dentro da aula e fora da aula, já que se pode reflectir sobre qualquer acção, desde para com um aluno como para com um colega Professor ou um Funcionário. A atitude reflexiva deve ser uma constante no desenvolvimento laboral do Professor reflexivo, sempre pronto e disposto a melhorar, a aprender, a fazer melhor.

Para este ponto eu propus-me a evoluir em 4 diferentes áreas diferentes, visando 4 objectivos diferentes, e penso que o fiz em todas, sem excepção. As próximas linhas tentarão resumir, dentro das áreas escolhidas,

aquilo que eu entendi como o meu desenvolvimento profissional, fruto da minha reflexão sobre o meu trabalho de Professor desenvolvido ao longo de todo este ano.

#### 4.4.1. Condução das aulas de Educação Física

Comparando, hoje, as minhas primeiras aulas com as últimas consigo ver uma clara diferença entre elas, e isso ficou registado:

*“A Prof. cooperante, na reflexão da aula, fez-me ver aspectos dos quais eu não tive noção no decorrer da aula, e alguns erros cometidos: Alguns exercícios mal colocados quebraram o ritmo da aula, poderia ter trocado um ou outro de forma a não quebrar o ritmo; O primeiro exercício de estafetas era repetido, poderia ter utilizado outro nesta aula; A organização do exercício de skipping não resultou uma vez que não permite corrigir todos os alunos; O trabalho de força preferencialmente é feito no fim da aula e não no início; Alguns exercícios promoveram algum desinteresse por parte dos alunos. De uma forma geral a estrutura da aula não estava muito correcta, o que levou ao desinteresse momentâneo e às quebras de ritmo.”* (Reflexão da aula 11 e 12, p. 5).

*“De resto o jogo correu muito bem, eles empenharam-se e fizeram cumprir as regras. Acabei por fazer apenas dois jogos, por não ter tempo suficiente para fazer mais. No entanto não sei se optar por jogos mais curtos não seria melhor opção. Por um lado dá menos tempo para entrar no jogo e organizar as equipas. Por outro lado também dá menos tempo de fora, e permite a realização de mais jogos. Tenciono, na próxima aula, experimentar esta abordagem de jogos mais curtos”* (Reflexão da aula 64 e 65, p 4).

Para evoluir, uma pessoa deve ter noção que apresenta falhas e aceitar com humildade as opiniões dos outros. Apenas assim se evolui positivamente. Alguém que se julgue na plena sabedoria não estará apto para ver os seus erros, ou tentará sempre justificá-los de forma a que a responsabilidade do erro não seja sua, prejudicando dessa forma o seu progresso. Durante este

processo eu senti essa evolução em mim de forma clara. No início tudo era um problema grande, o mais pequeno entrave parecia uma parede intransponível, os erros não me eram claros se não fossem frisados pela Professora Cooperante ou pelos meus colegas. Com o passar do tempo eu fui ganhando a autonomia e capacidade que me faltava, de lidar com a turma. A primeira citação diz respeito a uma das primeiras aulas deste ano lectivo e a segunda diz respeito a uma das últimas do 2º Período e eu penso que a diferença na minha maturidade enquanto Professor é clara. No início a Professora relatava-me a sua observação e fazia-me ver onde eu tinha errado, com a experiência a aumentar eu já conseguia olhar para as minhas aulas e perceber onde tinha errado, o que havia a melhorar e como fazer para melhorar. E Julgo que quanto mais experiência eu acumular mais clara vai ser essa minha noção.

O meu desenvolvimento profissional passou muito, também, pela capacidade de perceber as minhas maiores limitações profissionais, de como lidar com elas, a curto prazo, e de como tentar extingui-las, a médio - longo prazo. Falo concretamente dos problemas de observação e colocação de voz, que me acompanharam da primeira à última aula. Estes problemas nunca se apresentaram como solucionáveis de uma aula para a outra. Ambos reclamaram, e ainda reclamam, muito trabalho e paciência para que possam ser ultrapassados. Ainda assim consegui, em ambos, desenvolver algum trabalho e ver alguns resultados. Cheguei ao final do ano lectivo com uma capacidade muito maior em falar para um grupo grande, num ambiente barulhento, apesar de ainda demonstrar algumas dificuldades, e consegui melhorar também bastante a minha capacidade para observar a turma e a aula. Consegui desenvolver estratégias para conseguir colmatar a minha dificuldade em falar com uma voz audível, através do apito e de organização dos alunos, e consegui sempre fazer os meus registos de observação sem comprometer o sucesso ou a avaliação dos alunos.

Uma capacidade que também noto ter desenvolvido visivelmente foi a de ajustar os exercícios conforme as exigências da aula, a “condução” da aula propriamente dita. Numa fase inicial o plano de aula era seguido à risca, o planeado tinha de ser cumprido o mais fielmente possível. No entanto tenho a

noção que com o passar do tempo e o crescer da experiência eu fui alimentando a capacidade de modificar o planeado na altura da sua aplicação sempre que necessário. Quanto a mim isso faz transparecer alguma maturidade nesse processo. É preciso ter noção quando o planeado não se adequa à realidade da aula ou quando o exercício não está a resultar, provocando desinteresse, ou ainda quando um exercício passou do seu prazo de validade e necessita de ser terminado.

Julgo que ainda posso apontar mais um ponto onde o meu crescimento profissional foi marcado, aliando-se este crescimento à minha dificuldade em colocar a voz. Uma vez que me é difícil fazer ouvir, esse problema agrava-se, naturalmente, com o aumento do tamanho do texto. Quanto mais eu tiver de falar mais esforço a garganta e mais dificuldade tenho em falar alto. Assim eu cedo percebi que tinha de arranjar estratégias para colmatar essa falha. Imediatamente percebi que tinha de sintetizar a informação transmitida aos alunos na explicação dos exercícios e nas aulas teóricas. A Professora Cooperante também me chamou a atenção para este aspecto. Consegui ultrapassar o meu ímpeto de querer sempre explicar todos os pormenores passando a explicar sempre o necessário ao grupo e só depois ir corrigindo os pormenores a quem mais o solicitava. Assim reduzi o texto declamado em voz alta e não retirei qualidade nenhuma às aulas, até pelo contrário.

As acções de formação em que participei este ano também foram, como é óbvio, momentos fundamentais no meu desenvolvimento profissional porquanto me muniram com conhecimentos novos e críticos para conseguir conduzir a turma ao longo de todo o ano. Um Professor que não conheça uma modalidade dificilmente conseguirá ensiná-la. E além disso, há saberes de modalidades que podem ser uma grande mais-valia para outras modalidades. O Professor pode facilmente ajustar um dado movimento de uma modalidade para facilitar a aprendizagem de um outro movimento, de uma outra modalidade. Assim o que aprendi em badminton foi fundamental para a condução das aulas dessa unidade didáctica, sem ela não conseguiria ensinar os meus alunos a jogar essa modalidade. O kin-ball, como já ficou claro, acompanhou-me durante quase todo o ano, contribuindo para o meu



desenvolvimento profissional como nenhuma outra modalidade por si só. O speedminton foi uma lufada de ar fresco na minha apreciação dos jogos de raquete, mostrando-se empolgadamente viciante e divertido de jogar. As actividades rítmicas expressivas foram óptimas para trabalhar o controlo do corpo e aprender novos movimentos, e o rugby resultou tanto como o speedminton, mostrando-se uma modalidade muito atraente e ainda com movimentos e tácticas bem diferentes daquelas que eu estava habituado.

Estas acções de formação preencheram, por si só, algumas falhas de conhecimento que eu apresentava. Foram momentos propositadamente dirigidos para o efeito, e resultaram perfeitamente como desejado.

De uma forma menos profunda, mas não menos importante, também fui crescendo noutras áreas do mundo do trabalho. O conhecimento da escola, das instalações, do pessoal docente e não docente, de forma lenta e gradual, foi-me ajudando a crescer profissionalmente. Eu entendo isto desta forma já que, na minha opinião, crescer profissionalmente não implica apenas melhorar eficácia e qualidade do trabalho em si mas também desenvolver capacidade de conhecer e lidar com todos os outros profissionais que trabalham naquele local. Cada pessoa tem uma personalidade diferente, cada um desempenha uma função diferente, cada funcionário tem uma área onde desenvolve o seu trabalho, cada Professor tem um conhecimento diferente, e quanto melhor eu conseguir lidar com essa complexidade de factores mais condições terei para desenvolver um bom trabalho, dentro e fora, antes, durante e depois da aula. Em várias ocasiões perdi largos minutos de trabalho devido à falta, por exemplo, de um agraphador ou de uma extensão eléctrica. Numa fase mais adiantada do ano lectivo isso já raramente acontecia já que eu já sabia perfeitamente a quem recorrer ou onde procurar para resolver esse tipo de situações. Penso que conseguir crescer nesse aspecto também é importante para planear boas aulas. Por vezes podemos ignorar recursos que a escola dispõe por não saber a quem recorrer na altura correcta.

O grupo de estágio ajudou-me imenso neste ponto já que se manteve muito coeso durante todo o ano lectivo e desenvolveu o seu trabalho sempre num clima de muito boa disposição, amenizando todo e qualquer sobressalto

no processo. Todos nos apoiávamos em momentos menos bons e isso fez-me ver que uma aula que corre mal não é o fim do mundo, e que há sempre lições a tirar dela. Sempre fomos francos uns com os outros, dizendo de boa fé a opinião, fosse ela boa ou má. Isso contribuiu muito para um crescimento profissional.

#### **4.4.2 Conhecer mais aprofundadamente a organização “escola”**

Conhecer a escola como organização também se torna um ponto da maior importância para um Professor. A escola tem objectivos educacionais que devem ser cumpridos, tem regras impostas pelo Ministério da Educação, tem regras próprias estruturadas no seu regulamento interno e tem um funcionamento organizado segundo as suas próprias características e características do seu grupo de trabalho. Um Professor deve, como qualquer outro profissional, estar integrado nessa organização e saber qual o seu lugar dentro da hierarquia, que faz a escola funcionar dentro dos vários limites impostos. Segundo Ribeiro (1989) *“a natureza das competências docentes tem de ser concebida em termos de tarefas funcionais, abrangendo actos comportamentais ou aptidões técnicas, cruzando-se umas e outras com diferentes dimensões e contextos de processo do ensino escolar”*. (p. 32) Os Professores estão presentes em todos os órgãos de gestão de uma escola, desde o conselho geral, passando pelo conselho pedagógico até ao conselho superior, e representam sempre a maior percentagem das mesas de todos os órgãos. Torna-se necessário para um Professor saber desempenhar funções mais altas hierarquicamente, saber desempenhar diferentes tarefas, de naturezas distintas, estar a par da legislação concernente à sua actividade profissional e conhecer a fundo o funcionamento dessa organização que é a escola.

A hierarquia da escola era algo que eu desconhecia, de certo modo por pensar, até bastante tarde no meu percurso escolar e académico, que ela se resumia ao conselho directivo, conselho esse que mudou de nome algumas vezes durante esse meu percurso, o que não facilitou a tarefa. A imagem que

eu tinha da organização da escola era um director, soberano, um conselho executivo que reunia para tomar decisões e dar castigos, o grupo de Professores e os subgrupos das diferentes áreas disciplinares, e no fim os alunos. O pessoal não docente aparecia nesta minha concepção como meros funcionários que cumpriam ordens superiores. Hoje tenho a perfeita noção que a hierarquia da escola não se assemelha nada com este quadro, no entanto é algo que eu ainda gostava de conhecer melhor. Sei que o director não é soberano, sei que o conselho superior não toma todas as decisões dentro da escola, existindo também o conselho pedagógico, sei que o órgão mais alto da hierarquia escolar é o conselho geral e que esta mesa é composta por várias pessoas, desde Professores a funcionários, alunos, pais e encarregados de educação, representantes da autoridade e representantes do município.

Há ainda muita informação que não conheço no que diz respeito ao funcionamento da escola, há ainda muito que aprender no que a legislação diz respeito e há ainda muito para crescer enquanto membro da comunidade escolar.

#### **4.4.3. Construir e manter os documentos organizados**

Um Professor lida diariamente com uma quantidade enorme de informação. As suas turmas obrigam a uma produção de documentos, e correspondente actualização, em grande escala, ao que se juntam as actas das reuniões, a preparação de reuniões, apresentações, acções de formação, documentos relativos à direcção de turma, e outros documentos, provenientes de outras áreas. Não é, de todo, possível desempenhar a função de docente numa escola sem a realização destes documentos. No estágio a quantidade de documentos é ainda maior, devido às exigências da avaliação do estagiário e das outras unidades curriculares. Isso fez com que durante este ano eu me visse quase sufocado pelo trabalho que tinha de produzir em certas alturas. Esse aperto obrigou-me a ser organizado e metódico sob pena de perder o controlo do meu dossier. Não posso dizer que neste aspecto eu cresci muito ao longo do estágio, uma vez que sempre fui metódico no meu trabalho e sou uma

pessoa organizada por natureza. No entanto esta experiência colocou à prova as minhas estratégias de trabalho uma vez que nunca tinha passado pela necessidade de produzir tantos documentos, tão extensos e complexos e, acima de tudo, durante tanto tempo seguido (10 meses). Caso o meu método de trabalho não resultasse eu teria sentido na pele, o que não aconteceu. Sempre mantive as coisas em dia, a pasta arrumada, nunca me faltaram documentos e a localização destes foi sempre bem clara para mim. Penso que estou bem preparado para enfrentar o mercado de trabalho no que toca à produção e organização de documentos.

#### **4.4.4. Esclarecer dúvidas acerca da profissão**

##### **Dentro de uma formação há sempre lugar para novas formações**

Cunha, 2008, p. 35

Quando coloquei este ponto no meu projecto de formação individual não tinha muito claro na ideia quais as dúvidas a que me referia, isto é, não podia precisar que dúvidas me iriam surgir ao longo deste processo. O meu objectivo foi não deixar escapar oportunidades de fazer perguntas a todo e qualquer interveniente do processo ensino e aprendizagem, não descartar opiniões, fossem elas de quem fossem, e não descartar situações que me fizessem crescer enquanto profissional.

##### **“Quando uma pessoa deixa de perguntar, ela deixa de aprender, deixa de crescer.”**

Cury, 2004, p. 130

Hoje não sou capaz de relatar todas as perguntas que fiz nem consigo dizer todas as situações que me ensinaram algo (até porque foram quase todas). No entanto posso afirmar com toda a segurança que aprendi algo com todas as pessoas com quem interagi este ano. Como já deixei claro, no ponto 4.4.1., não entendo o desenvolvimento profissional apenas como o

desabrochar de competências na sala de aula, no pavilhão, mas antes por toda a aprendizagem que o Professor alcança no seu local de trabalho, a escola. Segundo Estrela (1987:55, citado por Albuquerque, Graça, & Januário, 2005; p.25), “competência é o conjunto de conhecimentos, saber - fazer e atitudes a desenvolver no Professor em situação de ensino”.

Um exemplo claro. O seguinte excerto refere-se ao final da 2ª ficha de avaliação que eu realizei na minha turma, na aula 67 e 68. Como não tinha sala disponível tive que utilizar o espaço da biblioteca. Um aluno que demora sempre muito a entregar os testes ficou para último e eu encontrava-me ao seu lado:

*“(...) a experiência de estar na pele de um Professor deu-me mais uma pequena lição. Ao falar com o Mário sentei-me, inconscientemente, na mesa adjacente à dele, e, passado um tempo curto, reparei nisso e apressei-me a sair, uma vez que não é um bom exemplo. No final do dia o Encarregado, o Sr. Ilídio, chamou-me a atenção precisamente para isso. Num curto espaço de tempo tive um pequeno mau comportamento que não passou em claro, mostrando-me que, enquanto Professor, devo ter sempre cuidado com os meus actos. Mal ou bem sou um exemplo para os alunos. Foi uma coisa quase sem importância, mas que acaba por ser muito importante.” (p. 2).*

Um momento ótimo para eu crescer como profissional. O Sr. Ilídio, coordenador dos assistentes operacionais, funcionário respeitadíssimo pela comunidade escolar, não deixou passar em claro um pequeno aspecto que se calhar hoje, erradamente, pouca importância se lhe atribui. É uma pessoa cuja experiência na escola está anos-luz à minha frente, logo eu só podia acatar com toda a humildade e agradecimento o conselho prestado. Um Professor é um exemplo, não pode cometer este tipo de erros básicos. Que moral tenho eu, agora, para dizer a um aluno para não se sentar em cima da mesa? E se o Sr. Ilídio não me chamasse a atenção? Voltaria a cometer esse erro? Tenho a certeza que aquele momento marcou o meu estágio, não apenas pela situação em si, e o que eu aprendi com ela, mas também pela moral da história, e pelo sinal que me foi dado. A moral da história é facto de o Professor ser um Professor em tudo o que faz na escola. É um exemplo em todas as suas

acções e está sempre a ensinar, por vezes sem se aperceber. O sinal foi o despertar os sentidos para todas as vias possíveis de aprendizagem. Quando menos se espera, e de quem menos se espera, surge uma lição que nos faz aprender, crescer, e é minha obrigação estar atento a isso. O Professor cresce de várias formas, aumentando o seu conjunto de conhecimentos mesmo quando não está à espera.

Como é óbvio eu próprio também coloquei muitas dúvidas a muitos membros da comunidade escolar e participei em muitas conversas entre Professores, a maior parte das vezes apenas como ouvinte, absorvendo tudo o que podia.

Aprendi muitas coisas, umas mais específicas da Educação Física, outras mais latas, referentes à Educação, ouvi muitas opiniões diferentes. Mas a lição mais importante que aprendi - resultado de tudo o que aprendi este ano - foi que não há consenso em relação a nada, no que toca à Educação. Cada Professor tem as suas crenças, tem as suas experiências - que valem tanto mais quanto mais reflectidas forem - cada disciplina tem a sua perspectiva sobre a escola e a educação, cada escola tem as suas particularidades, cada aluno apresenta capacidades e dificuldades diferentes. Ribeiro (1989) afirma que “não há fórmulas de ensino aplicáveis pelos Professores em todas as circunstâncias e a todos os alunos; não há métodos aplicáveis a todos os contextos, em qualquer momento e sobre quaisquer condições; não há teorias da educação, princípios de aprendizagem, tecnologias de ensino universalmente aceites das quais se possa derivar um único perfil de Professor adequado em quaisquer circunstâncias.

Por consequência, o Papel do Professor consiste em escolher, de uma enorme variedade de alternativas, pressupostos sobre valores, princípios científicos e procedimentos técnicos e em estar apto a justificar as suas decisões, de acordo com as circunstâncias concretas do ensino no momento e no local em que exerce as suas funções docentes.” (p. 82).

Assim torna-se imprescindível que uma escola seja uma organização bem organizada, com uma boa comunicação interna e externa. Os alunos vão

continuar a ser diferentes, as opiniões vão continuar a ser distintas, as disciplinas vão continuar a marcar o seu território, as suas crenças e as suas metodologias. A escola é assim mesmo, complexa. O que importa é que cada um saiba qual a sua posição lá dentro e qual o seu trabalho, conseguindo resolver os problemas que lhe surgem, sempre com o objectivo central que é Educar e com o objectivo de ensinar a sua disciplina. Quanto à complexidade, ela é ultrapassada com o trabalho em grupo.

***“O comportamento de uma equipa só será eficaz e rentável quando todos os seus membros compreendem e aceitam de modo responsável as decisões tomadas, no sentido de melhorar o seu desempenho. O grau de coesão de uma equipa aumenta com a melhoria da percepção, de todos os seus membros, de quais as tarefas e responsabilidades que lhes cumprem no colectivo.”***

Araújo & Henriques, 2005, p. 36

Uma escola é uma equipa. Quanto melhor definidos estiverem os objectivos gerais, quanto mais claras forem as tarefas de cada um e quanto melhor for a comunicação entre os seus elementos, todos eles, mais fácil será lidar com as complexidades e dificuldades que o trabalho impõe. Uma equipa cujos elementos trabalhem de costas voltadas não conseguirá atingir os seus objectivos, por mais fácil que o trabalho seja. É Preciso que todos remem no mesmo sentido, conseguindo subir contra a corrente, se for necessário.





## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO**



## **5. Considerações finais e perspectivas para o futuro**

O ano lectivo de 2009 – 2010 irá ficar para sempre marcado na minha memória devido à experiência da realização do Estágio Profissional. Neste ano deixei de ser apenas um aluno e vesti o fato de macaco da docência pela primeira vez, experimentando tudo o que há de melhor, e pior, em desempenhar as funções de Professor numa escola do ensino básico: a Teixeira Lopes. Foi sem dúvida o ano em que mais aprendi, em que mais evolui e em que mais cresci. A aprendizagem que desenvolvi durante esta experiência foi incomparavelmente maior do que em qualquer outro dos anos lectivos da minha vida académica. A prática, a vivência dos problemas, a necessidade dos conhecimentos fez-me perceber o quão importante foram os conteúdos das outras unidades curriculares. Ao longo deste ano recorri frequentemente a informações guardadas de anos anteriores, de forma autónoma, por necessidade, porque sentia que precisava dessas informações, e não porque precisava de tirar boa nota num exame. Dessa forma cresci muito, o que aprendi com essas buscas de informação fica retido de forma muito mais fácil e é solidificado numa forma bem mais robusta dado que é algo criado a partir de uma experiência, dum problema real e dum resolução do mesmo. Estava preparado para ser Professor, mas nunca pensei ser tão Professor de mim mesmo.

Por outro lado a constante reflexão sobre o trabalho realizado, juntamente com a análise a esse mesmo trabalho, realizada e partilhada pelo grupo de estágio e Professora Cooperante, contribuiu também de forma soberba para que o meu desenvolvimento profissional se catapultasse. Todas as acções tomadas foram discutidas e reflectidas, todas as opiniões foram ponderadas e todas as opções foram experimentadas procurando sempre melhorar os resultados.

Os Professores com quem contactei durante este ano, na Teixeira Lopes, foram também eles, por si só, uma mais-valia enorme no desenvolvimento profissional e social que eu protagonizei. Todos eles eram donos de um saber enorme, todos eles apresentavam características bem

diferentes umas das outras e todos eles me ensinaram algo, sempre importante. Sinto-me beneficiado por ter trabalhado com um grupo de Professores tão profissional, sábio e bem-humorado. Falo fundamentalmente do grupo de Educação Física mas não excluo os restantes docentes. Não tenho dúvidas que em outro contexto o meu desenvolvimento não teria sido tão evidenciado.

Os alunos que instruí marcaram também uma quota-parte deste desenvolvimento já que foi sempre sobre as suas respostas que o planeamento e a reflexão foram construídos. Este grupo de alunos ensinou-me muito sem mesmo disso se aperceber. Fiquei muito contente em saber que eles gostaram da experiência de ser meus alunos, o meus primeiros alunos, e eu sinto o mesmo. Apesar das suas características próprias foram uns alunos bem-educados e bem-humorados, o que ajudou muito ao desenvolvimento de uma boa relação e um bom trabalho.

Uma palavra ainda para os funcionários da escola, fundamentalmente para os do bar da sala dos Professores, do pavilhão gimnodesportivo e para o coordenador dos assistentes operacionais, que foram com quem mais contactamos. Fizeram o grupo de estágio sentir-se em casa durante todo o ano e foram sempre extremamente prestáveis. Um grupo de pessoas que, apesar de menos instruídas têm largos anos de experiência de escola, de como lidar com os alunos e são donos de muita sabedoria. Essas pessoas têm muita coisa para nos ensinar, e eu sempre estive disposto a aprender.

Uma última referência para o grupo de estágio e Professora Cooperante. Este pequeno grupo de 4 elementos funcionou como um subgrupo do grupo de Educação Física e fê-lo com enorme sucesso. Todos se mostraram muito bons profissionais e o trabalho que estava em cima da mesa foi sempre elaborado sem problemas, um trabalho de equipa muito bem organizado e capaz. Os estagiários foram sempre vistos pelos restantes Professores de Educação Física como uma boa parte desse grupo e como uma mais-valia para este, dado que desenvolvemos muito trabalho em prol desta organização. Nunca fomos menosprezados, sempre nos sentimos integrados e valorizados no seio desta mesa, e isso deveu-se não só às qualidades dos

Professores com quem lidamos mas também, sem dúvida, à qualidade do nosso trabalho. Penso que este ano lectivo passou extremamente rápido muito por culpa do bom ambiente deste pequeno grupo.

Sei que foi neste ano, com esta experiência, que atestei a minha bagagem de conhecimento e experiência para partir na última viagem, o mercado de trabalho. Sem os conhecimentos que adquiri e solidifiquei este ano carregaria comigo muito menos sabedoria, muito menos capacidade e experiência. A minha opinião seria bem mais pequena e leve. A minha capacidade de resolver problemas e encontrar soluções seria bem mais frágil.

Tenho noção que os próximos anos não serão um belo passeio, há muitas dificuldades que terei de ultrapassar se quiser ser um profissional bem sucedido. O mercado de trabalho está cheio, e não deixa espaço para incompetência, colocando muita pressão sobre os seus trabalhadores. Foi com essa noção que percorri todo o caminho até aqui, e não será agora que pensarei de forma diferente. Apesar disso encaro o futuro com ambição e tenho vontade em o agarrar de frente, com as minhas próprias mãos. Estou consciente das minhas capacidades, sei que tenho muito espaço reservado para novos conhecimentos, e sei que a minha formação é um ponto que joga a meu favor neste desafio que se avizinha. Levo comigo o orgulho de ter frequentado esta instituição e também o peso da responsabilidade de a representar. É meu dever honrá-la de todas as formas possíveis perpetuando o seu bom nome.

Quanto ao Futuro ainda não posso dizer que tenho já planos muito definidos, mas tenho uma boa ideia do que pretendo para a minha carreira, deixando sempre a porta aberta para as oportunidades que eventualmente me surjam no caminho. O meu objectivo primordial é, sem dúvida, entrar para os quadros de uma escola. Sei que a probabilidade de isso acontecer nos próximos anos é diminuta, ainda assim continua como um objectivo a atingir. Entretanto, o futuro imediato passará por procurar horas de trabalho em ginásios, fazer por integrar o grupo de Professores das Actividades de

Enriquecimento Curricular (AEC's) de Vila Nova de Gaia e estar atento a mais oportunidades de ganhar experiência, tempo de serviço, e, claro, dinheiro.

Ainda dentro do mesmo assunto, tenho um plano para o meu futuro que está ainda em cima da mesa e que poderá, eventualmente, representar uma boa parte dele. Como disse no meu enquadramento biográfico, eu estou integrado num pequeno projecto de formar uma pequena equipa de jovens. Tenho um espaço privilegiado em minha casa para o fazer, espaço esse que está ainda muitíssimo subaproveitado. Há muitas condições para melhorar, infra-estruturas para construir e ideias para por em prática uma academia de futebol infantil com ideais muito próprios. Este projecto pode até não desenvolver muito mais do que já se desenvolveu até aqui, mas pode também tornar-se numa boa parte do meu futuro profissional, e se isso se afigurar possível eu agarrarei a possibilidade “com unhas e dentes”. Ainda não há uma estratégia definida, ainda não sei se estou a falar de um projecto a curto ou longo prazo, mas é, de facto, uma possibilidade, e muito atractiva.

Ao concluir este processo de formação ganhei a noção que estou qualificado a trabalhar numa área onde tenho muitas portas que posso abrir, apesar de poucas delas se mostrarem como um emprego duradouro. Terei de continuar com a minha formação, terei de me manter a par das novidades para conseguir acompanhar o mercado de trabalho. A realidade já não é entrar numa escola e ficar com um ordenado e carreira garantidos para a vida, bem pelo contrário. A minha realidade passa por procurar, experimentar, formar-me continuamente, e escolher sempre o mais favorável para mim, e para o meu futuro. Este ano foi o primeiro de muitos que se seguem, em que eu me eduquei a mim mesmo. Tive de me adaptar, constantemente, a muitos conhecimentos novos, a uma realidade diferente. Tive de aprender, tive de reflectir, e tive de olhar para mim mesmo e modificar-me de modo a conseguir ultrapassar as dificuldades que surgiam, novas, todos os dias. Este ano senti como se eu fosse um Oleiro... e o seu barro!

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**





## Referências Bibliográficas

- Albuquerque, A., Graça, A., Januário, C. (2005). *A supervisão pedagógica em Educação Física: A perspectiva do orientador de estágio*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Antunes, M. C. P. (2001). *Teoria e Prática Pedagógica*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Araújo, J. & Henriques, M. (2005). *Dirigir equipas melhorar competências*. 2ª Edição. Porto: Teamwork edições.
- Cunha, A.C. (2008). *Pós-Modernidade socialização e profissão dos Professores (de Educação Física): Para uma “nova” reconceptualização*. Viseu: vislis editores.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, Professores fascinantes*. Cascais: Editora Pergaminho.
- Cury, A. (2006). *Filhos brilhantes alunos fascinantes*. Cascais: Editora Pergaminho.
- Damas, M.J. & De Ketele, J.M. (1985). *Observar para avaliar*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Good, T. L. & Brophy, J.E. (1994). *Looking in classrooms*. 6ª Edição. E.U.A.: Harper Collins college Publishers.
- Graça, A. (2001a). Breve roteiro da investigação empírica na pedagogia do desporto: a investigação sobre o ensino da educação física. *Revista Portuguesa de Ciências do desporto*, 1 (1), 104-113.

- Graça, A. (2001b). O conhecimento pedagógico do conteúdo: O entendimento entre a pedagogia e a matéria. *Educação Física e Desporto na Escola. Novos desafios, diferentes soluções*. P. Botelho Gomes; A. Graça (eds.), FCDEF.UP, 107-120.
- Piasenta, J. (1994). *Aprender a Observar*. Lisboa: INSEP – Publications.
- Ribeiro, A.C. (1989). *Formar Professores: Elementos para uma teoria e prática da formação*. Lisboa: Texto Editora.
- Rink, E. J. (1993). *Teaching physical education for learning*. 2ª Edição. E.U.A.: Mosby – year book, Inc.
- Sarmiento, P (2004): *Pedagogia do Desporto e Observação*. Lisboa: FMH edições.
- Siedentop, D.; & Tannehill, D. (2000). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. California: Mayfield Publishing Company.
- Sullivan, S. & Glanz, J. (2000). *Supervising that improves teaching: Strategies and techniques*. E.U.A.: Corwin press, Inc.
- Vickers, J. (1989). *Instructional Design for Teaching Physical Activities*. Human Kinetics Books.

